

ACORDO COM O CUPIDO 1

# TENTADORA

*Confusão*

D. A. LEMOYNE



# DADOS DE COPYRIGHT

---

## SOBRE A OBRA PRESENTE:

*A presente obra é disponibilizada pela equipe Le Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo*

---

## SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

*O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste [LINK](#).*

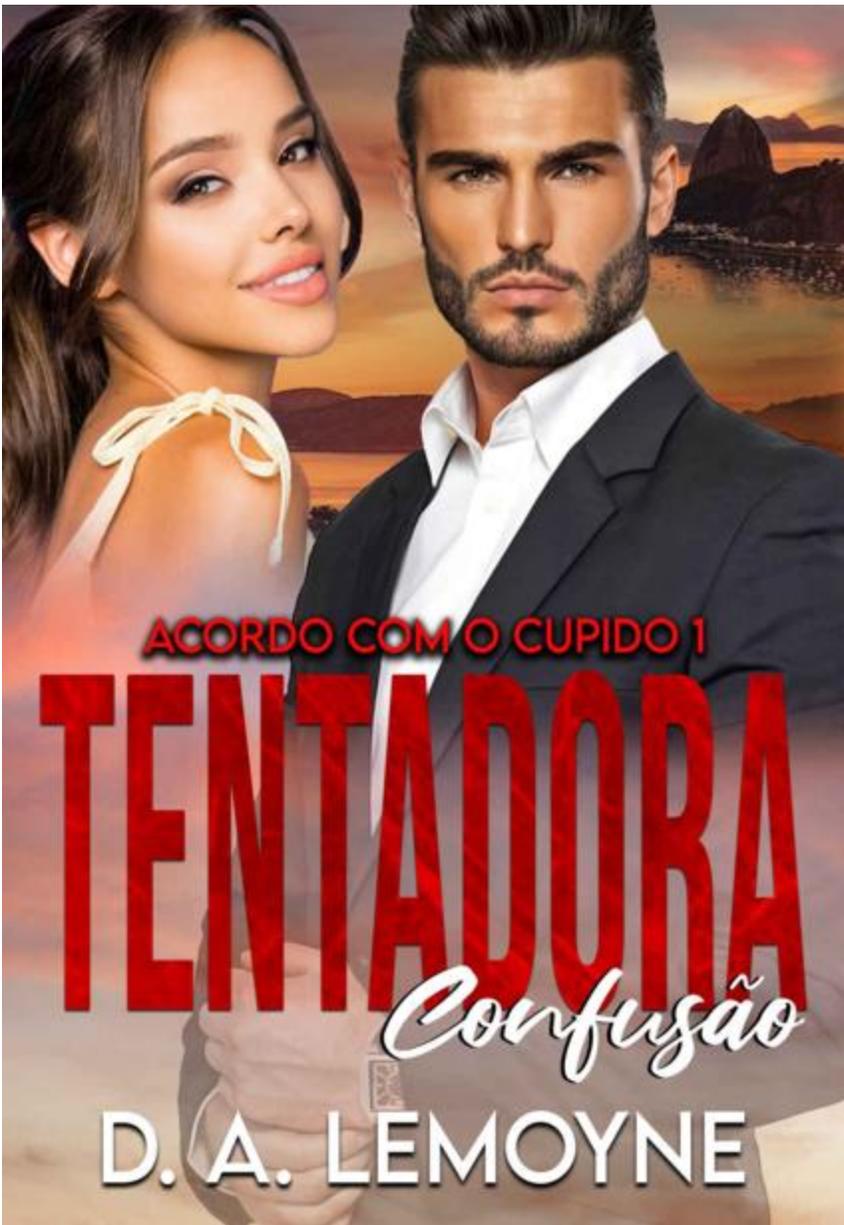
---

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e*

*poder, então nossa sociedade poderá enfim  
evoluir a um novo nível."*

---





**D. A. LEMOYNE**

Copyright © 2022

**Sumário**

**[Copyright © 2022](#)**

**[NOTA DA AUTORA :](#)**

**Prólogo**

**Capítulo 1**

**Capítulo 2**

**Capítulo 3**

**Capítulo 4**

**Capítulo 5**

**Capítulo 6**

**Capítulo 7**

**Capítulo 8**

**Capítulo 9**

**Capítulo 10**

**Capítulo 11**

**Capítulo 12**

**Capítulo 13**

**Capítulo 14**

**Capítulo 15**

**Capítulo 16**

**Capítulo 17**

**Capítulo 18**

**Capítulo 19**

**Capítulo 20**

**Capítulo 21**

**Capítulo 22**

**Capítulo 23**

**Capítulo 24**

**Capítulo 25**

**Capítulo 26**

**Capítulo 27**

**Capítulo 28**

**Capítulo 29**

**Capítulo 30**

**Capítulo 31**

**Epílogo 1**

**Epílogo 2**

**Cenk Yavuz Aydin**

**PAPO COM A AUTORA**

**Obras da autora**

**SOBRE A AUTORA**

ACORDO COM O CUPIDO 1

# TENTADORA

*Confusão*

Não há mais espaço entre nós e  
o calor de sua respiração, a  
maneira como parece ansiosa  
pelo meu toque, me  
enlouquece. Malu inclina a  
cabeça para trás, entregue e  
quando um gemido de  
antecipação sai de sua boca,  
eu a tomo, faminto.

Emir Yavuz Aydin  
(Tentadora Confusão)

**D. A. LEMOYNE**

dalemoynewriter@gmail.com

Copyright © 2022 por D. A. Lemoyne

Título Original: Tentadora Confusão - Acordo com o Cupido -  
Livro 1

Primeira Edição 2022

Carolina do Norte - EUA

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida por qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópia, gravação ou outros métodos eletrônicos ou mecânicos, sem a prévia autorização por escrito da autora, exceto no caso de breves citações incluídas em revisões críticas e alguns outros usos não-comerciais permitidos pela lei de direitos autorais.

Nome do Autor: D. A. Lemoyne

Revisão: Dani Smith Books

Capa: D. A. Lemoyne

ISBN: 978-65-00-47197-7

Esse é um trabalho de ficção. Nomes, personagens, lugares, negócios, eventos e incidentes são ou produtos da imaginação da autora ou usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas ou eventos reais é mera coincidência.



**Atenção:** pode conter gatilhos.

**Aviso: *Tentadora Confusão***, livro 1 da série de novelas **Acordo com o Cupido**, é um volume único. Por ser com casais diferentes, cada livro da saga pode ser lido separadamente, mas é provável que o posterior contenha *spoilers* do anterior.

Emir Yavuz Aydin, um advogado turco, bilionário e mal-humorado, chega ao Brasil com uma missão: realizar o último desejo que o padrasto lhe pediu no leito de morte.

O magnata arrogante não gosta de perder tempo e para ele, essa viagem não passa de uma obrigação — uma da qual, se

pudesse, escaparia.

Porém, como homem honrado, nunca volta atrás com sua palavra.

Maria Luíza Barcellos, conhecida pelos amigos como Malu, é uma das poucas intérpretes no Rio de Janeiro que fala com fluência o idioma natal de Emir e quando o destino intervém, unindo esses opostos completos, a atração entre os dois é explosiva.

Ambos têm motivos de sobra para fugir um do outro, mas o cupido resolveu agir e não há nada que possam fazer a não ser se renderem ao amor.

Emir, entretanto, guarda um segredo e quando chegar o momento de revelá-lo, talvez perca para sempre a mulher que o fascina.

A todos os que acreditam no amor e curtem dar boas risadas.

Aos meus parceiros nesse projeto: Carla Arine, Tom Adamz e Stephânia de Castro.

Carolina do Norte, junho de 2022.

NOTA DA AUTORA:

***Tentadora Confusão***, livro 1 da série de novelas (livros menores) **Acordo com o Cupido**, contará a história do Malu Barcellos, intérprete e filha de uma parente da mãe adotiva de Olívia Oviedo[1] e Emir Yavuz Aydin, um advogado turco e milionário que irá para o Brasil a trabalho.

Atenção! Esse personagem é primo do Sheik Kamal, do livro Um Herdeiro Para o Sheik e tem mais quatro irmãos: Qasim, Kahraman, Cenk e Zehab. Sabem o que significa? Isso mesmo, série turca na área. As histórias deles não serão novelas, e sim, livros.

No presente obra, vamos matar um pouquinho da saudade dos Irmãos Oviedo, já que Malu é prima “emprestada” de Olívia, protagonista do livro 1 (lembrem-se de que a falecida mãe adotiva de Olívia era brasileira e mineira).

Nascida e criada em Vale das [Solteiras\[2\]](#), Minas Gerais, Malu tem três amigas inseparáveis: Liz, Ramona e Stela, que serão protagonistas das outras novelas da série. Essas histórias serão escritas por autores diferentes, em sequência.

Preparem-se para dar boas risadas com essa turma.

Um beijo carinhoso e boa leitura.

D.A. Lemoyne



Prólogo

## **Vale das Solteiras[3]**

### **Passado**

Olho para a vendedora da cafeteria e me pergunto como alguém pode ser tão cheio de energia logo cedo pela manhã.

Sério, a mulher parece uma líder de torcida ou animadora de excursão. Credo.

— É quase meio-dia, Malu — minha amiga, Liz[4], diz.

— Eu resmunguei?

— Aham.

Ela é a voz da razão do nosso grupo inseparável de quatro amigas.

— Escapuliu sem querer. Tenho que providenciar uma troca de filtro entre o cérebro e a boca. Ah, e outro relógio biológico —

choramingo, deitando a cabeça na mesa. — Sinto sono a altas horas, apenas.

— Tem isso? Relógio biológico? O meu está quebrado, tenho certeza. — Ramona[5] gargalha.

— Gente, eu devia mudar esse comportamento autodestrutivo de dormir às três e acordar às seis para a escola. Vou ficar cheia de rugas — pondero.

— Você só tem quinze, doida. — Stela[6] dá risada.

— Minha mãe diz que as rugas são sorradeiras, assim como os quilos extra. Eles aparecem de madrugada, quando estamos vulneráveis.

— Sua mãe quer te transformar na Barbie — Ramona diz o que todos estão pensando.

— QUEM PEDIU CAFÉ TRIPLO CAMELO?

A bandida da barista fala tão alto que daria para escutar da plataforma lunar.

Na mesa ao lado da nossa, está um grupo de meninas que apelidamos de “as perfeitinhas” da escola porque são magras, bem-vestidas e sem um fio de cabelo fora do lugar.

Elas me encaram, deixam os olhos percorrerem minha blusa de moletom ultra confortável e ao menos dois números maior, e torcem o nariz.

— CAFÉ TRIPLO CAMELO! Última chance ou vai para o lixo

— a atendente ameaça.

Luto uma batalha entre a vergonha de me confessar uma amante do açúcar e a dignidade.

O desejo pela bebida doce vence de lavada.

Timidamente, ergo a mão, mas a mulher me encara com um sorriso irônico e uma expressão de *só em seus sonhos vou levá-lo até você, queridinha*.

— Próximoooooooooooo! — diz, esticando a última sílaba ao infinito e causando um estouro no meu tímpano.

Crio coragem e faço a caminhada da gula até o balcão, evitando olhar para o garoto que paquero desde o primeiro dia de aula, mas que tenho certeza, nem sabe o meu nome.

Quando volto à mesa, depois de chupar o canudo por um tempo para recuperar minha autoestima através da coragem líquida, falo:

— Vamos ser amigas para sempre, certo?

— Assim espero — Stela diz.

— Onde se veem aos trinta? Eu quero uma família. No mínimo dois filhos. E vocês?

Elas acenam com a cabeça, concordando e em seguida, cada uma revela seus planos para o futuro.

— E se não encontrarmos o homem dos nossos sonhos até lá?

— Liz pergunta.

— Gente, temos quinze. É tempo à beça para correremos atrás de um príncipe encantado — Stela conclui.

— E se não o acharmos? E se ficarmos solteironas? — indago, porque não quero ser como minha mãe que muda de namorado na mesma velocidade com que troca as escovas de dentes.

— Hey, vira essa boca para lá — Ramona me dá uma cutucada.

— Proponho um acordo — digo. — Vamos viver uma boa vida e deixar nas mãos do cupido. Se até os vinte e nove, nada acontecer, tomamos as rédeas e despedimos o querubim safado. A partir de então, nós sairemos à caça do par perfeito.

— Como?

— Ainda não pensei nessa parte. O importante é termos um propósito. Vamos selar o pacto com sangue.

Liz revira os olhos.

— Não seja dramática, Malu. Basta um aperto de mãos.

— Não é simbologia o bastante. Deem uma chupada no meu café triplo caramelo e assim, estaremos unidas para sempre.

Elas balançam a cabeça, sorriem como se eu fosse doida, mas acabam concordando.

E foi dessa maneira que nós firmamos um trato para o futuro.

O que não tínhamos ideia na época, é que haveria escassez de *encantados* no mercado, tanto de príncipes como de sapos.



## Capítulo 1

### Vale das Solteiras

#### Quatorze anos depois

— Opa! Devagar aí, senhor. Não pretendo que seja minha última viagem — reclamo, quando ele freia tão bruscamente que quase voo do assento.

Eu já ouvi falar sobre algumas pessoas que vivenciaram uma experiência da alma sair do corpo, mas não esperava que passaria por isso hoje.

Ponho a mão no peito e respiro fundo. Depois, apalpo meus braços e pernas para ver se está tudo no lugar. Vai que eu morri e não sei.

O homem me olha pelo retrovisor com uma sobrancelha erguida como se perguntasse: *quanto tempo até dar o fora?*

— Muita calma nessa hora, amigo. Gastei todas as minhas economias nesse vestido. Depois dessa freada, estou me sentindo como um *milkshake*. Preciso dar uma conferida na aparência para ver se meu *look* está adequado. Vou encontrar pessoas que não vejo há muitos anos — continuo, mesmo que ele me olhe como se não se importasse. — A não ser minhas três amigas inseparáveis, que essas me

amam de qualquer jeito, sei que os outros vão me passar por uma máquina de raio-x, analisando da sobancelha ao dedão do pé.

Ele me ignora, como fez com todas as reclamações e tentativas de conversa na vinda do hotel para cá, mas estou acostumada a monólogos e além disso, não sou muito sensível.

Pego o espelho e vejo que maquiagem e cabelo estão perfeitos ainda, então coloco a mão na maçaneta, pronta para enfrentar o mundo.

No entanto, antes de descer, viro-me para ele outra vez.

— Tem certeza de que nunca sonhou em ser piloto de fórmula um? Leva jeito.

O motorista me olha de cara feia, mas eu não me importo, vim sendo sacudida o caminho inteiro. O homem além de ter um pé de chumbo, não entende o conceito de frear lentamente.

Ele estacionou em frente ao local onde os manobristas estão pegando os carros dos convidados e depois que saio do veículo, hesito por um momento, observando quem chega à festa.

Não consigo reconhecer qualquer um porque não sou boa em guardar rostos, mas sei que devo ter estudado com a maioria dos presentes que, calculo, regulam comigo em idade — vinte e nove anos.

Aperto a bolsa de mão prateada.

Não me sinto mal vestida, mas é estranho revisitar esse lugar. Se não fosse pelo casamento de Cibele, uma das ex-

companheiras de colégio que eu e as meninas apelidamos de

“perfeitinhas”, mas que acabou se tornando minha amiga nas redes sociais, acho que nunca voltaria para cá, nem a passeio.

Assim que pude, fui embora estudar e morar na capital do Rio de Janeiro e tenho que dizer que adoro o anonimato que somente uma cidade grande nos proporciona.

Às vezes pode ser solitário também, mas ainda é melhor do que viver em um lugar que um sabe da vida do outro.

Eu me afastei em definitivo da minha mãe, encontrando-a no máximo quatro vezes ao ano — apesar de que agora ela foi morar na França e só Deus sabe quando voltará. Nossa convivência se tornou impossível. Se quando eu era uma adolescente, nossa relação era tóxica, piorou muito depois que cresci.

A constante rotatividade de namorados que nunca ficavam mais do que um par de meses, mas que, apenas após dias de encontros, ela já trazia para morar em nossa casa, me fez ter um pouco de fobia de visitas.

Não de gente, mas de gente dentro de casa, tirando minha privacidade.

Sim, eu sei que sou esquisita. Conte uma novidade.

O fato é que eu adoro conversar e conhecer pessoas, mas tenho aquele momento em que preciso do silêncio. Talvez porque ainda não tenha encontrado aquele com quem desejo compartilhar a vida.

*É, mas o silêncio não está ajudando-a a cumprir o pacto que fez com suas amigas na adolescência — uma voz avisa.*

Engraçado que eu raramente pensava naquilo — acho que nenhuma delas pensava —, mas de repente, após receber o convite do casamento de Cibele, volta e meia nossa conversa volta à memória.

Respiro fundo, me preparando para entrar na festa.

Olho os vestidos das mulheres e fico feliz de ter deixado parte do meu rim na loja para comprar o meu.

Não estou destoando, graças a Deus!

Certo, vou confessar que fiz um buraco no orçamento e agora mais do que nunca vou ter que continuar trabalhando como garçõete no barzinho, mas não importa. Vai valer a pena porque hoje pretendo me divertir com minhas almas gêmeas.

Se eu pudesse juntar todas as características das minhas três melhores amigas, criaria o homem ideal, mas infelizmente, há a ausência de uma *peça* nelas que faz muita falta.

Enquanto caminho, tomando cuidado para não tropeçar na bainha do vestido, penso no nome da cidade.

Somente há pouco tempo Stela me explicou a razão de se chamar Vale das Solteiras. Segundo ela, o município foi fundado por

uma família a qual o pai nunca conseguiu casar as dez filhas. Todo solteiro que tentava se envolver com uma delas não tinha êxito.

Sempre acontecia algo trágico e, por fim, as dez morreram solteiras.

A história é um tanto macabra e me faz pensar se nossa promessa da adolescência não teve sucesso porque somos meio que predestinadas a ficarmos sozinhas.

Mesmo as conhecidas que estudaram conosco e se casaram, segundo Stela, foi com homens de outras cidades. Mas quem se importa? A verdade é que cada uma já tem suas famílias, enquanto nós, não.

Meu único *consolo* é que assim como eu, Liz, Ramona e Stela continuam encahadas.

Cada uma de nós teve suas aventuras ao longo da vida, mas no meu caso, embustes.

*Onde está você, oh homem perfeito? Apresente-se!* — digo, rindo.

— O homem perfeito eu não posso lhe oferecer, mas se quiser encher a cara, encontrou a pessoa certa. — Ramona gargalha atrás de mim.



Capítulo 2

— Gente, acho que amanhã vai doer tudo em mim. Não estou mais acostumada a sair como fazíamos na adolescência —

confesso após a décima (ou seria vigésima?) música.

— Caramba, a sola do meu está queimando. Não era assim quando eu ficava a noite inteira na boate antigamente — Ramona diz.

— Ou então você se empolgava tanto que esquecia da dor.  
—

Stela dá risada.

— Eu sugiro nos sentarmos um pouco — Liz fala. — Estou morta depois de passar o dia inteiro em pé no hospital.

Andamos até a mesa onde deixamos nossas bolsinhas de mão e cada uma de nós geme quando finalmente podemos descansar.

Solto as tiras das minhas sandálias e mexo os dedos.

— Quem diz que orgasmo é a melhor coisa do mundo nunca comeu Nhá Benta da Kopenhagen ou se livrou de um sapato apertado.

Ramona ri alto.

— O que vocês contam de novo? Nesse último mês, quase não nos falamos — Stela pergunta.

Estamos em uma mesa mais distante do resto dos convidados, onde podemos conversar com privacidade e também falar besteira sem que nos ouçam.

— Eu continuo fazendo meu trabalho como intérprete —

respondo. — Quando surge algo grande, como aparentemente será esse próximo contrato com um advogado turco, me sinto rica por cerca de um mês e meio, mas como é irregular, sou pobre na maior parte do tempo.

— Já ouviu falar em equilíbrio, meu bem? — Liz sorri. — Se guardasse um pouco de cada trabalho na poupança, poderia viver como classe média a vida inteira.

— E que graça teria isso? Eu prefiro me mimar durante uma semana e depois viver de boas lembranças do que comer no restaurante a quilo para ter dinheiro guardado.

Todas elas balançam a cabeça rindo e não tenho dúvida, me achando louca.

Não tenho qualquer problema em mostrar meu eu verdadeiro na frente das minhas amigas. Além de me conhecerem a vida inteira, inclusive minha tendência para gastos extravagantes, sabem que possuo uma veia dramática.

Quando digo que fico pobre, não é ao pé da letra e sim, que preciso fazer uns serviços extras para manter o padrão de vida, mas trabalho nunca me assustou.

— E sua mãe? — Liz pergunta.

— Não quero nada que venha dela.

— Mas deveria, afinal, se o dinheiro que ela esbanja era do seu pai, tem direito a ele, também.

— Eu não sei se o dinheiro veio do meu pai. Mamãe nunca trabalhou e jamais explicou a origem da renda dela. — Dou de ombros. — De qualquer modo, eu prefiro viver apertada

em minha louca vida de compulsiva por compras do que lhe pedir algo.

O garçom nos serve uma rodada de champanhe e depois que se vai, suspiro.

— Gente, a última solteira da nossa turma do segundo grau se casou — falo, olhando para Cibele dançando, linda e sorridente, com o marido.

— A última não, né? Nós sim somos as últimas quatro encalhadas — Stela fala, rindo.

— Mas também, para casar com embuste, é melhor ficar sozinha

— Liz diz.

— Lembra-se do pacto que fizemos quando éramos adolescentes? — pergunto e elas parecem pensativas, até que Ramona fala:

— Jesus, eu havia me esquecido completamente. Na cafeteria.

Chupamos o canudo do seu café triplo caramelo para selar o acordo.

Aceno com a cabeça, confirmando.

— Alguma de vocês realmente se esforçou para encontrar o boy dos sonhos? — continuo. — Porque vou confessar uma coisa: fico com preguiça de homem muito rápido.

Elas me olham como se soubessem exatamente do que estou falando.

— Os caras hoje em dia não querem amadurecer — Stela diz. —

Com trinta estão interessados em adolescentes. Os de quarenta, sempre têm um ex meio psicopata ou muitos “pacotinhos”, leia-se, filhos, na bagagem.

— Não tenho nada contra pacotinhos que não sejam meus. Se eu realmente o amasse, amaria os filhos dele, também — falo.

— Então por que não encontrou o Senhor Perfeito ainda? — ela pergunta, sorrindo.

— Para começar, porque ele não existe e nem eu quero um assim. Sou imperfeita e cheia de manias. Entretanto, exijo o mínimo de um relacionamento.

— E o que seria isso? — Ramona pergunta.

— Alguém que saiba tocar os pontos certos do meu corpo sem que eu precise criar um tutorial é fundamental.

Nos entreolhamos em silêncio porque infelizmente é a realidade da maioria das mulheres: fingir que sentimos prazer para não perder o parceiro sexualmente egoísta.

— E o que mais? — Liz indaga.

— Fidelidade. Me dar atenção. Eu não sonho com um CEO bilionário no estilo dos livros de romance, mas com alguém que seja perfeito para mim.

— E já encontrou alguém assim? — Stela pergunta.

— Com meu último namorado, achei que havia encontrado, mas o disfarce de super amante atencioso não dura. Agora

decidi que vou dar uma canseira no próximo boy que eu conhecer. Vou ser o tipo de mulher esnobe, linda e independente. Coração de gelo total.

— Mas então é isso? — Stela fala. — Vamos estourar o prazo do acordo sem nem ao menos tentar conseguir o homem dos nossos sonhos?

— Qual é a opção? Eu trabalho feito uma condenada. Acho difícil ter tempo para conhecer alguém antes dos trinta — Liz responde.

— Eu não sou uma desistente — digo —, então vou lançar um desafio.

— Outro? Nem conseguimos cumprir o primeiro!

— Certo, faremos uma *releitura* do primeiro. Não tínhamos levado o pacto tão a sério assim até então. Agora é para valer. Vamos tentar encontrar nosso príncipe, mesmo que ele não seja encantado.

Porém, para dar um “incentivo extra”, proponho o seguinte: aquela que chegar aos trinta solteira terá que pagar uma super viagem de férias para nós quatro.

— Ficou louca? Vamos à falência.

— Vocês não, todas têm empregos estáveis. Sou eu quem corre perigo porque vivo dura. Acreditem em mim quando digo que dinheiro é um grande motivador. Para não arcar com esse prejuízo vou ficar de olhos bem abertos em relação aos candidatos.

Ultimamente estava com preguiça até de paquerar.

— É uma aposta bem arriscada — Ramona fala.

— Sim, é, mas que graça teria a vida se não houvesse riscos? —

digo.

Estico a mão até o centro da mesa, com a palma para cima e mesmo hesitantes, uma por uma coloca a sua.

— O que me dizem? Fechado? — pergunto.

— Sim! — respondem em uníssono.

— Uhuuuu! Senhor Cupido, prepare-se que aí vamos nós!



Capítulo 3

### **Dois dias depois**

Da janela do meu avião particular, observo as luzes da cidade enquanto o piloto taxia no aeroporto internacional.

É a segunda vez que venho ao Brasil, mas a primeira em que pisarei no que a imprensa mundial rotulou de “cidade maravilhosa”.

Quando penso no Rio de Janeiro, o que me vem à mente é samba e futebol.

O segundo me agrada. Esporte é uma das poucas coisas que conseguem

me

arrancar

alguma

emoção,

talvez

pela

competitividade envolvida. Já o primeiro, parece ter como destino certo a alegria, o que vai na contramão do meu temperamento.

Confiro as horas no relógio em meu pulso. Em Istambul [\[7\]](#) já é alta madrugada, enquanto para a cidade brasileira, a noite deve estar apenas começando.

Considero a possibilidade de telefonar para a modelo que conheci há alguns meses em uma viagem a Paris. Passamos uma noite juntos e ela me disse que caso um dia visitasse seu país, que gostaria que eu a procurasse.

Repasso o encontro que tivemos pela memória e demoro cerca de um minuto para descartar a ideia.

Agora me lembro, houve uma razão para que, mesmo ela sendo linda e o sexo, satisfatório, não voltasse a procurá-la, apesar de eu ter permanecido mais alguns dias na capital francesa.

Quando acordamos na manhã seguinte, ela começou a fazer planos para outros encontros. Isso nunca é um bom sinal.

Para pessoas como eu, que vivem relacionamentos puramente físicos, um alerta é imediatamente acionado quando, após apenas uma noite, a mulher começa a tentar cruzar a linha.

Abro a agenda do meu celular e percorro o nome daquela que me servirá de intérprete durante minha estada na cidade.

Maria Luíza Barcellos, a única tradutora *freelancer* no Rio de Janeiro que fala turco com fluência.

Nunca fui o tipo de homem que acredita em coincidências, mas nesse caso, seria impossível ignorá-las.

Eu a investiguei profundamente porque não deixo alguém se aproximar sem saber de quem se trata, mas como ela será uma parte importante — na verdade, fundamental — nessa viagem, eu ainda quero um *olho no olho* antes de ter certeza de que é alguém confiável.

Considero-me um bom julgador de caráter, então não me deixarei levar por sorrisos ou um rostinho bonito. O que está em jogo é importante demais para ser tratado com leviandade.

O piloto finalmente aterrissa e quase que de imediato, meu celular toca.

— *E então, já foi a alguma boate?* — meu irmão, Qasim<sup>[8]</sup>, pergunta assim que atendo.

Reviro os olhos.

— Eu acabei de pousar. Não deveria estar dormindo?

Nem me dou ao trabalho de dizer que nunca iria a uma boate porque ele sabe disso. Meu irmão mais novo, o caçula de nós cinco, é um debochado e adora me provocar.

— *Estou voltando para casa. Acabei de sair de uma festa no meu iate. Fiquei pensando em você sozinho aí e me sinto tentado a ir encontrá-lo.*

— De jeito nenhum. Eu não vim a passeio e sabe disso.

— *Por que foi pessoalmente, afinal de contas? Sei que nosso padraсто pediu que cuidasse de tudo, mas podia ter enviado um associado para resolver a questão da siderúrgica. Quase nem atua como advogado mais.*

Baseado no que sabe, ele tem razão. O problema é que o que ele assume ser verdade é apenas a ponta do *iceberg*.

Sinto-me um pouco culpado por omitir dos meus irmãos o motivo real de eu estar no Brasil, já que apenas minha mãe tem conhecimento.

— Prometi a Halil que resolveria tudo pessoalmente. Não volto atrás com a minha palavra.

*Mesmo que esse “tudo” a que me refiro seja uma tarefa indigesta.*

— *Que merda! Ir para o Rio de Janeiro a trabalho. Só você mesmo, irmão.*

— A vida não é feita apenas de prazer, Qasim.

— *A minha, sim.*

— Mesmo? Esqueceu que dentro de pouco tempo terá que se comprometer em definitivo?

Ele quase rosna do outro lado porque ambos sabemos que atingi um nervo exposto.

— *E quanto a você? É mais velho do que eu. Não deveria se casar antes de mim?*

— Cuide da sua vida.

— *Não é bom quando somos o alvo da pressão, né?* — diz, rindo.

— Quando eu me casar, meu casamento será uma união visando herdeiros, não uma bobagem como a que está prestes a fazer.

— *Viu? Não somos tão diferentes assim. Como você, eu também me casarei porque tenho um interesse por trás. Não é porque visa filhos que sua união será mais nobre do que a minha.*

— Você nem esteve com a menina, ainda. Isso já diz muito sobre o tipo de relacionamento que terão.

— *Não fui encontrá-la porque estou aproveitando da mesma forma que um condenado à morte degustaria a última refeição.*

— *Refeições*, no plural, você quer dizer, se o que está fazendo é uma analogia de suas mulheres com comida.

— *Ah, sim, porque você é um celibatário, né?*

— Sou livre, Qasim. Posso foder quem eu quiser.

— *Eu também.*

— Por pouco tempo. O relógio está correndo e se continuar insistindo em negociar com o pai dela, terá que levar a filha

de brinde. Não acha que está na hora de esquecer essa merda?

— *Não. Eu não vou voltar atrás.*

— Foda-se, Qasim. Você é teimoso para caralho.

— *É um defeito hereditário, irmão* — diz, em tom de escárnio.—

*Divirta-se em sua missão ingrata.*

Depois que ele desliga, eu solto meu cinto de segurança e me levanto, o humor ainda mais azedo do que há alguns minutos.

Mal chego a pisar fora da aeronave e o celular volta a tocar.

— *Chefe, encontrei algo que talvez o interesse* — meu assistente pessoal diz.

— Do que se trata?

— *A senhorita Barcellos. Disse que gostaria de ter um primeiro contato com ela antes que... huh... as negociações tivessem início.*

— Sim. E daí?

— *Eu a pesquisei um pouco mais e descobri que ela também trabalha em um bar de patins.*

— O quê?

Ouçó o som da risada dele.

— *Eu gostaria muito de estar aí* — continua.

— Por quê?

— *O nome do lugar é Prazer sobre Rodas.*

Respiro fundo, tentado acalmar minha irritação.

— Que tipo de estabelecimento é esse? Um bordel? Ela trabalha em um bordel?

Não é possível. Nada do que verifiquei indicou que Maria Luíza estivesse nesse tipo de *ramo*.

— *Não creio. Acho que é apenas um local em que as moças servem refeições em trajes mais sensuais e ao que tudo indica, calçadas em patins. De qualquer modo, talvez seja mesmo uma boa ideia conferi-la pessoalmente antes de tudo, então, lhe reservei uma mesa para daqui a duas horas. Pelo que pude ver no site, apesar da descrição meio... esdrúxula, é um estabelecimento de luxo, frequentado por vips.*

— Certo. Mande o endereço para o meu celular.

— *Já fiz isso* — diz e pausa. — *Vai me contar como foi depois?*

— Não. O que há de errado com você e Qasim? Qual a parte de que vim a negócios não entenderam, caralho?

— *Uma pena, chefe* — fala, o riso mal contido em seu tom e chego à conclusão de que ter um colega de infância como assistente pode ser uma merda às vezes. Intimidade demais. —

*Não tem importância. Já programei minhas próximas férias: serão no Brasil. Estou muito curioso sobre essa cidade em particular.*

— Pois eu quero resolver tudo o que preciso aqui e voltar para Istambul. Não há nada nesse país que me interesse.



## Capítulo 4

### **Dois dias depois**

Mexo o quadril de um lado para o outro e depois em círculos, como se estivesse rodando bambolê para ver se melhora das dores, ainda resquício da madrugada em claro passada na pista de dança, no casamento de Cibele.

— *Está malhando enquanto fala comigo? Sua respiração parece meio ofegante* — Olívia [Oviedo\[9\]](#), uma “prima” que a vida me deu, diz do outro lado da linha.

Há alguns anos, ela, que é filha adotiva de uma prima distante da minha mãe, veio ao Brasil com o marido, um CEO de uma rede de hotelaria de luxo, para tentar encontrar o resto da família da mulher que a criou. Na ocasião, não nos conhecemos, mas Olívia é uma pessoa muito especial e continuou mantendo contato com meus parentes. Acabamos nos aproximando, nos tornando amigas tão próximas quanto sou dos meus três amores de infância: Liz, Stela e Ramona.

No ano passado, finalmente aceitei o convite para passar o Natal nos Estados Unidos.

Eu nunca tinha experimentado, fora quando estou com minhas meninas, essa sensação de acolhimento, mas assim que cheguei a Boston, senti como se já conhecesse a família do marido de Olívia há muito tempo.

Os Caldwell-Oviedo são seres humanos excepcionais, com filhos e netos que não acabam mais e [Isabel\[10\]](#), a matriarca do clã, me disse que de agora em diante eu estava oficialmente agregada a eles.

— Talvez eu esteja fazendo sexo — falo.

— *Boa tentativa, prima, mas me disse que não sai com alguém há mais de dois anos.*

— Verdade. Acho que sou praticamente virgem outra vez.

— *Não vou fazer comentários baseando-me naquele ditado “se não tem algo de bom para dizer, cale-se”.*

— E desde quando você tem papas na língua? Fale-me a verdade ou cale-se para sempre.

— *Okay, mas lembre-se de que foi você quem pediu. Na minha opinião de mulher casada e sexualmente muito bem resolvida, se ainda não teve um orgasmo, é virgem.*

— E os três namorados com quem fiz sexo?

— *Em um período de sete anos, você ficou com três embustes que sequer sabiam o que significa a palavra clitóris — ela exagera*

— *, quanto mais a localização. Aliás, acho que deveria ser criado um aplicativo para isso. Alguns homens claramente precisam.*

— Haha! Você não é engraçada, senhora Oviedo.

— *Sou hilariante.*

— Certo, você é, mas é fácil tripudiar quando se tem como marido um amante espanhol lindo e que é louco por você.

— *Não estou tripudiando, Malu, estou implorando para que se enxergue como eu a vejo. Você é linda, jovem e inteligente. Não aceite menos do que merece. Um cara que não se preocupa com você na cama não vale a pena.*

— Atualmente eu nem chego a ir para a cama. Você disse dois anos sem sexo, mas está lembrada por quê? Quais foram meus quatro últimos encontros?

— *Lembro sim. Um, era um médico egocêntrico, o que não é um bom sinal, porque se o cara antes de te ganhar, só olha para o próprio umbigo, não acho que se preocupará muito com seu prazer.*

— Isso mesmo. Foi o que pensei. O outro tinha sete ex-mulheres. Como eu disse às minhas amigas no outro dia, nada contra que o parceiro tenha filhos ou até mesmo uma ex, mas sete?

Para mim significa que ele é um assassino em série de relacionamentos. O terceiro ainda morava com a mãe aos quarenta e cinco e me perguntou se eu sabia passar roupa logo de cara.

Ela gargalha.

— *E o quarto era um mentiroso patológico* — completa.

— Aham. Me disse que era dono de metade do país, mas já no primeiro encontro, em um restaurante caro, veio com

aquela desculpa de que “esqueceu a carteira”.

— *Jesus! Falar com você é uma espécie de terapia, Malu. Eu rio mais do que quando vejo Guillermo louco de ciúmes da filha mais velha.*

— Como vai [Valentina\[11\]](#), por falar nisso?

Olívia tem três filhas, Nina, a mais velha e fruto do primeiro casamento do marido, e Gaby e Alejandra, gêmeas que nasceram alguns anos depois de se casarem.

— *“Adolescendo”, né? Tem alguns momentos de rebeldia, mas na maior parte do tempo, é um doce. Guillermo, controlador como é, não lida bem com a independência dela, mas vai ter que acabar aceitando que Nina cresceu.*

— E aquela história de ser escultora de nus que ela me contou no Natal, será que é sério ou já mudou de ideia?

— *Muito sério. Valentina é uma artista nata e correndo o risco de ser parcial, talentosa também. Eu mentiria se dissesse que não tomei um susto quando falou que queria esculpir baseando-se em modelos nus, mas depois vi que era bobagem. Não podemos conter o dom de alguém só porque não vai ao encontro do que esperamos.*

— Imagino que Guillermo deve ter ficado louco.

— *Ficou sim. Os tios, também. Por incrível que pareça, o único que a apoiou incondicionalmente foi [Stewart\[12\]](#). Porém, eu tive uma conversa séria com Guillermo e os irmãos em nossas reuniões semanais para o almoço, com o apoio da minha sogra, Isabel.*

*Valentina precisa que nós da família fiquemos ao lado dela mesmo*

*que a carreira que escolheu não seja a que sonhamos para nossa menina.*

— Concordo. Criar expectativas que não combinam com os filhos pode ser desgastante. Eu que o diga.

*— Está falando isso porque sua mãe queria que fosse modelo de passarela, né?*

— Aham. Só porque sou alta. É a mesma coisa que dizer que quem tem pé grande deve jogar basquete, ainda que a pessoa seja descoordenada. Eu nunca poderia ser modelo. Adoro comer e beber vinho, caipirinha...

*— Ah, nem me fale em caipirinha. Fiquei com desejo. Mesmo que tenhamos em nossos hotéis, o gosto não é igual as do Rio.*

Fico em silêncio por alguns segundos e ela pergunta.

*— Hey, o que houve?*

— Quero te contar uma coisa, mas tem que prometer que não vai rir.

*— Okay... — diz, mas já com um bufo de riso.*

*— É sério, Olívia.*

*— Palavra de honra que não vou rir.*

Explico rapidamente sobre o acordo da adolescência e em seguida, o pacto reafirmado no casamento de Cibele. Como

prometeu, ela ouve tudo calada, mas quando termino, diz de seu jeito direto e tão característico:

— *Tem dinheiro guardado para pagar a viagem de férias das suas amigas?*

— Ai, Olívia, eu te odeio. — falo, gargalhando. — Deveria ter mais fé em mim. Como eu disse a elas três, se tem algo que me motiva é o bendito dinheiro. Não serei aquela que arcará com as custas da viagem, mas a que vai se sentar à beira-mar, plena e com um coquetel na mão com direito a guarda-chuvinha e tudo o mais.

— *Baseando-me no seu histórico, não acredito que encontrará alguém tão depressa. Ficou dois anos sozinha e agora vai tirar um namorado da cartola?*

— Eu estava meio preguiçosa para ir à caça, para ser honesta, mas estou determinada a conseguir um boy magia para mim de qualquer jeito.

— *Essa história de “boy magia” soa como se você fosse à procura de outro perdedor. Parece coisa de adolescente.*

— Talvez tenha razão. Eu sempre me relaciono com homens por volta dos trinta, o que significa, considerando que a idade biológica masculina não corresponde à mental, que só saio com “jovens

adultos”. A única exceção foi o cara de quarenta e cinco, mas como ele morava com a mãe ainda, não conta.

— *Essa é uma maneira fofa de dizer que todos os homens que escolhe são imaturos? Pois deveria pensar em alguém mais velho para o papel de namorado. Eu e Guillermo temos uma diferença de doze anos e deu super certo.* — Ela pausa.  
— *Bom, pelo sim, pelo não, posso lhe emprestar o dinheiro da aposta, se precisar.*

— Não vou, porque sairei vencedora, mas de qualquer modo, obrigada. Agora deixa eu ir, porque por falar em dinheiro, meu turno no bar começa em cinco minutos.

— *Ainda está trabalhando naquele lugar em que tem que servir bebidas em cima de patins?*

— Sim, esse mesmo. O risco de um tombo é grande, mas a gorjeta, alta. Eu não sei que diabo de fetiche os homens têm ao ver garçonetes sobre rodas, mas isso aqui fica lotado todas as noites e são sempre milionários.

— *Todas as noites? Tem trabalhado extra com tanta frequência assim? Sabe que a ajudarei se precisar.*

— Sei sim, mas não é justo arcar com minhas extravagâncias.

Comprei um vestido de cinco mil e agora estou dura como um coco.

— *Dólares?*

Reviro os olhos.

— Reais, dona milionária. Se fossem dólares, a essa hora eu estaria em um mercado clandestino vendendo algum órgão para pagar. Tenho que ir.

— *Cuide-se e se não der sorte com um possível candidato aí no Rio, sempre há os Caldwell do norte. Guillermo tem alguns primos solteiros.*

— Vou manter isso em mente. Te amo.

— *O mesmo por aqui.*

Depois que desligo, aperto meu rabo de cavalo, calço os patins e passo um *gloss* nos lábios.

Não seria uma sorte danada se hoje mesmo eu encontrasse o homem ideal para pôr meus planos em prática? Para ser franca, nem é tanto pelo *boy, ops*, pelo homem, em si, porque já meio que perdi as esperanças, mas porque quero férias grátis.

Balanço a cabeça sorrindo e vou até o balcão verificar o movimento. Pelo número de pedidos, consigo ter uma noção.

O *barman*, um estudante holandês que veio passar férias no Brasil e acabou conseguindo um emprego, sorri e me dá uma piscadinha, fazendo um gesto de cabeça para o salão, que está lotado.

Ele é uma graça e já me convidou para sair algumas vezes. Se eu estivesse interessada em abrir uma creche, não hesitaria, mas até mesmo para mim, que depois da conversa com Olívia acabo de chegar à conclusão de que talvez estivesse pescando no mar errado, vinte e dois é novo demais.

Além disso, aquela coisa de que os opostos se atraem é muito verdadeiro: eu amo um mal-humorado. Quanto mais azedo, mais eu quero.

Como se o destino ouvisse meus pensamentos, quando eu me viro para trás, para me encaminhar para o meu setor, vejo o rei de todos os carrancudos sentado sozinho em uma cabine.



## Capítulo 5

Eu só preciso me aproximar cerca de dois metros da mesa dele para perceber que minha intuição estava certa. Ele é sem medo de errar o homem com o semblante mais fechado que eu já vi.

Uma pessoa menos autoconfiante recuaria, mas além do fato de que não posso abrir mãos das gorjetas até o próximo mês, porque o advogado turco para quem vou trabalhar provavelmente só me pagará ao fim do contrato, daqui a três semanas, eu não sou de me assustar fácil.

Assim, coloco meu sorriso falso como uma nota de quinze reais no rosto e me aproximo patinando todo o meu charme.

Quando chego perto o suficiente para ver seus traços, no entanto, eu me perco no roteiro por um instante.

Eu não faço o tipo romântica, então aquele papo que algumas mulheres vêm de que quando encontraram o homem de seus sonhos pela primeira vez o mundo parou, estrelas cintilaram no céu e sinos se fizeram ouvir, nunca me convenceu.

Sempre me considerei uma realista — até demais, alguns diriam, porque eu prefiro um gancho de direita no meio da cara do que um beijinho seguido de facada nas costas —,

mas agora, parada na frente do homem mais bonito que eu já vi na vida, fico completamente sem fala.

Estudo-o com calma, esquecida de que estou aqui a trabalho e não para paquerar.

Estou tentando entender o que há nele que me causou tanto impacto. Nenhum outro homem até hoje conseguiu a façanha de me deixar com os joelhos bambos.

O *todo poderoso* tem o cabelo negro, liso e impecavelmente penteado para trás. Uma barba cerrada recobre o maxilar rígido, que ninguém precisa me dizer deve seguir seu temperamento, a julgar pela maneira como me encara de volta.

O nariz aquilino tem uma suave ondulação na ponte, típica do oriente médio, o que só contribui para torná-lo ainda mais exótico e lindo de morrer. A pele é dourada e os olhos, quase tão escuros quantos os cabelos, são analíticos e frios.

Jesus, eu devo ter algum problema sério. Não é de admirar que ainda esteja solteira. O homem não parece nem um pouco aberto a uma paquera e, no entanto, cá estou eu, já meio que enamorada do desconhecido com pinta de malvadão.

Julguem-me à vontade, mas vocês estão  *lendo* a descrição dele, enquanto eu estou aqui frente a frente com essa delícia em carne e osso — e se for levar em conta os ombros largos e os músculos que nem o terno conseguem disfarçar, que carne, meus senhores!

Pelo manual que recebemos quando somos contratadas, eu deveria fazer uma performance para ele, tipo, dar uma rodadinha sobre os patins e abrir meu sorriso de comercial

de pasta de dente, fazendo com que ele me ache linda e sexy e com isso, consuma muitas bebidas.

Não me entenda mal, meu charme para por aí. Nunca saí com um cliente e nem pretendo, porém, na teoria, eu deveria deixá-lo pensar que ele é o cara mais interessante do mundo. Isso sempre rende boas gorjetas.

A grande tragédia da vida é que no presente caso, ele é muito gostoso mesmo, o que me deixa nervosa.

*Limpe sua mente, louca. Ele está fora do seu campo de ação.*

*Seu papel é servi-lo de bebida e comida. Nada mais.*

— Boa noite — falo, em inglês, porque tenho certeza de que não é brasileiro. — Bem-vindo ao Prazer sobre Rodas.

Uma nota: eu nunca tive qualquer problema em dizer o nome do estabelecimento, mas hoje, por ser para ele, juro por Deus que eu me sinto uma *stripper* avisando que a performance vai começar.

*“Boa noite, bem-vindo ao Prazer sobre Rodas. Acomode-se que eu vou realizar todas as suas fantasias, senhor.”*

— Eu não vi o cardápio de bebidas — ele responde em inglês, com um leve sotaque e sem tomar conhecimento do meu cumprimento.

Como eu imaginava, o rei da gostosura não é local.

Não é incomum clientes estrangeiros virem aqui, afinal, para os bolsos brasileiros, doses de uísque de safras raras a seiscentos reais e drinques que podem custar quase o preço

de um jantar em um restaurante de médio porte, é bem salgado.

— Na verdade, o cardápio é apenas de uísque. Quanto aos drinks, eles são elaborados pelo *bartender*, com base na descrição que dou do cliente que estou servindo.

Ele me encara por alguns segundos como se esperasse que eu fosse dizer que aquilo era uma piada, mas quando eu nem pisco, se recosta na poltrona da cabine, cruzando os braços em frente ao peito e me observa com tanta intensidade que preciso exercer todo o meu autocontrole para me manter impassível.

Ele é lindo, mas estou no meu ambiente de trabalho. Não posso agir como uma doida.

— E baseando-se no que observa em mim, que tipo de drink me seria oferecido, senhorita...

— Malu — falo, apontando meu crachá. — Abreviação de Maria Luíza.

Jesus, eu estou me sentindo uma adolescente dando explicação ao diretor da escola.

Um diretor muito sexy, se fosse o caso.

— Malu — ele repete e um arrepio de prazer me atravessa ao ouvir meu nome sendo pronunciado por aquela voz poderosa. —

Com base no que observou em mim, que tipo de drink me ofereceria, Malu?

Deus, eu conheço esse olhar. Poderoso ou não, o homem está me paquerando.

— O senhor não é um homem de drinques, na minha opinião, e sim, de uísque.

Surpresa, vejo o canto de sua boca — e que boca, Jesus, — se erguer em um quase sorriso.

— Está certa, Malu, mas digamos que fosse me preparar um, qual seria?

Outra vez observo a linha dura da mandíbula e o olhar afiado, atento, daquele tipo que consegue enxergar seus segredos mais profundos.

— Tequila, suco de limão, pepino — mordo a parte de dentro da bochecha porque o jeito como ele me observa está fazendo borboletas darem saltos triplos mortais carpados dentro do meu estômago —, e gin.

— Duas bebidas alcoólicas secas?

— Parece do tipo resistente, senhor — falo sem pensar e vejo um brilho predatório surgir em seus olhos. Demoro apenas um pouquinho para perceber que minha frase ficou totalmente com duplo sentido.

*Pai Amado, alguém me para, por favor.*

Uma mordança seria bem-vinda.

— Não tenho como negar isso, Malu. Eu posso te chamar assim ou esse tratamento é reservado para os seus amigos?

Fica na ponta da língua dizer que não teremos tempo hábil para que ele me chame de Maria Luíza ou Malu, então tanto

faz. Ao invés disso, no entanto, eu me calo, desejando em silêncio ouvir aquela voz repetindo meu apelido vezes seguidas.

Limpo minha garganta e me obrigo a voltar à realidade.

— *Malu*, como todos os outros clientes me chamam, senhor.  
E

então, uísque ou drinque?

— Vou aceitar sua sugestão. Surpreenda-me.



## Capítulo 6

— Quem é o lindo? — Gigi, outra garçonete que trabalha comigo, pergunta assim que passo para dentro do balcão.

Dou de ombros, fingindo pouco caso, quando na verdade meu coração parece a bateria da Mangueira no aquecimento, pouco antes de entrar na Apoteose.

— Conseguiu vê-lo dessa distância?

— Amor, tenho olho clínico para homem gostoso e daquele tipo ali, a gente não esbarra pela rua.

Olho por cima do ombro, enquanto entrego o pedido — a receita que criei para o moreno lindo — para o bartender.

— É, acho que não — respondo, quando volto a encará-la.

— Hey, o que há com você?

Nem eu mesma sei dizer. Normalmente acharia graça do jeito dela. Gigi é namoradeira e não quer saber de compromisso por nada nesse mundo. Acontece que ainda não me recuperei da intensidade do bonito misterioso, então, pela primeira vez, me encontro sem saber o que fazer diante de um homem.

Será que Olívia tem razão? Eu sempre procurei os da minha idade, imaturos, com um propósito? Uma espécie de autossabotagem?

Um psicólogo poderia dizer que eu tentei seguir o caminho oposto da minha mãe, ficando com homens a quem eu pudesse controlar — e descartar — quando não se encaixassem mais na minha vida.

— Malu, o cara te ofendeu de alguma maneira? — pergunta, protetora.

— Não, eu acho que fiquei impactada com a presença dele.

— Tipo amor à primeira vista?

— Isso é besteira.

— Como podemos saber, se nunca se apaixonou?

Já trocamos algumas confidências e ela sabe que meus ex-namorados jamais fizeram meu coração disparar.

Está aí algo do qual eu não posso discordar: como se consegue distinguir alguém especial de um embuste? Porque embuste que se preze, é todo lindo no começo.

Pelo menos por uma semana, mantém o disfarce de cara incrível e alguns até levam a performance por anos, como meu namorado número dois, que me traía com a minha vizinha desde o primeiro mês de namoro e ficou com nós duas ao mesmo tempo por um ano.

Um dia, ela cansou de ser a outra e me contou tudo.

Sabe o que é pior? Ele não tinha nada de mais. Não era muito bonito, muito rico e sequer muito inteligente.

— O que faz nós mulheres perdermos tempo com inteiros fracassados?

— Fale por você. Eu só precisei de um traste desses na minha vida para aprender a lição, mas se quer um palpite, acho que é carência. Principalmente se a relação já dura algum tempo.

Acabamos nos vendo pelos olhos da outra pessoa: os olhos da desvalorização, do “descarinho”, do “desamor”.

— Eu não quero mais ser assim, Gigi.

Apesar de toda a brincadeira em torno do acordo com as minhas amigas, acabo de chegar à conclusão de que não quero mais ser um passatempo para alguém, quero ser aquela por quem vale a pena lutar, se esforçar, conquistar.

— Só depende de você, meu bem. Somos nós quem ensinamos aos outros como nos tratar. — Ela olha para trás, onde o todo poderoso está sentado. — Se quer um conselho, não comece o treino com aquele ali.

— Não sei do que está falando.

— Princesa, a baba está escorrendo no seu decote e cá para nós, com toda razão. Só que aquele ali, Malu, almoçará você em duas garfadas. É o tipo de homem que deixa lágrimas para trás quando vai embora.

— Não as minhas. Para mim, ele é apenas um cliente.

— Mantenha isso em mente, garota — ela diz, me dando um beijo na bochecha e se afastando.

— Para quem é isso? — Gerben, o bartender, pergunta.

— Para aquele cliente ali, por quê?

— Você que criou?

— Aham.

— O cara deve ter te passado uma boa impressão. Não é uma bebida para alguém fraco.

Olho outra vez por cima do meu ombro e ele está virado na minha direção também, embora eu duvide que consiga me ver, porque há algumas mesas e pessoas pelo caminho.

Não, definitivamente o moreno sexy não é alguém que se possa chamar de fraco.

— Prontinho, gata.

— Não sei se já te disse, mas esse seu sotaque holandês-carioca é um charme.

Ele aprendeu bem rápido o português, mesmo que às vezes confunda a conjugação dos verbos e os artigos. De qualquer modo,

fala melhor a minha língua do que jamais poderei falar a dele.

Limito-me ao turco, inglês e espanhol.

— Não o suficiente para te convencer a sair comigo.

Balanço a cabeça, sorrindo.

— Estamos procurando por coisas diferentes, Gerben.

— Bom, ao menos eu tento. Aqui — diz, me oferecendo o drinque que acabou de preparar. — Depois me conta se ele fez cara feia ao tomar. É desse modo que separamos homens de meninos.

Dou risada e me afasto, rezando para não derrubar a bebida do cliente. Não seria a primeira vez.

Quando chego ao meu destino sem uma gota perdida, me dou os parabéns mentalmente, mas basta olhar nos olhos do moreno, para, ao colocar o copo em cima da mesa, deixar escorrer um pouco do líquido.

Não consigo disfarçar o tremor das minhas mãos.

*Droga!*

— Deseja mais alguma coisa, senhor?

Por conta da troca entre nós quando fiz o pedido, eu me preparei para ter que afastá-lo. Para minha surpresa, no entanto, sua expressão agora é de total indiferença.

Não sou alguém insegura da minha aparência, mas também não ganharia qualquer prêmio de autoconfiança e vamos combinar que o homem é intimidante para caramba, então, tento manter a expressão neutra, mesmo que na minha

cabeça mil teorias estejam se formando da razão dele ter perdido o interesse.

Sim, sou um ser complicado. Recapitule comigo.

Eu estava disposta a ter que dar um fora no moreno arrasa quarteirão, mas na hora em que percebo que o homem está tão interessado em mim quanto em ver a grama do Maracanã crescer, eu quero entender o motivo.

Deu para perceber porque estou solteira ou que quando arrumo alguém é só embuste?

— A que hora você sai, Malu?

Em um primeiro momento, acho que não ouvi direito.

— Perdão?

Ele leva o drinque aos lábios e prova sem sequer apertar os olhos.

*Homem de verdade*, segundo a teoria de Gerben.

— Ouviu minha pergunta — diz com arrogância e aquilo me irrita.

— Ouvi, sim, mas estou aqui tentando entender porque o senhor precisaria saber disso.

— Como seu novo empregador, eu não quero que seu desempenho seja insatisfatório caso tenha que dormir muito tarde.

Ah, outra coisa: cobrirei o salário que recebe nesse estabelecimento, mas é inadmissível que continue trabalhando aqui.

— O quê?

— Meu nome é Emir Yavuz Aydin. Temos um contrato para que seja minha intérprete por um mês. A partir das oito horas da manhã de amanhã, ficará à minha disposição para o que eu precisar.



## Capítulo 7

*Por que eu vim?*

Essa foi a primeira pergunta que me fiz logo que a [hostess\[13\]](#).

me guiou até uma das cabines.

Nada no ambiente me agrada — luzes coloridas demais, música alta e excesso de seres humanos. Tudo passando da medida.

Depois de um longo voo, a última coisa que quero é estar em meio a barulho e superlotação.

Olho à minha volta, tentando encontrá-la. Por incrível que pareça, apesar do lugar estar cheio, há apenas uma meia dúzia de garçonetes.

As garotas usam shorts vermelho, blusa branca de manga curta colada aos corpos e patins. Parecem um pouco com atendentes de lanchonetes dos filmes de Hollywood dos anos sessenta, mas a semelhança para por aí, porque o uniforme é sexy demais e a blusa tem alguns botões abertos, deixando entrever a sombra dos seios.

Estou quase me convencendo de que foi um erro ter vindo quando eu a vejo patinando *para mim*.

E quando eu digo isso, é em sentido literal: ela me encara sem desviar e por um momento, eu me esqueço de quem é e me pego devorando cada pedaço dela.

Maria Luíza se destaca em relação às outras moças porque além de ser muito mais alta do que a média, tem um corpo curvilíneo. Na verdade, uma ampulheta perfeita.

As coxas grossas saem do shorts, parecendo infinitas e bem torneadas. A barriga é achatada e a cintura, tão fina em relação aos quadris que me faz ter o súbito desejo de fechá-la com minhas mãos.

A parte superior cria um contraste tentador com o resto do conjunto.

A camisa branca, que nas outras insinua decotes generosos, nela fica na medida, recobrando seios pequenos. É ainda mais excitante do que se estivessem visíveis, porque despertam minha curiosidade sobre o formato.

Não é o tipo de mulher pela qual um homem passa sem olhar uma segunda vez. Ela chamaria a atenção de um morto.

Os cabelos longos e de um tom de castanho escuro, presos em um rabo de cavalo, me fazem desejar enfiar a mão neles

e soltá-los.

Aliás, tocá-la, não só nos fios que parecem sedosos, mas senti-la inteira em meus dedos.

Pele e pelos.

*Merda! A pior coisa que poderia acontecer é Maria Luíza me despertar tesão. E não do tipo controlável, mas urgente e selvagem.*

*Daquela que faz com que desejemos rasgar a roupa do outro.*

Quanto mais se aproxima, mais meu corpo desperta e eu não gosto da sensação.

Agora já consigo ver seu rosto, o mesmo que estudei em fotografias e preciso dizer que nenhuma das imagens que me foram entregues fizeram jus à beleza dela.

Sei de memória que tem olhos da cor de avelã, rosto em formato de coração, nariz pequeno, mas ao vivo, a boca sexy com o lábio superior um pouco pronunciado, criando um “biquinho”

adorável, faz com que vários pensamentos completamente inadequados atravessem a minha mente.

Ela é linda de rosto e tem um corpo especialmente desenhado para fazer um homem perder a cabeça, mas não foi para analisá-la como faço com minhas potenciais parceiras sexuais que eu vim hoje e sim, para ter um julgamento mais apurado e rigoroso de quem é.

Tento me forçar a manter o foco no que preciso.

Por que ela trabalha em um lugar assim? O que ganha como intérprete não é o bastante?

— Boa noite — fala em inglês, provavelmente adivinhando que não sou brasileiro. Seu tom é rouco, pecaminoso. — Bem-vindo ao Prazer sobre Rodas.

*Prazer.*

A palavra vai ao encontro dos meus pensamentos sujos quando olho para ela. Se as circunstâncias fossem outras, não hesitaria em dar início a um jogo de sedução para levá-la para a cama. Apenas a ideia já faz meu pau endurecer.

— Eu não vi o cardápio de bebidas — falo, irritado comigo mesmo pelo descontrole.

— Na verdade, o cardápio é apenas de uísque. Quanto aos drinques, eles são elaborados pelo *bartender*, com base na descrição que dou do cliente que estou servindo.

Escolher uma bebida em função do que se analisa da personalidade do cliente? Aquilo me deixa curioso e mesmo sabendo que estou brincando com fogo, que não deveria ir por esse caminho, pergunto:

— E baseando-se no que observa em mim, que tipo de drink me seria oferecido, senhorita... — começo, fingido não saber quem ela é.

— Malu. — Aponta o crachá. — Abreviação de Maria Luíza.

— Malu — repito, testando o apelido e chego à conclusão de que gosto mais do que do nome. — Com base no que observou em mim, que tipo de drink me ofereceria, Malu?

— O senhor não é um homem de drinques, na minha opinião, e sim, de uísque.

Seu jeito direto me excita ainda mais e preciso disfarçar um sorriso.

— Está certa, Malu, mas digamos que fosse me preparar um, qual seria?

— Tequila, suco de limão, pepino e gin.

— Duas bebidas alcoólicas secas? — pergunto, me divertindo internamente, mas também confuso, porque ela acertou em cheio. Detesto qualquer coisa doce.

— Parece do tipo resistente, senhor — diz, e em seguida, observo deliciado suas bochechas corarem.

Eu deveria parar por aqui, porque mesmo que ela não faça ideia de quem sou, eu sei quem *somos*. O desejo de provocá-la, entretanto, ganha com vários pontos de vantagem da razão.

— Não tenho como negar isso, Malu. Eu posso te chamar assim ou esse tratamento é reservado para seus amigos?

*Recue* — minha mente diz, mas eu a ignoro.

*Só mais um pouco* — prometo a mim mesmo .

Há muito tempo não encontro uma mulher que me deixa tão ligado.

— *Malu*, como todos os outros clientes me chamam, senhor.

E então, uísque ou drinque?

Seu tom muda, como se precisasse, assim como eu, clarear a cabeça, os lindos olhos me emitindo ondas de um desafio silencioso de “afasta-se”, que vão na contramão de sua expressão corporal.

Já estive com muito mais mulheres do que a maioria dos representantes do meu gênero experimentará um dia e sei, sem medo de errar, que a atração física entre nós é mútua.

— Vou aceitar sua sugestão. Surpreenda-me.

Observo-a se afastar, o suave balançar dos quadris enquanto patina em direção ao bar, desviando de alguns clientes e outras garçonetes, ao mesmo tempo em que me pergunto o que acaba de acontecer.

Não sou o tipo de homem que perde o controle ao se encontrar com uma mulher bonita. Sempre me orgulhei de jamais deixar qualquer emoção — o tesão, inclusive — nublar minha mente. No entanto, precisei de uma única interação com Maria Luíza para me esquecer do que ela representa para mim: uma promessa.

— Eu não sei se vai gostar. Talvez devêssemos ficar com o uísque, mesmo — ela diz, minutos depois me servindo, com a mesma voz sexy, que não acredito que seja intencional. A essa altura, porém, já coloquei meus neurônios em funcionamento.

— A que hora você sai, Malu? — falo, ignorando o comentário.

— Perdão?

Dou um gole no drinque e a bebida gelada está deliciosa, mas lhe dizer isso só irá construir outra vez uma ponte para o pessoal, o que preciso evitar a qualquer custo.

— Ouviu minha pergunta — digo, com o mesmo tom que uso quando estou frente a um adversário em uma negociação.

— Ouvi, sim, mas estou aqui tentando entender por que o senhor precisaria saber disso.

Eu mereço a desconfiança, afinal, até agora a tratei como se fosse uma mulher com a qual eu desejasse ter mais do que um relacionamento profissional.

Decido colocar as cartas na mesa.

— Como seu novo empregador, não quero que seu desempenho seja insatisfatório caso tenha que dormir muito tarde.

— O quê?

— Meu nome é Emir Yavuz Aydin. Temos um contrato para que seja minha intérprete por um mês. A partir das oito horas da manhã de amanhã, ficará à minha disposição para o que eu precisar.



## Capítulo 8

Ela abre e fecha a boca várias vezes e depois empalidece, segurando-se na borda da mesa.

— O que o senhor está fazendo aqui? Ou melhor, como soube que eu trabalhava aqui, também?

Vejo em seus olhos quando ela entende.

— O senhor me investigou. Por quê?

— Sente-se, Malu.

— Maria Luíza — me corrige.

— Disse que eu poderia chamá-la de Malu.

— Isso foi antes de saber que mentiu para mim.

— Cuidado com o que fala. Mentira e omissão são completamente diferentes. Eu nunca minto, desde que me façam as perguntas certas.

— Eu não quis ofendê-lo — ela se corrige e de algum modo, aquilo me incomoda. Malu não combina com a submissão.

— Não me ofendeu. Sente-se.

— Não posso fazer isso. Estou trabalhando.

— Como eu disse antes, terá que se demitir.

— Obrigada pela *sugestão* — diz, com uma pontada de ironia

—, mas eu preciso desse emprego.

Pego meu celular, abro a calculadora e digito um número, depois o entrego a ela.

— O que é isso?

— É quanto lhe pagarei caso se demita. Mudei de ideia, vou precisar de você por dois meses, ao invés de um e também para viagens.

Ela fica tão impactada que acho que nem se dá conta de que se sentou.

— Mas... é muito dinheiro. Além disso, nada havia sido dito sobre a necessidade de que eu o acompanhasse em viagens.

*Isso porque eu acabo de me decidir a respeito.*

Entretanto, se eu falar a verdade, ficará ainda mais desconfiada, então, tento um caminho alternativo.

— Sabe qual é o ramo de negócios da minha família?

— Não. Eu sabia apenas o que seu assistente falou quando me entrevistou: que era um advogado que viria para o Brasil para fechar um contrato importante. Ele não me deu muitas informações quando conversamos.

— É proposital. Sou advogado, mas atuo, paralelamente, junto a meus irmãos, no setor de mineração, mais especificamente no setor secundário. Possuímos siderúrgicas ao redor do mundo. —

Ela acena com a cabeça, parecendo atenta. Totalmente profissional agora. — Por isso tão poucas informações lhe foram dadas. No meu ramo, o sigilo é fundamental. Deve estar lembrada que assinou um contrato de confidencialidade.

Como eu disse antes, eu não minto, mas nesse exato segundo, estou omitindo *muito*.

— E por que as viagens? — pergunta, mas antes que eu possa lhe responder, alguém nos interrompe.

— O que pensa que está fazendo, Malu? Sabe que não pode se sentar com clientes — um homem com uma versão meio ridícula dos uniformes das garçonetes, mas de calças, se aproxima e apesar de não entender uma palavra do que ele diz, seu tom me irrita.

— Em inglês — digo friamente, encarando-o.

Quando ele repete o que falou anteriormente, mas dessa vez na língua inglesa, fico tentando a tomar a frente da situação, mas acredito que seja o gerente dela, então aguardo que ela se posicione.

— Senhor Aydin, ele é o meu chefe — me explica, sem se dirigir ao homem ainda.

Ergo uma sobrancelha para ela, incitando-a a tomar uma decisão e noto quando aperta meu celular, que segura, apertando-o na mão pequenina.

Respira fundo, antes de se voltar para seu superior.

— Ele não é um cliente, é meu novo empregador, senhor Oliveira. Eu... huh... estou pedindo demissão.

— Demissão? Sabe o que significa? Nunca mais vou aceitá-la aqui, Malu. Eu nem poderia contratar temporários. Só o fiz porque você precisava.

O rosto dela adquire um tom de vermelho escuro.

Ela me encara rapidamente e depois diz para o homem.

— Sim, eu sei e agradeço muito pela oportunidade. Já vou tirar o uniforme. Foi um prazer trabalhar aqui e...

Ele vira as costas e a deixa falando sozinha.

— Sinto muito por isso. — Volta-se outra vez para mim. —

Mas ele tem razão. Eu não deveria me sentar com o senhor.

— Vá se trocar. Eu a esperarei. Vou levá-la para casa.

— Não antes que me explique direito essa história de viajarmos juntos.

— É um pouco tarde para isso, não acha? Acabou de perder seu segundo emprego. Se o que aquele homem disse é verdade, trabalhava aqui porque precisa do dinheiro. Estou lhe oferecendo uma chance de que nunca tenha que voltar para cá.

— Ofereceu-me dois meses de emprego. Dificilmente isso significaria uma vida inteira.

— Faça o que eu mandar e talvez jamais precise se preocupar com despesas novamente.

— O que isso significa? — pergunta, desconfiada.

— Exatamente o que eu quis dizer.

— Não disse nada. Insinuou.

— É sempre tão teimosa?

— Sou bem pior. Estou pegando leve porque trabalharei para o senhor.

Afasto o copo da minha frente.

— Tem dez minutos, Malu. Paciência não é o meu forte.

— Eu só vou sair daqui com o senhor se me mostrar sua identidade. Eu não sei como essas coisas funcionam em seu país, mas no meu, as mulheres não entram no carro de estranhos.

Gosto de ouvir aquilo, de atestar que sabe tomar conta de si mesma.

— Ia me encontrar de qualquer maneira amanhã. Eu ainda seria um estranho.

— Eu iria encontrá-lo na casa em que ficará hospedado, de acordo com o contrato que eu assinei. Um lugar que tanto minhas melhores amigas, quanto minha prima americana estão com o endereço. Se eu sumisse, pode ter certeza de que as quatro fariam da sua vida um inferno — diz, com um ar combativo e sexy para caralho. — Com todo o respeito.

A parte final do que diz, após a demonstração do mau gênio, é ainda mais excitante. A garota está se mostrando uma deliciosa surpresa.

Estudo-a para ver se está blefando.

Ela não negou que precisava do dinheiro, entretanto, mesmo já tendo se demitido, não recua.

Finalmente, tiro um cartão de visitas de dentro da carteira e lhe entrego.

— Satisfeita? — pergunto, enquanto ela confere meus dados.

— Ou precisa dar um telefonema para os meus irmãos para ter certeza de quem sou?

Ela tenta me devolver o cartão.

— Não, fique com ele — digo.

Ergue-se, mas antes de se afastar, fala:

— Não pode me culpar por ser cuidadosa. Vivo sozinha.

Tenho que tomar conta de mim mesma.



## Capítulo 9

— Acabou mesmo de se demitir? — Gigi pergunta, vindo atrás de mim no vestiário. — Oliveira nos disse que teremos que cobrir seu turno hoje.

Dou de ombros, fingindo que não é grande coisa.

— Não pretendia ficar aqui para sempre, de qualquer modo.

— Sim, mas me falou que, por várias vezes, a grana das gorjetas salvou sua pele.

Não tenho como negar aquilo. Sou um pouco louca com as minhas finanças. Não chego a atrasar contas, mas às vezes tenho

que fazer malabarismo entre cartão de crédito e conta corrente para fechar o mês no azul.

— É verdade, mas acho que agora vou ficar bem — falo, sem me explicar muito.

— O que está acontecendo, Malu?

Suspiro, derrotada.

— Lembra do lindão lá fora? Você não vai acreditar se eu te contar.

— Meu bem, pode mandar. Pouquíssimas coisas nessa vida ainda me espantam.

Quando termino de fazer um resumo rápido, dois minutos depois, ela está de boca aberta.

Claro que eu omiti a identidade de Emir, quero dizer, do senhor Aydin, assim como sua profissão e o que me contou sobre a família possuir siderúrgicas pelo mundo. Limitei-me a dizer que era o meu novo empregador.

— Ele veio espioná-la?

— Acho que sim. É um homem importante, então, provavelmente, queria saber onde estava pisando, afinal, vou trabalhar para ele.

— Gente, como eu faço para ser perseguida por um homem como aquele? O máximo que já consegui de fã obcecado foi um motoboy do *Uber Eats*.

A despeito de toda a ansiedade que estou sentindo, começo a rir.

— Obrigada por isso, Gigi. Essa gargalhada vai me ajudar a não desmaiar quando for reencontrá-lo lá fora.

Termino de me vestir e depois vou até onde está e lhe dou um abraço.

— Jesus, você é tão sortuda! Além de poder viajar com aquela delícia, ainda vai receber para isso!

— Não se empolgue. Ele será apenas meu empregador. Além do mais, não me esqueci do seu conselho: que o moreno misterioso é do tipo que deixa lágrimas quando vai embora.

— Isso mesmo, moça esperta. Mantenha seu coração protegido.

Se alguém tiver que usar e ser usado em uma relação, fique sempre com o primeiro papel.

Saio do vestiário sorrindo, mas assim que chego perto da mesa e Emir se levanta, todo o ar dos meus pulmões se esvai.

Se ele é intimidante sentado, de pé a situação é multiplicada ao infinito.

— Pronta?

Aceno com a cabeça, sentindo os olhares de várias pessoas em cima de nós, enquanto saímos do Prazer sobre Rodas.

Emir caminha do meu lado em silêncio e quando pisamos na calçada em [\[panema\[14\]\]](#), cerca de uma dúzia de guarda-costas nos cercam.

Olho para ele chocada, mas não parece fazer caso do meu espanto. Põe a mão na parte baixa das minhas costas e me guia para um veículo que já está com a porta aberta, nos esperando.

Não acho que tenha me tocado de uma maneira intencional. A intuição me diz que é da natureza dele ser protetor com uma mulher.

Eu me abaixo para entrar no banco traseiro do carro, depois de cumprimentar rapidamente o chofer e ouço outros motoristas buzinando irritados porque o grupo de guarda-costas praticamente interditou a rua.

Ele vem logo atrás de mim e depois que ambos fechamos o cinto, pergunto.

— Quem é você?

— Já nos apresentamos, Malu.

— Não, estou perguntando quem é você, *realmente*? Algum herdeiro de um trono real?

— A Turquia é uma república presidencialista.

— Eu sei, estava brincando. Quero dizer, mais ou menos. Aqui no Brasil, se você não é um astro de Hollywood que veio ao país ou o Presidente da República, não vai a um bar com uma dúzia de guarda-costas escoltando-o.

— Sigo os códigos de segurança elaborados pela equipe que cuida da proteção da minha família — diz, parecendo aborrecido.

— Sinto muito. Não quis ser grosseira, só fiquei surpresa, mesmo.

— As pessoas aqui não andam com proteção?

Dou risada.

— Andam, sim, pode acreditar, mas acontece que no Rio, particularmente, de todas as cidades do Brasil, os cidadãos já carregam o instinto de sobrevivência no próprio DNA. Sabemos nos cuidar.

— Mas não nasceu aqui, pelo que me lembro de seus dados.

— Não, nasci em Minas Gerais — falo vagamente porque de jeito nenhum vou contar a esse homem lindo que minha cidade natal se chama “Vale das Solteiras” — outro estado. Entretanto, já moro no Rio há muito tempo. Sei tomar conta de mim mesma.

— Li que o índice de criminalidade dessa cidade é alto.

— Em comparação a Istambul, é sim, mas quem é local, e eu já me considero uma, sabe que áreas evitar, assim como os horários de maior risco. Também tomamos algumas precauções.

— Como o quê, por exemplo?

— Dificilmente você verá um carioca andando com um relógio desse tipo no meio da rua — falo, sorrindo e apontando o pulso dele.

— Sim, eu entendo. É como em qualquer cidade grande.

— Hum... mais ou menos. Acho que aqui é mais perigoso do que em cidades de maior porte, inclusive.

— Não parece com medo.

— Porque não tenho, mesmo. Como lhe disse, sei me cuidar.

Fico atenta e até hoje nunca fui assaltada, o que, dado os índices de criminalidade da cidade, é um grande feito.

Falei aquilo em tom de brincadeira, mas ele não sorri de volta.

Ao contrário, o rosto se fecha.

— A que horas costumava sair do bar?

— Uma da manhã, mas aquilo lá era um extra. Geralmente ficava apenas às sextas-feiras.

— Para onde estamos indo, senhor? Sua casa? — o motorista pergunta.

— Dê-me seu endereço — meu novo chefe pede.

— Huh... Quando disse que me daria uma carona, achei que seríamos eu e você. Pessoas comuns, entende? Não creio que seja uma boa ideia irmos para o meu bairro com essa carreata de guarda-costas.

— Por que não?

— Pelo que estávamos conversando agora: há certas regiões no Rio que podem não ser muito amigáveis depois de uma determinada hora. A que eu moro, é uma delas. Vamos chamar uma atenção desnecessária e perigosa.

— Vou te dar duas opções: ou você me dá o endereço para que eu possa ter certeza de que chegará em casa em segurança ou vem comigo para o imóvel no qual estou hospedado.

— O quê? Não! Quero dizer, isso não faz o menor sentido. Além do mais, essa determinação não está em nosso

contrato.

Ele me olha com o rosto impassível.

— Não? Meu erro. Acabo de acrescentar essa cláusula junto à extensão do período de sua contratação para dois meses, assim como o substancial aumento de salário.

Abro e fecho a boca, sem conseguir encontrar palavras para expressar meu espanto.

É um senhor feito me deixar sem ter uma resposta para dar, considerando que falo pelas *tripas do Judas*[\[15\]](#).

— Essa proposta não tem sentido — enfim, falo.

— O que não tem sentido é que eu, possuindo um lugar seguro e imenso para hospedá-la, permita que corra riscos desnecessários.

Se fosse qualquer outro homem a dizer aquilo, rico ou não, eu o mandaria para o inferno, mas o que me faz controlar a língua, é que por mais bizarra que seja a situação, não parece haver qualquer insinuação de maldade nas palavras dele.

Mesmo assim, não estou disposta a ceder tão fácil, então resolvo arriscar para ver se está falando sério.

— Eu não vou.

— Então, considere-se despedida, senhorita Barcellos.

— Precisa de mim na reunião de amanhã, segundo seu assistente me disse.

— Posso fazê-la em inglês. Só queria seus serviços porque seria um bônus ter alguém presente que dominasse os dois

idiomas das partes contratantes, o português e o turco. Sua ajuda não é fundamental, no entanto, senhorita.

— Se minha presença é dispensável, então por que se deu ao trabalho de vir verificar quem eu era?

— Precaução.

Ele parece irritado e desconfio que é porque não está acostumado a ceder.

— Só me deixe pegar um táxi para me levar em casa, senhor Aydin e eu o encontrarei amanhã. Não precisamos brigar.

— Não. Tenho uma contraproposta: eu a hospedo em um hotel de boa qualidade e *seguro* — diz, enfatizando a última palavra — e desse modo, nosso contrato se mantém de pé. O que me diz?

— Eu tenho opção?

— Não — responde, arrogante, e ordena ao motorista. — Leve-nos para o melhor hotel da cidade.

Morde minha língua porque a vontade de confrontá-lo é quase impossível de ser controlada.

— Acalme-se, Malu. Consigo quase tocar sua ira.

— Não estou acostumada a que decidam sobre minha vida.

— Então está trabalhando para o homem errado.

O que ele diz deveria me dar vontade de matá-lo, mas ao invés disso, um frio gostoso se espalha na minha barriga. Seu jeito mandão faz minha pulsação acelerar.

É, eu devo ser muito louca mesmo.

— Tudo bem, ficarei no hotel, mas isso não será descontado no meu pagamento. Além do mais, quero um adicional de vinte por cento à proposta que me fez no restaurante.

— Não vejo problema nisso, mas posso saber a razão?

— Por sufocar minha independência pelo período em que eu trabalhar para o senhor. Talvez ao fim dos dois meses, eu precise de tratamento psicológico para entender por que concordei com isso.



## Capítulo 10

Olho em volta do quarto de hotel da rede Caldwell-Oviedo, que pertence à família de Olívia e é considerado o mais luxuoso do Rio de Janeiro e não sei se gargalho ou se grito.

Sou uma leitora ávida, apaixonada por livros *hot* e os heróis de romance com jeito controlador e mandões sempre tiveram o poder de me deixar com o coração disparado, mas até mesmo se fosse um livro, o que aconteceu hoje foi surreal.

Além do mais, eu não estou dentro de uma história de amor. Essa é minha vida e o cara que acaba de fazer minha mudança involuntária para um lugar que eu não poderia

pagar um quarto mesmo que juntasse dinheiro por um ano, não é o mocinho que veio me resgatar de uma existência sem graça, é o meu chefe.

Balanço a cabeça de um lado para o outro.

Jesus, a palavra “controlador” parece muito pouco para defini-lo.

Depois de me deixar aqui, ele se despediu, dizendo que me

[encontraria amanhã, às oito, na casa que ele alugou no Joá\[16\].](#)

*Um motorista estará à sua espera na porta do hotel às sete e trinta, Malu — ele disse. — Precisamos acertar os detalhes sobre o que você deverá ficar alerta durante as negociações do contrato, pontos-chave, etc.*

Só esqueceu de um ponto: não tenho roupa comigo, o que significa que terei que acordar quase de madrugada para poder passar em casa, fazer uma mala, me trocar e depois voltar para encontrar o motorista aqui. Apenas aí, já pode colocar umas duas horas perdidas.

Em segundo lugar, só mesmo um milionário para acreditar que eu consigo chegar do Leblon, onde esse hotel fica, ao Joá em trinta minutos com o trânsito infernal aqui do Rio por volta das oito da

manhã. A não ser que o motorista tenha um carro que voa, se eu estiver lá uma hora mais tarde do combinado, meu chefe mandão vai estar no lucro.

Jogo-me na cama, me perguntando por que diabos concordei com seus absurdos, mas não preciso nem de dois segundos para entender a razão: eu não podia deixar Emir,

com toda a pinta de rei do mundo e mais os dois mil guarda-costas na carreato, chegar no meu bairro perto da uma da manhã.

Há áreas de risco em volta, onde a criminalidade é bem maior do que na maior parte da cidade.

Vou até o banheiro e fico louca quando vejo a banheira que com certeza caberiam umas quatro pessoas dentro.

Abro a água para enchê-la, disposta a relaxar da minha tensão, às custas do meu chefe.

Passo a próxima meia hora aproveitando todos os produtos que encontro — do sabonete líquido aos sais de banho — e somente quando os dedos dos pés e da mão começam a ficar enrugados, rendo-me ao fato de que preciso sair.

Um torpor gostoso toma conta do meu corpo enquanto visto um roupão felpudo com as letras “CO”, de Caldwell-Oviedo, provavelmente, bordadas no peito.

Sinto-me limpa e muito rica nesse instante e se as circunstâncias fossem outras, estaria aproveitando como nunca. Porém, nem mesmo eu, com minha capacidade infinita de lidar com imprevistos, consigo relaxar depois de uma noite como a de hoje.

Ansiosa para caramba ainda, pego meu celular e mando uma mensagem para Olívia. Sei que ela já deve estar dormindo a essa hora, mas preciso desabafar com alguém.

“Hey, quando puder, me liga. Estarei livre para falar até às oito, amanhã. Depois, somente à noite. Vou começar a trabalhar para o advogado turco de quem lhe falei, está lembrada? Enfim, estou me sentindo muito acelerada. Tenho novidades. Umas muito loucas. Te amo.”

Pego o carregador na mochila e coloco o aparelho para recarregar, pensando no que Emir falou depois de definir que eu viria para esse hotel.

Apesar de me considerar relativamente aventureira, eu só saí do Brasil duas vezes: uma para visitar minha mãe na França e me arrependo até hoje, porque nós brigamos o tempo todo e a outra, que formou boas memórias, para passar o Natal com os Oviedo.

Agora, Emir está me acenando com a possibilidade de várias viagens para os próximos dois meses e eu mentiria se dissesse que não estou excitada com a ideia.

Por outro lado, deixar que alguém determine minha vida desse jeito é assustador. Mas quem sabe não está mesmo na hora de efetuar algumas mudanças? Sempre apostei no seguro, agora estou disposta a ver onde essa proposta inesperada vai me levar.

Vamos a Paris e Istambul, ele disse.

Pode ser coisa do destino. Talvez em minhas andanças, eu conheça o homem dos meus sonhos.

Logo após pensar nisso, o rosto do advogado turco vem à minha mente e tenho vontade de me estapear.

*Deve estar ficando louca, Malu. Lembre-se do que Gigi disse.*

*Lágrimas. O homem deve ter feito muitas mulheres chorarem ao longo do caminho.*

Vou ficar atenta para que meu coração tolo e virgem de sentimentos verdadeiros, não caia na armadilha de se apaixonar pelo mister lindão.

A ideia é encontrar um amor antes dos trinta, não passar a data juntando os pedaços quebrados do meu coração.



### **No dia seguinte**

Enquanto o táxi me leva de volta ao hotel, bocejo pela milésima vez.

Maldito chefe intransigente. A essa hora deve estar lá, curtindo a cama, que eu imagino, deve ser *king size*, podendo se arrumar apenas no último minuto para nosso encontro. Já eu, tive que sair quase que de madrugada.

Fui até a minha casa, fiz uma mala completa e trouxe inclusive o passaporte, só para o caso de surgir uma viagem inesperada, porque já percebi que enquanto trabalhar para Emir, meus planos serão secundários. O que importa é o que ele quer.

A revolta desaparece como passe de mágica quando me lembro da quantia que me ofereceu.

Eu poderia fazer extravagâncias por um ano e ainda me sobrar dinheiro.

Pego o celular, já que, para variar, estamos engarrafados no trânsito e digito o nome dele no *Google*.

Até nosso encontro ontem à noite, eu só sabia que era um advogado turco que viria ao Brasil e precisaria de uma intérprete.

Assinei um contrato de confidencialidade, mas na hora nem pensei em pesquisar o cliente. Não é a primeira vez que trabalho para turcos. Para mim, seria apenas mais um serviço, mas agora, após encontrá-lo, algo me diz que nada do que vivi até hoje chega sequer perto dessa nova experiência.

E o que foi aquela história de que se eu fizer o que manda, não precisarei mais de trabalho?

Seria algo assustador de se ouvir, vindo de um estranho, mas confio nos meus instintos e eles me dizem que Emir é um homem honesto.

O buscador finalmente abre na pesquisa e eu começo a ler avidamente as informações disponíveis.

No fim de cinco minutos, preciso de um guindaste para colocar meu queixo no lugar.

Eu brinquei perguntando se ele era um herdeiro real, mas ele é quase isso, mesmo. A família de Emir é dona de mais da metade da Turquia.



## Capítulo 11

— Você está atrasada — falo, assim que ela atende.

— *Eu sinto muito, mas quando eu chegar aí, teremos que conversar sobre o trânsito do Rio de Janeiro, senhor.*

Merda, não deveria ser tão excitante ouvi-la me chamar de “senhor”, mas é.

Ela se despede, prometendo que chegará dentro de alguns minutos.

Passo as mãos pelo rosto, me perguntando, não pela primeira vez, o que estou fazendo.

Eu achei que tinha vindo ao Rio de Janeiro para uma tarefa ingrata: cumprir a promessa que fiz ao homem que amei como a um pai. O que eu não tinha ideia era de que a mulher com quem terei que *lidar* mexeria comigo do jeito que Malu faz.

Ontem eu quebrei várias das minhas regras. Nunca interfeiri daquele jeito na vida de uma contratada, determinando onde deveria morar, mas quando me disse que não era seguro levá-la até seu bairro àquela hora, a única coisa que passou pela minha cabeça foi protegê-la.

Além do mais, ela não é somente uma funcionária. O trabalho que lhe ofereci é apenas uma cortina de fumaça.

Ando até a janela com vista panorâmica para o mar, pensando que minha estada no Rio de Janeiro, que inicialmente pensei que seria por volta de um mês, será muito mais curta. Não permanecerei na cidade. Eu levarei Malu comigo.

Eu só preciso organizar tudo de maneira a não deixar que nada do que precisaremos lidar em um futuro próximo venha à tona, ainda.

Sei que estou pisando em gelo fino ao levá-la comigo para fora do país e talvez isso vá causar um estrago irreparável em nosso relacionamento daqui por diante, mas o desejo de conhecê-la melhor está vencendo a razão.

Observo o reflexo do sol na água, criando nuances de verde e azul. Perigosa ou não, a cidade do Rio de Janeiro é linda. É impossível ficar indiferente à vibração local.

Até mesmo para um cínico como eu, que encara o mundo com desdém e na maior parte do tempo, tédio, é impossível negar que o lugar inteiro grita “vida”.

Quarenta e cinco minutos depois, o motorista estaciona na garagem e uma Malu ainda mais deliciosa do que a que eu encontrei ontem, desce do veículo.

Ela está vestida com uma saia branca, justa, na altura dos joelhos, fazendo com que os quadris fiquem ainda mais pronunciados. A sandália é de um tom de cor-de-rosa antigo, assim como a blusa sem mangas e de gola alta.

Uma dama, completamente diferente da garota sexy do bar.

— Bom dia, senhor Aydin. Eu tive que ir em casa. Não tinha nada para vestir.

Mesmo se justificando, o tom é altivo e ela mantém a cabeça erguida, como se me desafiasse a censurá-la.

— Você está linda.

Observo seu olhar de espanto e sei que não esperava por aquilo.

Não planejei dizê-lo, tampouco, mas não me arrependo.

— Estou muito atrasada, isso sim.

— Por quê?

— O trânsito... huh... não é como o senhor pensa. Vir da zona sul, que é onde fica o hotel, para cá, é quase uma maratona. Por isso, acho melhor sairmos mais cedo para a reunião no centro.

— Iremos de helicóptero.

— Oh! Nunca andei.

Aquilo é tão banal para mim — viagens de helicóptero, quero dizer — que mal registro o que ela falou.

— Entre. Comeu?

— Não. Tive que acordar quase de madrugada para ter tempo hábil de ir em casa fazer uma mala — falou com ironia e fica claro que me culpa pela “viagem”.

Escondo um sorriso e ela percebe porque faz cara feia.

Seu jeito briguento é sexy. Nunca pensei que me atrairia por uma mulher assim, sempre preferi as mais dóceis, mas há algo em Malu



que mexe muito comigo.

— Venha.

Dou espaço para que ela passe e noto quando respira fundo, os olhos buscando-me assim que estamos em frente um do outro.

Eu nunca recuo, mas dessa vez, desvio os meus.

Preciso conhecê-la melhor, mas devo manter uma distância segura, caso contrário, quando Malu descobrir qual é o meu papel nessa viagem, me odiará.

— Fale-me sobre você — peço, enquanto a empregada nos serve café.

Malu estava pegando um pãozinho, mas para o movimento no meio.

— Achei que queria falar sobre a reunião de daqui a pouco.

— Teremos tempo para isso durante o caminho, no helicóptero.

— E por falar em helicóptero, por que alugou um?

— Minha equipe de segurança recomendou.

— E sempre faz tudo o que eles mandam?

Há um leve toque de ironia no questionamento.

— Está me provocando, Malu?

— Nunca, senhor. Foi só uma pergunta inocente.

Ela não consegue esconder um sorriso e ainda que eu saiba que é um jogo perigoso, continuo adentrando em um terreno mais pessoal.

— Onde está sua família?

A expressão dela cai.

— Precisamos falar sobre isso?

— Sim, vai passar dois meses ao meu lado. Gosto de conhecer aqueles que me cercam.

— Está me dizendo que se intromete na vida de todos os seus funcionários?

— Não. Estou dizendo que me mantenho informado sobre as pessoas com as quais convivo.

— É a mesma coisa, dita com palavras bonitas.

— Por que a relutância? Tem algo a esconder?

Ela dá de ombros.

— Não, eu só não gosto de falar da minha mãe.

— Não há um pai?

— Não. Minha mãe mora na França, atualmente com o namorado ou marido, eu nunca tenho certeza do *status* do escolhido, número cem, talvez?

— E você não aprova isso?

— Não cabe a mim aprovar ou desaprovar. É a vida dela.

— Não se dão bem.

É uma afirmação e ela confirma com a cabeça.

— Eu considero como minha família minhas três melhores amigas e uma prima americana que conheci depois de adulta.

— *As guardiãs* que fariam da minha vida um inferno se eu a sequestrasse — digo, divertido, lembrando do que falou ontem à noite.

— Pode apostar que as quatro reunidas valem mais do que um exército.

— E seus outros parentes, onde estão?

— Restam apenas poucos e ainda assim, distantes. Sangue não significa muita coisa para mim, afinidade, sim.

— Sangue para minha família é muito importante.

— Se eu fosse contar com isso... Emir... posso te chamar pelo primeiro nome? Parece estranho tratá-lo por “senhor”

quando estamos falando sobre assuntos mais íntimos.

Aceno com a cabeça, concordando.

— Pois bem, Emir, se eu fosse contar apenas com a família de sangue, seria completamente sozinha no mundo.

— E a sua própria?

— Hein?

— Não pensa em se casar?

Vejo um canto de sua boca se erguer em um sorriso levado e mal disfarçado.

— Não sei se devemos falar sobre isso.

— Por que não?

— Porque sou sua funcionária e nunca passei tanto tempo ao lado de um cliente como ficaremos. Não sou uma pessoa muito formal e temo me perder um pouco em nosso relacionamento de trabalho, sem saber quando falar e quando calar.

— Seja você mesma, Malu.

— Tudo bem, mas lembre-se que foi você quem pediu: eu fiz um acordo com minhas melhores amigas. Quase uma aposta, na verdade. Tenho que me casar antes dos trinta. Pretendo usar esse dinheiro que vai me pagar do tempo em que trabalharemos juntos para fazer uma viagem para os Estados Unidos. Minha prima disse

que o marido dela tem parentes solteiros no norte do país. Quando Olívia sugeriu, achei um absurdo, mas agora, faz todo sentido.

Mantenho minha expressão neutra, imaginando que a qualquer momento ela vá me dizer que está brincando, mas quando segundos se passam e dá um gole no suco de laranja apenas, pergunto:

— O que faz sentido, Malu?

— Pensei nisso durante a noite passada, para ser sincera. Não sou boa para escolher namorados sozinha. Olívia é muito bem casada e os parentes dela, maravilhosos. Tenho certeza de que me apresentará alguém decente.



## Capítulo 12

— Está me dizendo que por causa de uma aposta sairá à procura de um marido?

— Não.

— Foi exatamente o que falou.

Tento controlar meu temperamento, mas o que ela revelou é tão absurdo que a irritação sobe à superfície.

Segundos depois, penso na ironia daquilo tudo.

*Caralho!*

— Ainda estamos de licença no papel de chefe e intérprete, né?

— Aparentemente — respondo.

— Pois então, quero que saiba que já estou arrependida de ter lhe falado sobre o meu segredo.

Ignoro seus resmungos.

— Por que não tentar conseguir um marido pelas vias normais?

— Tipo aplicativos?

Sei que está fazendo piada para mudar de assunto. No pouco tempo em que convivemos desde ontem, percebi como a deixo nervosa.

— Está sendo imatura.

Ela suspira.

— Eu *vou* tentar conseguir um marido pelas vias normais. Não falei nada sobre *marido de proveta*.

— Não entendi.

— Esquece. Eu tenho um senso de humor estranho e acabei de perceber que essa piada só faz sentido em português. — Ela sorri.

— Bem, talvez nem em português, mas como lhe disse, meu senso de humor é esquisito.

Recosto-me na cadeira, observando-a.

— Você engana bem.

— *Engano?* Não entendi.

— Mesmo sendo uma intérprete que ocupa o tempo parcialmente servindo drinks em cima de patins, o que está muito aquém de sua capacidade, achei que era uma garota ajuizada.

Acho que vai brigar, porque toda a postura dela denota irritação, mas ao invés disso, segundos depois, pega um pedaço do queijo branco, delicioso por sinal e que ela havia me explicado logo que a empregada trouxe que tem o mesmo nome de seu estado natal, Minas, e o leva calmamente à boca.

— Eu posso perder meu emprego com base na resposta a seu comentário?

— Não.

— Então preciso lhe avisar que assumiu várias coisas erradas a meu respeito.

— Por exemplo?

*Ela está flertando comigo?*

Porque fica ainda mais irresistível nesse modo sedutora.

— Sou parcialmente ajuizada. O que me fez trabalhar no bar à noite não tem nada a ver com uma causa nobre, e sim com o fato de que quero viver ao máximo. Quando eu morrer, não pretendo deixar nada para trás: nem amores, nem desejos.

— Que tipo de desejos?

— Nenhum tão tenebroso assim. Gosto de aproveitar o que a vida tem de melhor: se sinto vontade de comprar um sapato bonito, eu compro; se quero experimentar um novo restaurante, mesmo que meu bolso fique vazio no próximo mês, também.

— Parece um pensamento um tanto hedonista.

Ela dá de ombros.

— Talvez, mas acho que não. Eu não vivo para o prazer, como a filosofia hedonista prega, vivo para o *meu* prazer, então prefiro chamar de “malusofia”.

— Ainda fora do papel de seu empregador, deixe-me avisá-la de que você é louca, senhorita Barcellos.

Ela não parece ofendida. Ao contrário, dá risada.

— Já que me fez perguntas pessoais, posso lhe devolver o *favor*?

— Não tenho certeza de que responderei.

— Ah, é uma via de mão única, então. Okay.

Reviro os olhos.

— O que quer saber?

— Eu o pesquisei ontem porque aquela história de uma dúzia de guarda-costas me impressionou bastante. Não me leve a mal, não estou bancando a perseguidora e nem nada do tipo, mas apenas

curiosa, mesmo. Enfim, descobri através do senhor *Google*, que sua família é praticamente dona da Turquia.

Aceno com a cabeça, concordando, porque é um fato, então não há razão para negar.

— Quando se chega a esse ponto na vida, o que mais o motivaria? Porque eu sei o que me faz acordar todos os dias e não tem nada a ver com dinheiro. Admito que ele é uma parte fundamental da nossa existência, mas o que me excita toda manhã é a possibilidade de um dia inteiro que, por mais que eu planeje, não tenho como saber ao certo o que vai acontecer.

— Gosta de imprevistos, então?

— Não sempre, mas às vezes, sim. A vida seria muito entediante se pudéssemos antecipar tudo de antemão.

— Por isso concordou em viajar comigo? Quer se aventurar?

— Eu poderia mentir e dizer que é por conta da fortuna que me ofereceu, mas não foi isso o que me fez concordar. Tem razão, aceitei porque gosto da sensação de saltar no escuro.

O que ela diz mexe para caralho comigo. É algo com o qual eu não contava: que Malu traria emoção à minha vida pragmática.

Eu a prejudiquei baseando-me na superfície e agora, enquanto conversamos, percebo que é muito mais complexa do que imaginei

a princípio.

— Eu nunca fiz isso — confesso.

— O que? Saltar no escuro? Imagino que não, foi por isso que lhe perguntei o que o motiva. Tem tudo.

— Ninguém tem tudo, mas gosto de pensar que tenho tudo o que *preciso*.

— Como pode ter certeza, se você mesmo admitiu que nunca saltou no escuro?

Não tenho resposta para aquilo.

— O que seria *saltar no escuro*, no meu caso, Malu?

— Não sei ao certo porque não o conheço o suficiente, mas tenho alguns palpites.

— Fale.

— Planejou se divertir em sua estada no Rio?

Hesito antes de responder percebendo onde ela quer chegar. É

estranho que consiga me ler tão bem com menos de vinte e quatro horas que estamos convivendo.

— Não.

Ela dá risada e posso dizer que não é difícil me acostumar com aquele som, principalmente porque quando Malu sorri ou ri, toda a expressão corporal dela acompanha e fica ainda mais deliciosa.

— Foi o que eu pensei.

— E acha que estou errado?

— Não “errado”, mas veio de uma cultura diferente da nossa e o Rio de Janeiro é uma das cidades mais bonitas do mundo. Talvez você volte aqui no mês que vem, talvez, não volte nunca mais. Por que não aproveitar o momento?

— Não fui criado para aproveitar. Sou o segundo irmão mais velho de cinco e só perco no quesito *mania por controle* do que vem acima de mim, Cenk[17].

Outra risada suave.

*Você é viciante, Malu Barcellos e eu não contava com isso.*

— Disse que é o segundo irmão mais velho...

— Sim. Somos cinco no total — respondo vagamente e acho que ela percebe que não quero falar sobre mim porque desvia nossos olhos.

Depois de dar mais um gole no suco, diz:

— A qualquer hora que queira ir para a reunião, é só me avisar.

Estou pronta.

Ainda demoro alguns segundos, apenas observando-a. Malu é muito sensível e entendeu quando a cortei assim que o assunto se encaminhou para a minha família.

— Não estou acostumado a me abrir, Malu.

Eu não tenho ideia da razão de estar me justificando, mas é um fato que sou fechado até mesmo com os mais próximos.

— Sem problema, Emir. Todos nós temos limites. Com licença.

Vou ao toalete.

Ela se ergue, mas antes que se afaste, seguro seu braço.

— Quais são os seus? — pergunto.

- Limites?
- Aham.
- Não conheço todos ainda, mas pretendo descobrir.



## Capítulo 13

### **Uma semana depois**

— *Está me dizendo que passou a morar no Oviedo-Tower do Rio?* — minha prima Olívia pergunta, do outro lado da linha.

— Aham.

— *Eu juro para você que não sou lerda, mas não estou entendendo nada.*

— Meu chefe controlador não quer que eu volte tarde da noite para o meu bairro.

— *É tão perigoso assim, Malu?*

Sua voz denota preocupação e eu me sinto culpada.

— Viver é perigoso, Olívia.

— *Agora estou me sentindo péssima por não ter lhe telefonado antes. Sua vida parece ter virado de cabeça para*

*baixo em um espaço de setenta e duas horas. Sinto muito por demorar a responder.*

Uma das filhas gêmeas dela, Gaby, adoeceu e ficou dias de cama. Com o trabalho que faz nos hotéis da cadeia Caldwell-Oviedo, já que é a chefe doceira deles, junto à doença da filha, ela ficou sem tempo e só respondeu minha mensagem há três dias.

Mesmo assim, avisando que não poderia conversar naquele instante. Hoje, finalmente me telefonou.

Não fiquei chateada. Minha amizade com Olívia é daquele tipo que não precisamos nos falar todos os dias. Na verdade, podemos ficar sem nos falar por semanas, às vezes e quando conversamos novamente, é como se o tempo não tivesse passado.

— Eu estou bem.

*— Bem instalada, eu sei que sim. Modéstia à parte, não há hotel melhor no Brasil atualmente, mas estou me sentindo horrível porque não consegui ver que morava em um lugar que poderia ser*

*arriscado, perigoso para sua vida e esse seu chefe precisou somente de algumas horas para tomar uma atitude.*

— Hey, já sou grandinha. Não é como se eu estivesse correndo risco de morte ou algo assim. Credite minha mudança ao fato de que Emir é um chefe ultra controlador.

— *Emir?*

— Hum... nós nos tratamos pelo primeiro nome no privado

—

falo, sem explicar muito.

Nesses dias que temos convivido, ocorreu um fenômeno estranho.

Eu nunca fugi de nada na vida: seja de situações ou de pessoas, mas há algo se formando entre nós dois, uma espécie de ligação que eu não sei nomear, que me assusta para caramba, então procuro me manter à parte, sem deixar que nada de pessoal surja.

Eu participei de todas as reuniões que fez para que ele adquira a siderúrgica que a família está negociando. Posso dizer sem medo de errar que é um dos trabalhos mais fáceis que já fiz.

Emir é inteligente, seguro e sabe tudo do que está em pauta, deixando pouquíssima margem para o adversário.

Assim, não é o contrato de intérprete o que tem tirado meu sono, mas a atração inegável entre nós.

Ele não disse nada específico. Não tentou cruzar a linha ou mesmo voltou a tocar em assuntos íntimos. Na verdade, tanto quanto eu, parece relutante em dar vazão ao que, acho, ambos desejamos.

Por outro lado, o olhar dele me diz muito mais do que palavras.

Eu já tive três namorados — e essa é toda minha experiência de vida quando o tema é homem — e ao contrário do que Olívia brincou comigo, já experimentei sim, um orgasmo, ou pelo menos, acho que tive um porque o que senti não é nada do que descrevem nos livros: a Terra não saiu de órbita, meu corpo não se tornou febril ou

qualquer outra explicação romântica que se dê ao que os franceses chamam de “pequena morte”.

Foi um sexo satisfatório que culminou com o que eu chamaria de um *momento*, poucos segundos para ser exata, de uma *certa* empolgação. No fim, eu me perguntei: é só isso?

Enfim, o que estou tentando dizer é que ninguém jamais fez meu mundo virar do avesso, mas quando olho para Emir, as promessas silenciosas que aquelas profundezas negras que são seus olhos me fazem, juro por Deus que perco o rumo.

Se antes de me tocar, faz com que me sinta assim, como será ficar nua nos braços de um homem como ele?

Eu reparei, durante nossa convivência, o impacto que meu chefe causa nas mulheres, então meio que fico tranquila que não apenas eu, mas como minhas companheiras de gênero, põem-se inquietas quando ele está por perto. O problema é que nenhuma delas terá que passar tanto tempo do lado daquela delícia.

— *Está acontecendo alguma coisa entre vocês?* — ela pergunta, me trazendo de volta à realidade.

— Defina “alguma coisa”.

— *Sabe perfeitamente do que estou falando.*

— Ele me atrai. Muito.

— *E acha que é recíproco?*

— Acho, sim.

— *Não vou ser hipócrita e dizer que não se envolva com seu chefe porque eu me casei com o meu, mas tome cuidado, por favor.*

— Estou tentando.

Explico para ela sobre as viagens que faremos assim que a negociação no Brasil encerrar.

— *Dois meses juntos é um longo período.*

— Sim e se fosse outra época, eu me jogaria sem pensar duas vezes nessa atração física, mas estou com medo.

— *Medo de quê?*

— Ele não é o tipo de homem com quem a gente se envolve e depois segue em frente. Lembra do que me falou que aconteceu na primeira vez em que viu Guillermo[18]?

— *Lembro. Eu sabia que ele estava a anos luz da minha realidade e ainda assim, nunca tive dúvidas de que seria o único para mim.*

— Pois é isso que temo. Emir mexe demais comigo e nem se esforça para isso.

— *Esses são os mais perigosos: os irresistíveis. O que pretende fazer, então?*

— Manter minha cabeça no lugar e meu coração inteiro. Acho que se nos envolvermos, talvez eu passe o resto da vida comparando os outros homens a ele, então, estive pensando sobre aquela história que me contou, de que seu marido tem primos no norte. Acho que quando o contrato com Emir chegar ao fim, ficarei uma temporada aí. Vou aceitar sua ajuda como cupido.

— *Ótimo! Agora sim, me animei. Diga-me mais ou menos quando virá e vou programar uma festa e chamar nosso “alvo”. Já tenho alguém em mente.*

Dou risada do entusiasmo dela.

— Tudo bem, casamenteira.

— *Uma última pergunta: esse súbito desejo por um relacionamento sério tem a ver com o acordo que fez com suas amigas?*

— O acordo foi o motivador sim, mas tem principalmente a ver com o fato de que não quero mais ficar apostando em embustes.

— *Vai encontrar o cara certo, Malu, mas precisa parar de se sabotar.*

— Nossa, eu estava pensando nisso outro dia, sabe?

— *No quê?*

— Essa coisa de autossabotagem. Acho que é o que tenho feito.

Nunca estive com um cara com quem me imaginei pela vida toda.

Mesmo aqueles os quais fiquei por mais de um ano, não eram homens com quem sequer considere um futuro ao lado.

— *Então por que perdia tempo com eles?*

— Boa pergunta. Talvez, no fim das contas, eu não seja tão diferente da minha mãe assim.

— *O que isso significa?*

— Mamãe não teve só idiotas na vida dela, Olívia. Alguns eram caras bem legais, me tratavam bem, assim como a ela. Com aqueles, especialmente, ela não durava um mês.

— *Se for isso mesmo, pelo menos você percebeu ainda jovem que está destruindo suas chances de ser feliz.*

— Certo, mas e agora, o que eu faço?

— *Não há uma receita da felicidade, prima, mas se quer um conselho de alguém que morria de medo de se envolver com o homem que no fim se transformou no amor da minha vida: se jogue com seu turco. Não estou dizendo para se atirar de uma cachoeira de quinze metros de altura sem calcular mais ou menos a profundidade, mas para dar um salto e curtir a água.*

— Suas analogias são as melhores. O único problema com isso, é que não acho que Emir seja somente uma cachoeira de quinze metros de profundidade, e sim, um oceano. E se eu mergulhar fundo demais e não conseguir voltar à superfície?

— *Só vai saber se tentar. A outra opção é passar a vida inteira imaginando como teria sido. Além do mais, se nada der certo, ainda teremos alguns primos de Guillermo para que eu exercite minha veia de cupido.*



## Capítulo 14

### **Mais tarde, naquele mesmo dia**

— Por que nunca almoça comigo? — eu a confronto, assim que ela volta para a sala onde fazemos as reuniões, no centro da cidade.

Hoje foi finalizada a compra da siderúrgica brasileira.

Tecnicamente, o que vim fazer no Rio, terminou.

*Não. Sabe muito bem que o que realmente veio fazer no Rio está apenas começando — digo a mim mesmo .*

— Achei que preferisse ficar sozinho — responde, entrando sem me olhar.

Fico cansado daquele jogo. Estamos assim há dias.

A quem estou querendo enganar? No instante em que ficamos frente a frente, ainda no bar de patins, o desejo entre nós explodiu.

— Você está fugindo, Malu e sabe disso.

Ela para de andar e me encara.

Vejo seu peito subir e descer, o que me excita para cacete. Não estou ficando louco. Ela sabe que nós dois estamos fazendo uma espécie de dança em torno um do outro que só poderá resultar em uma coisa: ambos nus em uma cama.

Combati a atração que sinto até o limite porque tenho motivos de sobra para mantê-la longe.

Eu não contava, no entanto, que a mulher se inseriria sob minha pele como vem fazendo. Estou ficando obcecado. Já memorizei a risada dela e até mesmo como coloca uma mecha de cabelo atrás da orelha antes de dar uma resposta.

Não importa o quanto eu diga para mim mesmo que meu relacionamento com ela deve se ater apenas a um contrato, o desejo não passa ou diminui.

— Eu não sei do que está falando — diz.

Hoje é sexta-feira, e, na teoria deveríamos partir do Rio em direção a Paris amanhã pela manhã, mas a conversa que tivemos no helicóptero naquele primeiro dia não sai da minha cabeça.

Resolvo mudar de tática, ao invés de confrontá-la.

— Disse que eu poderia nunca mais voltar ao Rio e você tem razão, então estive pensando e decidi que antes de partirmos para a Europa, ficarei esse fim de semana aqui, com você.

Eu a encaro, sem deixar dúvida do que estou falando.

Ela engole em seco.

— *Comigo?* Eu não sei se entendi.

Faço o jogo dela, por ora.

— Estava certa. Eu não planejei qualquer programa que não envolvesse trabalho nessa viagem e agora decidi que não quero ir embora sem aproveitar um pouco.

*Sem provar você antes que tudo se torne complicado demais entre nós dois.*

Dou um passo para perto e se pudesse adivinhar, acho que se esforça para manter-se parada.

— Aproveitar como?

Ela recua até as costas baterem na parede. Não me olha assustada, e sim, parece excitada. Sei que não é o lugar certo para

o que pretendo, mas não estou conseguindo pensar direito. Preciso ter um gosto dela. Esperei muito, já.

Praticamente colo nossos corpos, deixando uma distância mínima.

*Fuja se quiser. Não a impedirei* — meus olhos lhe dizem.

Ela balança a cabeça, fazendo que não.

— Não o quê?

Puxa uma respiração profunda.

— Eu não sei a o que estou dizendo não, eu quero...

— O que você quer, Malu?

Ela entreabre os lábios e passa a língua no inferior. Meu controle vai para o inferno, ao mesmo tempo em que um

rosnado baixo escapa da minha garganta.

— *Ne kadar güzelsiniz*[\[19\]](#).

— Não sou bonita, sou comum — diz, em resposta ao meu elogio.

— Linda. Minha tentação particular. Não era para acontecer desse jeito.

Olha-me confusa, mas não estou disposto a conversar. Já perdi tempo demais.

Não há mais espaço entre nós e o calor de sua respiração, a maneira como parece ansiosa pelo meu toque, me enlouquece.

Agarro um punhado de seus cabelos, na altura da nuca, mas não tão rápido que ela não possa me mandar parar.

Malu inclina a cabeça para trás, entregue e quando um gemido de antecipação sai de sua boca, eu a tomo, faminto. Seus lábios são quentes e doces e por uns segundos, eu me satisfaço em sentir sua maciez. Quando suas mãos vêm para a lapela do meu terno, porém, rapidamente a urgência do desejo se alastra entre nós.

— Abra a boca para mim. Quero sua língua na minha —  
comando.

Ela me obedece e quando eu a invado, é com um descontrole que me assusta.

Exploro seu interior sem deixar margem para dúvida de quanto a quero e ela corresponde, sem esconder o tesão.

As mãos se enroscam em meu cabelo e o beijo se transforma em um reconhecimento um do outro, mas também um devorar necessitado.

Ela se entrega e exige na mesma medida, me puxando para si, imitando com a língua os movimentos que faço dentro de sua boca.

Beijar Malu é como estar em meio a um incêndio. Ela toda é puro fogo, gemendo, roçando o corpo no meu, pedindo por mais.

Eu a chupo, lambo, em uma ânsia desconhecida. Até hoje, sempre fui aquele que deu as cartas em um relacionamento. Por mais desejo que sentisse por uma mulher, minha mente nunca se perdeu.

Com ela, não há pensamentos ou regras, só nossos corpos e a luxúria; vontade avassaladora de deixá-la nua sobre minha mesa e fodê-la duro.

Agarro seus quadris, trazendo-a para mim. Fazendo com que sinta o quanto a quero.

Ela arfa quando ergo uma de suas coxas e esfrego meu pau inchado e grosso de encontro a sua boceta protegida apenas pela seda da *lingerie*.

— Ahhhh...

Estamos perdidos em uma teia libidinosa e mesmo sabendo que devo parar, não consigo.

E então, o meu celular toca, fazendo com que assustada, me empurre.

— Não podemos. — Quase gagueja e ver o nervosismo dela me faz ter vontade de puxá-la de volta para os meus braços e mostrar que eu posso qualquer coisa.

Quando olho seu rosto, entretanto, noto vulnerabilidade, então acabo cedendo.

Afasto-me para tomar algumas respirações e quando acredito que já estou no controle de mim mesmo o suficiente, ofereço a mão para ajudá-la a se sentar, porque parece que não conseguiria andar sozinha.

Depois que a acomodo na poltrona de couro, vou ver quem é o infeliz inconveniente.

[Kahraman\[20\]](#), outro dos meus irmãos.

— O que você quer? — pergunto, mais irritado do que nunca.

— *Soube que fechou a compra da siderúrgica hoje.*

Ele continua falando por mais alguns minutos, mas minha atenção está concentrada na mulher linda e deliciosamente despenteada que me olha em um misto de desejo e medo.

Quando desligo, aproximo-me da poltrona novamente e ofereço-lhe a mão.

— Vamos sair daqui antes que eu faça algo de que me arrependa, Malu.



## Capítulo 15

— Mostre-me como leva a vida. Falou que não sei me divertir e está certa. Quero experimentar ao seu lado — digo, quando ela fica de pé na minha frente.

Estou tentando manter o controle de mim mesmo porque agora que pude me acalmar um mínimo que seja, percebo que tomar Malu pela primeira vez em um escritório alugado não é o que eu quero.

Não desejo uma foda rápida, e sim, explorar cada pedaço do corpo dela por horas, dias.

— Isso que acabou de acontecer interferirá em nossa relação de trabalho? — pergunta, com a voz trêmula.

— Não necessariamente — desconverso, me sentindo parcialmente mal por outra omissão.

— E se não gostar do meu mundo? — pergunta.

Dou um passo para trás ou não serei capaz de cumprir o que me autoimpus e a tocarei novamente.

— Não acho que corro esse risco. — respondo.

Sabemos que estamos falando através de códigos.

A tensão sexual entre nós dois é tão forte que meu corpo fica rígido.

— Do que tem medo, Malu? De perder o trabalho, caso, como disse, eu não *goste de seu mundo*?

Ela balança a cabeça, fazendo que não.

— Eu não ligo para dinheiro. Ele é só um meio para atingir um fim, que é aproveitar a vida. Temo me machucar, no entanto.

*Conte a verdade* — uma voz avisa, mas eu a ignoro.

Com uma réstia de lucidez, percebo que não estou jogando um jogo justo com ela e abro espaço para que recue.

— Esqueça. Mantenhamos o acordo que fizemos a princípio —

cedo, mesmo com cada gota de sangue minha protestando quanto a isso.

— Não.

— Não o quê?

— Eu não vou me esquecer. Quero isso também.

— O quê?

— Mostrar meu mundo a você — diz, e há uma promessa naquelas palavras.

Não sou do tipo que adia prazeres e nesse segundo, todo meu corpo urge para que a traga novamente para meus braços e satisfaça nossa fome, mas ela merece mais do que uma transa rápida.

— E como seria isso?

— Ficaremos aqui no fim de semana você disse?

— Isso.

— Vai me deixar decidir os programas?

— Vou, com uma condição.

— Qual?

— Se mudará do hotel para a minha casa. Viajaremos para a Europa na segunda, de qualquer modo.

Espero que ela vá protestar, mas acena com a cabeça, embora as bochechas estejam coradas.

Depois, vai até minha mesa, pega meu celular e me entrega.

— Para que isso?



— Ligue para o piloto do helicóptero. Vamos precisar dele hoje mais do que para a rota costumeira.

Em todas as viagens que fizemos de helicóptero na ida e volta do centro da cidade até a casa em que estou no Joá, nunca prestei atenção à paisagem. Hoje, apesar da mudança na rota que ela resolveu que faríamos, tampouco é a beleza da cidade abaixo de nós o que me mantém hipnotizado, mas a maneira como Malu olha lá para fora, um sorriso constante no rosto lindo.

Minha mãe diz que algumas pessoas têm vocação para serem felizes e acho que isso descreve bem a mulher ao meu lado.

— Não está prestando atenção — diz. — A ideia era que você aproveitasse para curtir a paisagem.

— Estou aproveitando — respondo, sem desviar nossos olhos e ela cora. — Vi que fez alguns telefonemas. Qual a programação do fim de semana, fora a viagem de helicóptero?

— É uma surpresa. Falou que é controlador, Emir e essa é a parte mais interessante desse acordo, porque terá que confiar em mim.

A única coisa que ela revelou é que sairemos essa noite. No resto, estou completamente no escuro.

— Olha que lindo — diz, pousando a mão na minha perna e com a outra, apontando o Cristo Redentor, quando o piloto passa perto de um dos principais, se não o mais famoso, símbolo do Rio de Janeiro.

Ela me falou que eu não poderia ir embora do Rio sem sobrevoá-lo, mas desconfio, a julgar por sua excitação com o passeio, que ela queria muito experimentar a sensação também.

Não admitiu, no entanto. Malu está acostumada, pelo que pude observar, a guardar seus desejos em segredo.

O que há mais por dentro que ela não me deixa enxergar?

Depois de dias de convivência sinto que a cada momento compartilhado, eu lhe retiro uma camada. Mal posso esperar para vê-la completamente nua, figurativa e literalmente falando.

Acho que ela nem percebe que a mão pequenina continua sobre minha coxa, mas eu sim e todo o meu corpo reage em resposta.

Tenho que admitir que o monumento é bonito mesmo, mas nada se compara a observar o entusiasmo de Malu com algo tão simples quanto um voo de helicóptero.

Minha mente analítica e um tanto cínica foi pega de surpresa pela vibração que vem dela. Sem querer e sem esforço, a mulher me envolve em uma teia invisível, de sedução sutil. Agora eu estou louco para experimentar essa paixão, mas na minha cama.

Meu celular vibra com uma mensagem e quando a leio, uma pontada de culpa me atinge.

*[“Anne\[21\]: Soube que você a encontrou.”](#)*

Aperto o aparelho em minha mão, sem saber como responder à minha mãe.

“Sim. Ela está comigo.”

Toco em enviar.

*“Anne: Quando voltar para Istambul, a trará consigo, suponho.”*

“Eu a levarei, mas muitas coisas mudaram. Eu preciso de mais tempo até contar toda a verdade para ela.”

*“Anne: Não será um problema, desde que cumpra sua promessa.”*

“Eu cumprirei.”

Quando volto a encarar a mulher de quem guardo um segredo que mudará sua vida, ela está distraída tirando algumas fotos com o celular.

— Posso fotografar nós dois? — pergunta, sorrindo.

— *Você é aquele tipo de pessoa?* — tento brincar quando na verdade a conversa com a minha mãe acabou com meu humor.

— De que tipo estamos falando? Sou mulher. Tenho várias personalidades.

— Aquelas que fotografam tudo, até a comida.

— Pode apostar sua vida nisso, mas entendo que não queira uma foto comigo. Foi bobagem minha. Às vezes, me esqueço de quem você é.

*E essa é uma das coisas que mais gosto em você: o quanto não dá a mínima para o dinheiro que eu tenho, focando apenas no homem.*

Pego o telefone de sua mão e ajusto a câmera para o modo *selfie*.

— O que está fazendo?

— Realizando seu desejo, senhorita Barcellos.

— Opa, não é assim tão fácil, senhor. Requer toda uma técnica para tirar uma *selfie* perfeita. Tenho fãs nas redes sociais — fala e depois tira algumas fotos de nós dois bem perto.

— Sua conta no Instagram tem doze seguidores e a do Facebook foi encerrada.

— Porque eu esqueço de postar, mas tenho certeza de que se o fizesse, concorreria fácil com essas celebridades que têm um milhão de seguidores — diz rindo, mas depois me encara pensativa. —

Você me investigou mesmo.

— Eu fiz.

— Por quê?

— Eu tive minhas razões. — digo, finalizando a conversa.



Capítulo 16

**Horas mais tarde**

— Uma festa? — pergunto, enquanto o motorista estaciona em frente a uma mansão no lugar que ela me disse chamar *Alto da Boa Vista*[\[22\]](#).

A maior parte das casas em volta — casarões, na verdade — são bem isoladas umas das outras e luxuosas, também.

Antes de virmos, eu a levei para jantar em um restaurante que me sugeriu, no topo de um dos hotéis à beira-mar e agora, ela disse que a segunda surpresa da noite estava prestes a acontecer.

Eu poderia ter providenciado que o melhor *chef* da cidade nos servisse um jantar em casa, porque minha fome não tem nada a ver com comida, mas prometi que lhe deixaria organizar nossa programação em meu último fim de semana na cidade e cumprirei a palavra.

Eu mentiria se dissesse que não aproveitei a refeição e também minha linda parceira. Malu sorriu e conversou no que acredito que seja, seu *eu* verdadeiro, livre do profissional, que manteve ao longo desses dias.

Não, não totalmente profissional porque ela é tão vibrante que nem mesmo em seu papel de intérprete competente, não consegue disfarçar o quanto é cheia de vida.

No todo, valeu a pena o jantar. Na verdade, cada momento ao lado dela até agora foi surpreendente.

A antecipação do que será o resto da noite está me deixando ligado como eu não me sentia há muito tempo.

Acabo de descobrir que talvez tenha uma veia masoquista em mim. Há um prazer quase doloroso em adiar a maneira como essa noite vai terminar.

Meu lado racional me diz que precisamos conversar antes de nos aprofundarmos um no outro, mas meu corpo pede pelo dela.

— Não. Na verdade, é uma boate privê — finalmente responde.

— Lembra de quando eu lhe disse que tenho gostos caros? Adoro me divertir, mas longe da confusão de uma multidão de pessoas suadas se esbarrando. Essa festa exige que você tenha alguns contatos. A *promoter* é frequentadora do Prazer sobre Rodas e fizemos amizade.

— Costuma vir, então? — pergunto enquanto ofereço a mão para ajudá-la a descer do carro.

Malu está usando um vestido preto, brilhante, curto e colado ao corpo delicioso.

Será que é assim que se veste quando sai à noite? Se for, não há maneira de que todos os homens não fiquem em cima dela.

Um sentimento meio neandertal, de posse, se espalha em meu sistema.

O pensamento de outros cobiçando-a me traz uma sensação desagradável para caralho e eu fico tentando entender o que é.

— A última vez em que vim tem mais de um ano, mas queria que esse seu fim de semana no Rio fosse especial e essa festa em particular tem uma surpresa, pouco antes de encerrar.

— Não sei se gosto de surpresas.

— Não seja rabugento, chefe. — Sorri. — E você, costuma sair em Istambul?

— Não para esse tipo de programa — falo, sem me comprometer, mas ela é esperta demais para deixar passar.

— Para fazer sexo — diz, adivinhando.

— Na maior parte das vezes, sim. Ou em reuniões de negócios.

— Você tem alguém especial em seu país? Uma mulher? — Ela empalidece e vejo desgosto cobrir seu rosto. — Meu Deus, eu não lhe perguntei isso. Assumi que era livre.

— E se eu não fosse? — Testo-a.

— Nesse caso, o que quer que esteja acontecendo entre nós terminará por aqui. Serei sua guia turística no fim de semana, mas...

Não permito que termine, parando na rampa que leva à casa e puxando-a para um beijo.

Eu aperto sua cintura e colo nossos corpos sem deixar que pense em nada mais do que em nós dois.

Quando nos afastamos para tomar fôlego, ela me olha em uma mistura de desejo e zanga.

— Não vai me enrolar, Emir. Há mais alguém?

Com qualquer outra mulher, a demonstração aberta de ciúmes me desestimularia porque é uma bandeira vermelha de que as

coisas estão indo rápido demais. Com ela, me faz sentir como um bastardo vaidoso.

Abaixo-me para roçar a boca no lóbulo de sua orelha.

— Só você, menina.

Ela vem para perto e se agarra em meus antebraços como se tivesse ficado sem equilíbrio.

— Como consegue isso? — pergunta, parecendo assustada.

— Isso o quê, Malu?

— Me faz sentir como se fosse meu primeiro beijo.

Eu a puxo novamente contra meu corpo.

— Não pode me dizer essas coisas, mulher. Estou louco para te provar e ver você tão entregue está me fazendo perder o pouco de controle que me resta.

Ela faz um gesto com a mão para que eu me abaixe e dessa vez, é quem sussurra em meu ouvido.

— Não se controle. Estou louca para que me prove.

Seguro seu queixo, fazendo com que me encare. Alguns casais passam por nós, mas estou concentrado nela, custando muito pouco para colocá-la sobre meus ombros como um homem das cavernas e tirá-la daqui.



— Você prometeu que me deixaria te mostrar o meu mundo  
—

diz, como se pudesse ler meus pensamentos.

— Então não me provoque, Maria Luíza.

— Não estou provocando. Essa sou eu. Vamos entrar.

— Quanto tempo precisamos ficar?

Ela me dá um sorriso enviesado.

— Até o fim.

— Achei que havia me dito que não gostava de boates —  
fala, algumas horas depois, dançando muito próxima a mim.

— Eu disse que não as frequento, não que não sabia dançar.

Ela move o corpo lindo de encontro ao meu e a cada roçar,  
me deixa mais louco.

Eu a olho sem disfarçar o desejo selvagem que sinto e acho  
que percebe porque diz:

— Está quase acabando. Você não está acostumado a esperar.

— Não — confirmo, por uma questão de fato.

— E o que mais não está acostumado a fazer?

— Não sei se entendi. — Começo, mas ao olhar em seus olhos, vejo onde quer chegar.

— Não tenho por hábito fazer isso, Malu.

— Isso o quê? — desconversa.

— Seduzir minhas contratadas. Foi o que pensou.

— E é o que vai fazer comigo?

Eu não tenho uma resposta simples para dar. Nossa situação é muito mais complexa do que ela imagina. Assim, eu a beijo e quando nos separamos, digo:

— Quero você. A sedução está no cardápio, mas eu não sigo um manual. Hoje, é você quem eu desejo. Foque apenas em nós dois.

Esqueça o resto. Esqueça o passado e o futuro.

Antes que ela possa responder, a música é encerrada e um *DJ*

pega o microfone.

Malu olha para mim e dá uma piscadinha.

— Vai começar.

— Começar o quê?

— Sua surpresa.



## Capítulo 17

As luzes aumentam e as pessoas se afastam, abrindo espaço.

Um rufar de tambor se faz ouvir. Depois outro e mais outro. Aos poucos, sons de diversos instrumentos começam a se misturar, criando um ritmo.

Eu não demoro muito para entender porque já li a respeito e segundos depois, uma mini bateria de escola de samba domina o enorme salão.

São poucos músicos, mas tão afinados, os rostos felizes, perdidos na melodia, que acabo me deixando contagiar.

— Uma escola de samba — falo, como uma criança em uma vitrine de doces.

— Já tinha ouvido falar?

— Sim, já assisti vídeos de desfiles, mas apesar de achar bonito, nunca achei que combinava comigo.

— Por que é um bilionário?

— Não. Porque não sei aproveitar a vida.

— A ideia é justamente essa, *mister delícia* — diz, brincando e pela primeira vez que eu me lembre, fico envergonhado.

— Olhe lá.

Ela aponta para mulheres que acabam de entrar, vestidas de biquínis e sambando. Uma carrega uma bandeira na altura dos quadris e um homem gira à sua volta.

A apresentação é interessante, mas o que prende a minha atenção mesmo é que Malu começa a se movimentar no ritmo da música.

Ela toma um pouco de distância e faz uma performance, sorrindo, só para mim.

Uma das moças da escola de samba a vê e puxa pela mão.

Leva-a para o meio da pista.

Malu me sopra um beijo e começa, sem nenhum traço de timidez, sua apresentação improvisada, sem desviar dos meus

olhos por um instante sequer.

Estou perdido no movimento dos seus quadris, mas também na pura felicidade que eu noto em seu rosto.

Nesse momento, não há outra palavra para descrevê-la além de deslumbrante.

Até então, eu estava louco de tesão por ela, mas agora, vendo-a livre e esbanjando sensualidade, eu a quero de uma maneira animalesca, o desejo fazendo meu sangue ferver.

Minutos depois, ela volta para perto de mim e eu a puxo para um beijo.

Não é o bastante, então nos conduz para a varanda e contra a parede, devoro-lhe a boca, deixando a lascívia comandar minhas ações.

Ela custa um nada para me acompanhar, gemendo contra meus lábios, se esfregando em mim como uma gata.

— Estou louco por você — sussurro, enquanto mordo a carne tenra de seu pescoço.

— Oh, Deus!

— Eu tenho que te provar. Não posso esperar para chegarmos em casa.

— Sim.

— Onde?

— Vem comigo — pede.

Quando retornamos ao salão, a música já voltou a ser eletrônica outra vez e as luzes estão apagadas.

Ela me puxa pela mão e me leva para um banheiro, mas não do tipo coletivo. É algo mais parecido com um lavabo.

Assim que tranco a porta atrás de nós, eu a suspendo em meus braços e a sento na bancada de uma pia pequena, encaixando-me entre suas pernas.

As mãos apertam a carne das coxas dela e sei que não em uma pegada suave, mas já há muito, passei do ponto da civilidade.

Nesse instante, não sou um dos homens mais ricos da Turquia, e sim, um macho louco de tesão por sua fêmea, a única que poderá me satisfazer.

As bocas se buscam com fúria, dentes se chocando seguido de mordidas e sugar de lábios.

Subo minhas mãos até alcançar a lingerie e ela geme alto quando meus dedos pairam sobre a boceta já tão molhadinha que nem a seda da calcinha consegue disfarçar.

— Sabe o quanto me deixou louco te ver suada e dançando para mim? — pergunto, ao mesmo tempo em que puxo o tecido para o

lado correndo o dedo de sua entrada encharcada ao clitóris.  
—

Responda.

— Eu não estava provocando — choraminga, apertando meus braços.

— Eu sei. É isso o que me deixa mais insano. Você me provoca só por respirar.

Toco o clitóris com a ponta do polegar e ela me morde o peito, acho que para evitar um grito.

— Emir.

— Eu vou te fazer gozar nos meus dedos e pau, quando chegarmos em casa, mas agora, quero provar essa boceta.

— Meu Deus!

Ergo seu vestido e ordeno:

— Segure-o. Você vai olhar enquanto eu te como.

Desço a calcinha, expondo o sexo coberto de pelos curtos e coloco seus pés plantados na bancada da pia, abrindo suas coxas.

Não me seguro mais. Estou morrendo para ter um gosto dela.

Separo os lábios ensopados e lambo-a, chupando-a de boca aberta.

— Ai — choraminga.

Meu polegar dedilha o clitóris sem descanso, enquanto a devoro como se fosse uma fruta madura, sugando-a, bebendo-a, louco de fome e sede.

Agarro seus quadris com as duas mãos, trazendo-a para a beirada da bancada.

— Segure-se. Quero que rebole essa boceta no meu rosto. Eu não vou parar até que você goze na minha boca.

Eu a fodo com a língua, revezando com um dedo médio e depois, adiciono um segundo, metendo gostoso e mamando o ponto de prazer.

O cheiro e sabor dela são deliciosos. Poderia comê-la assim por horas.

— Mais... — implora.

Aperto ainda mais sua carne.

— Gostosa. Mexe para mim, Malu. Deixa eu ver o quanto você ama minha língua.

Ela se descontrola, se ergue um pouquinho me entregando tudo, uma das mãos vindo para meu cabelo para me manter onde precisa.

Vejo pelo ritmo de sua respiração que está muito perto de gozar.

Ela ofega e implora, mas eu não vou parar até obter o que quero.

Quando seus gemidos começam a ficar cada vez mais altos, eu sei que vai gozar. Mordisco e em seguida belisco seu

clitóris e ela se perde, me dando tudo, trancando as coxas em volta do meu pescoço, implorando para que eu não pare nunca.

— Vamos sair daqui. Eu quero te foder a noite toda, [balım\[23\]](#).

Não posso mais esperar, mas não vai ser em um banheiro apertado.

Quero-a nua em minha cama, onde eu posso te provar inteira.

Percebo em seu rosto que ela ainda está flutuando no próprio prazer.

Achei que não tinha como ficar mais linda, mas Malu após gozar, dócil e saciada, é um tesão.

Visto sua calcinha, desço suas pernas e depois o vestido.

Quando a coloco no chão, ela passa os braços em volta do meu pescoço e balança a cabeça, fazendo que não.

— Não o que, [güzelim\[24\]](#)?

— Eu nunca... antes de hoje... eu nunca tinha...

Estou entendendo direito? Essa mulher linda nunca encontrou um filho da puta que a fizesse gozar?

A sensação de posse aumenta e mais uma vez preciso acreditar que a mão do destino orquestrou nós dois.

— Você vem comigo. Vai ficar comigo e vou te fazer gritar de prazer tantas vezes, que não vai se lembrar de outro homem além de mim.



## Capítulo 18

Eu mal noto quando ele me põe no chão e arruma minha roupa.

Não voltei ao planeta Terra, ainda.

O que foi isso que acabou de acontecer? Eu me sinto como se tivesse saído de órbita.

Emir não me deu um orgasmo apenas — e agora eu percebo que Olívia estava certa quando disse que eu era virgem porque nunca havia experimentado o verdadeiro prazer — ele me fez mergulhar em sensações que eu nem fazia ideia de que existiam.

Ele segura meu rosto e me encara.

Estou tremendo e não sei se consigo andar porque meu coração ainda bate muito rápido e meus joelhos estão instáveis.

— Você vem comigo. Vai ficar comigo e vou te fazer gritar de prazer tantas vezes, que não vai se lembrar de outro homem além de mim.

*Eu não preciso que me dê mais orgasmos para que eu nunca vá me esquecer de você.*

O que eu temia, aconteceu. Emir não vai ser somente mais um namorado na minha vida, mas aquele de quem eu me lembrarei para sempre.

Pela primeira vez, sinto medo em um relacionamento. Eu nunca fui abandonada, mas aquela que punha um ponto final.

O que vai ser de mim quando ele terminar tudo? Quando esses dois meses juntos chegarem ao fim?

— Você está pensando demais — diz, dando um beijo na minha testa.

— É inevitável — falo, desviando nossos olhos.

— Eu sei. Eu também sou assim. Gosto de analisar. Vamos esquecer isso por algumas horas e somente viver. Não foi essa a proposta que me fez, Malu? Conhecer seu mundo?

Aceno com a cabeça, concordando.

— Então vamos lá, [güzelim\[25\]](#). Estou louco por você, mas quero privacidade quando eu te fizer gozar sentando gostoso no meu pau.

Agarro sua camisa, fazendo com que ele se abaixe e o puxo para um beijo profundo. Não é o suficiente, então mordo-o e o trago para mim pelo bumbum.

Ele rosna na minha boca.

— Provocadora.

— Não sou, mas não consigo expressar o que você me faz sentir através de palavras, só com meu corpo.

Ele me encara em silêncio por um instante, antes de me dar um beijo leve nos lábios.

— Vem comigo, Malu. Eu vou te fazer voar a noite inteira.

Quando o dia clarear, terei conhecido cada pedaço seu.

A promessa faz borboletas brincarem no meu estômago porque ela envolve muito mais do que sexo, envolve intimidade, algo que nunca experimentei.

Algumas pessoas acham que se você namora um cara por muito tempo, se torna íntima dele. Isso é um engano. Pode-se estar com um homem por anos, sem que haja uma intimidade real.

É assustador que apenas com uma semana de convivência, eu me sinta mais conectada a ele do que a qualquer outro namorado

que já tive.

Não, é um pouco além disso. Tirando Olívia e minhas melhores amigas, eu me sinto mais conectada a ele do que a qualquer outro ser humano, minha mãe incluída na lista.

Ele confere mais uma vez minha roupa e cabelo, o que faz meu coração aquecer. Mesmo com todo desejo que percebo que está sentindo, Emir não quer me expor. Cuida de mim.

Ele abre a porta e vemos alguns casais se beijando no corredor.

Geralmente eu vou embora antes que as coisas “esquentem” muito nessa festa porque segundo dizem, há quartos no segundo andar onde acontece quase tudo: desde voyeurs assistindo casais transando até trios.

Percebo as mulheres olhando para ele enquanto passamos, mas Emir nem pisca, buscando apenas a saída do casarão.

Do lado de fora, há seguranças e o motorista nos esperando com a porta do carro aberta.

Depois que entro e me acomodo, ele me segue e antes de fechar o próprio cinto, confere se o meu está no lugar.

*Não faça isso — peço em silêncio. — Não seja tão perfeito porque só vai me machucar ainda mais quando chegar ao fim.*

— Está muito calada — diz, me encarando, mas agora sem me tocar. — Se arrependeu?

Seu tom é neutro quando me pergunta aquilo e eu me viro de lado para observá-lo. Não há nada em sua expressão que me demonstre o que está pensando.

Eu poderia fingir que o que aconteceu entre nós foi casual, nada muito importante, mas penso no que Olívia falou sobre mergulhar fundo nele.

Eu estou apavorada, mas finalmente encontrei alguém por quem vale a pena arriscar meu coração.

— Não, eu não estou arrependida. Eu quero mais. Eu quero tudo.

Ele me olha sério e vejo seu maxilar enrijecer.

Depois, sem que eu esteja esperando, segura o meu rosto com as duas mãos e me beija, não de maneira carinhosa como fez pouco antes de sairmos do banheiro, mas degustando meus lábios, me sugando, mordendo como se não pudesse ter o suficiente.

— Eu não contava com isso — diz, quando nos separamos, ambos sem fôlego.

— O quê?

— Nós dois. Você é um vício, Maria Luíza Barcellos.

É a minha vez de beijá-lo. Não me contenho, acariciando seu peito e rosto. Gemendo contra sua boca.

— Eu tinha medo de vícios até te encontrar. Eles nunca são boas coisas — falo.

— E agora não mais?

Tento esconder um sorriso, mas falho.

— Continuo com medo deles.

— Então por que está se arriscando?

— Porque você vale a pena. Como eu disse antes, eu quero tudo.

Ele fecha os olhos por um instante e depois foca em frente.

Segura minha mão, no entanto, durante todo o percurso para a mansão no Joá.

Não é um “segurar” leve ou desinteressado. Ele me segura em um aperto firme, possessivo.

— Eu não entendo o que está acontecendo — confesso.

Ele me olha, depois, pousa dois dedos sobre meus lábios.

— Então sinta, apenas. Podemos conversar depois — diz. —

*Teremos que conversar depois — se corrige. — Mas por ora, apenas sinta, gülüm*[\[26\]](#).

— Você já me chamou de linda, seu mel e de sua rosa. Eu posso acabar me acostumando com isso, senhor. — Tento novamente brincar, mas a verdade é que o jeito carinhoso de Emir mexe para caramba comigo.

— Do que mais eu poderia chamá-la, Malu, se você é mesmo tudo isso?

Jesus, como se não bastasse ser lindo e um deus do sexo, o homem ainda é um sedutor.

Estou tão ferrada!



## Capítulo 19

Assim que abro a porta da casa e entramos, eu ordeno, o autocontrole indo para o caralho:

— Vem cá.

Eu precisei trabalhá-lo durante todo o caminho até aqui, quando meu desejo era soltar seu cinto de segurança e fodê-la no carro mesmo.

Estamos tão perto que parece que ondas magnéticas nos envolvem, mas até o último momento, nos seguramos, como se

ambos relutassem em mergulhar naquela loucura.

Ela finalmente me obedece, incerta, dando passos curtos.

Com uma mão, puxo-a pela nuca, abaixando meu rosto para alinhar com o dela. O aperto não é suave, mas apesar de que acho que sente a pontada de dor, inclina a cabeça para trás, gemendo por mais.

— Ahhh...

— Estou viciado nesses seus gemidos.

— Não sou muito vocal...

— Mas vai gemer para mim.

Pego-a no colo e começo a subir as escadas. Não paro até chegar na minha suíte.

Quando a coloco no chão, ela observa tudo em volta e para os olhos na cama *King size*.

Volta a me encarar, ofegante.

— Pode me pedir para parar — aviso, mesmo que meu corpo esteja tenso de desejo.

— Por que eu faria isso?

Avanço nela, enrolando novamente seu cabelo em torno do meu punho.

Eu a beijo e com a outra mão, agarro seu peito por cima do tecido. O mamilo está duro, e eu o aperto entre o polegar e o indicador, provocando-a.

Sinto as batidas do coração dela contra a palma da mão e de repente percebo o quanto está excitada, mas ansiosa também.

Aquilo mexe comigo. Estou acostumado com mulheres que dominam a arte da sedução, geralmente por volta da minha idade.

Malu é a mais jovem com quem eu fico em anos.

Ela é toda natural, responsiva ao toque, não finge o que sente visando me enlouquecer. Ela me enlouquece sem se dar conta disso.

Obrigo-me a diminuir o ritmo porque não sou um cara suave na cama. Minha pegada é mais voraz, intensa, e eu não quero assustá-la.

Provo sua boca sem pressa agora, mais provocando do que tomando. Ela me surpreende, agarrando meus cabelos e me mordendo.

— Por que mudou? — pergunta. — Estava me beijando duro e de repente, mudou.

— Porque não quero te fazer fugir. Eu não fodo suave.

— Não estou pedindo suave. Só quero com você exatamente como é.

Aperto as mãos ao lado do corpo antes de me decidir. O rosto dela, todo promessas de prazer e luxúria, é quem, por fim, escolhe por mim.

— Foi você quem pediu.

Ela faz um aceno concordando e no instante seguinte, puxo seu vestido pela cabeça, deixando-a apenas de calcinha e sutiã.

Olha-me assustada e sei que está se controlando para não se proteger com as mãos.

— Não. Você não vai se cobrir. Não tem porquê, Malu. É perfeita para caralho.

Ando para perto.

— Tire o sutiã.

Ela hesita antes de levar as mãos ao fecho, liberando os seios pequenos, mas perfeitos, redondos, com mamilos escuros arrepiados de tesão.

Não lhe dou tempo para pensar, suspendo-a nos braços e abocanhando o peito inteiro. Puxo o bico duro entre os dentes e ela grita, se agarrando ao meus ombros.

— Sensível, que delícia.

Ela solta um grunhido rouco, baixinho.

Passo para o outro, mamando forte também e quando me afasto, gosto de ver as marcas avermelhadas deixadas pela minha boca naquela pele de seda.

Subo a boca para beijar a curva do pescoço, a clavícula, revezando lábios e dentes. Volto a lambar os peitos durinhos.

Seguro suas coxas por baixo, uma das mãos escorregando para tocar a boceta molhada.

Dessa vez, não há um teste, deslizo dois dedos dentro de seu canal, fodendo-a, preparando-a para mim.

Preciso de mais, então ando até a cama e a deito de bruços.

Ela tenta se virar.

— Não.

Ergo sua bunda, fazendo com que fique em suas mãos e joelhos.

Desço a calcinha até o meio das coxas, me deliciando com a visão de suas pernas entreabertas, me deixando ver o sexo molhado.

Reclino-me, chupando sua boceta, os dedos voltando a trabalhar na passagem estreita.

Ela geme e murmura palavras incompreensíveis, rebola no meu rosto, empurra para trás até gozar gritando meu nome.

Eu a giro, fazendo com que se deite de costas e a puxo para a beirada da cama.

Sou puro instinto primitivo. Não há nada mais, mundo ou regras, além de nós dois. Não quero pensar no que nos espera no futuro, no quanto terei que me explicar para ela.

O tesão entre nós é incontrolável e acho que ambos sabíamos desde aquele primeiro dia, que não importava o caminho que tomássemos, acabaríamos aqui.

Fico nu, tirando a roupa sem pressa, encarando-a.

Meu pau está duro, grosso e eu me masturbo devagar.

Ela ofega, concentrada em minha mão como uma voyeur.

Passo o dedo no pré-goço e ofereço.

Ela vem para a beira da cama, segura minha mão e leva aos lábios. Depois, me puxa pela bunda.

Olhando para mim de baixo para cima, passa a língua na minha cabeça inchada, recolhendo o resto do pré-goço.

— Me ensine como gosta — pede, segurando minhas mãos e colocando-as em seu rosto.

*Caralho!*

— Abra a boca e chupe. — Ela obedece. Sua boca é quente e macia como veludo molhado — Isso mesmo. Lamba a ponta e depois sugue.

Ansiosa, segue meu comando e me toma tanto quanto pode.

Quando engasga, eu urro de tesão.

— Mais profundo — falo e Malu me suga, faminta.

Ela gosta de receber ordens. Fica excitada ao me ver tomando o controle.

Mais perfeita, impossível.

Aos poucos, vai se acostumando, deixando que eu meta mais.

Seguro seu cabelo, trazendo sua cabeça para empurrar até a garganta.

— Mame com vontade. Chupe bem gostoso.

Ela me provoca, os lábios cheios se abrindo como uma flor para me deixar entrar. Estou louco para encher sua boca com meu gozo, mas muito mais para comê-la. Quero senti-la contrair em volta do meu pau.

Quando me afasto, protesta.

— Shhh... já volto. Preciso estar em você.

Pego um preservativo na carteira e desenrolo na minha extensão. Deito-me sobre ela, segurando ambas as coxas em meus antebraços. Meu eixo alinhado em sua entrada escorregadia.

Eu a beijo e mordo seu pescoço; mamo o peito, mordisco a carne.

Malu grita e implora, sem vergonha, devassa. As unhas cravando em meus ombros.

Empurrando um dedo em sua boceta, fodo-a de leve. Está pingando de tesão.

Move os quadris em círculos, desejando ser preenchida, chamando meu nome.

Provoco os mamilos, chupando e lambendo.

Meto nela bem devagar, porque sou grande e parece impossível que sendo tão apertada, consiga me receber.

Quando sinto que está totalmente entregue, impulsiono nela em um movimento longo, mergulhando em seu sexo molhado.

Paro no fundo de seu corpo, preciso fechar os olhos para não gozar. É como ser engolido por uma caverna em chamas, sedosa e lubrificada.

Recuo e afundo outra vez.

Ela tenta mover as pernas do meu controle, mas não permito, segurando-a e deixando-a à minha mercê.

Sua boceta se contrai, como se estivesse me ordenhando e o resto da sanidade se vai.

Ela é muito gostosa, me comprimindo em apertos constantes, em suas paredes internas.

Com os cotovelos apoiados na cama eu a como sem pena, louco de tesão, mas também atento ao seu prazer.

Suas reações me tiram de órbita e eu me perco no confinamento apertado de sua boceta.

Meu pau grosso a preenche com dificuldade. A cada vez que entro e saio, sinto como se fosse a primeira, de tão estreita que é.

Mesmo muito molhada, seu aperto no meu eixo é tão forte que quase me faz gozar.

— Tranque as coxas na minha cintura.

Desço a mão entre nossos corpos, tocando seu clitóris. Ele está inchado, durinho, o que me diz que ela está perto de gozar.

Ela pede por mais a cada vez que eu entro e eu não me seguro, me enterrando em sua boceta.

Malu choraminga de tesão, me fazendo ora promessas, ora me querendo como escravo.

Fodo-a duro, em golpes brutais e ela grita. Empurro cada vez mais rápido e fico fascinado quando vejo seu orgasmo se aproximando.

Suas bochechas estão rosadas, a boca deliciosa entreaberta, até que finalmente cede ao próprio prazer.

Eu a giro, colocando-a de novo de quatro e me encaixo novamente em sua abertura.

Empurro devagar porque sei que está sensível pelo gozo, mas ela vem ao meu encontro, exigindo mais.

Estapeio a bunda empinada.

— Não quero que sinta dor.

— Por favor.

— Por favor o quê?

— Tudo.

Saio e volto com mais força, metendo bem profundo, estabelecendo um ritmo duro, o suor dos nossos corpos se misturando.

Ela vem ao meu encontro e me ver abrindo caminho na boceta apertada me leva até a borda.

Eu a fodo sem pena, martelando por minutos inteiros.

Ela começa a contrair outra vez e sei que cheguei ao limite.

— Você vai gozar de novo — aviso e dedilho o clitóris, a outra mão cravando na carne de sua bunda.

Não demora e ela está gemendo alto, a cabeça pendendo, a bocetinha encharcando minha mão.

Um uivo baixo sai da minha garganta e enfim eu me permito alcançar o prazer.

Saio dela e a deito de costas, fascinado com a mudança em seu rosto, a entrega e docilidade.

Ela desvia o olhar

— Não — digo.

— É muito íntimo. Eu nunca vivi nada assim.

Seus olhos estão marejados e pressinto que ela tenta fugir, levar a mente para longe.

— Não vá a lugar algum, Malu. Não se esconda.

— Eu não quero ir. Só estou com medo.

— Eu não vou te machucar — falo, querendo muito acreditar naquilo, mas sem ter certeza.



## Capítulo 20

— Eu não quero me levantar.

Normalmente já não sou uma pessoa da manhã, hoje, depois de muitas horas de sexo intenso e praticamente ininterruptos, sinto que poderia ficar deitada o resto do dia.

— Disse que tínhamos um fim de semana para me mostrar seu mundo, Malu. É do tipo que volta atrás com sua palavra?

Sei que ele está implicando comigo, porque não tenho dúvida de que também gostaria de passar os próximos dias na cama, também. Nós praticamente não dormimos e o homem é insaciável.

Eu cochilei e quando acordei Emir segurava minhas pernas sobre os ombros dele, me devorando. Tenho certeza de que nunca verei nada mais erótico na minha vida do que seu rosto carregado de desejo enquanto me dava prazer.

Apoio o queixo na minha mão para observá-lo melhor. Estou sobre seu corpo e os dedos enormes percorrem minhas costas, provocando arrepios deliciosos.

— Não. Eu nunca volto atrás com a minha palavra, senhor.

Teremos um dia cheio.

Ele segura meu rosto, deixando o polegar correr por minha bochecha.

— Preciso te deixar se recuperar um pouquinho — fala e aquilo me trás lembranças de tudo o que aconteceu durante a madrugada.

— Eu não estou reclamando.

— Não quero machucá-la. Eu fui... eu estava... *ainda estou* morrendo de fome de você, Malu.

Tento conter os tremores do meu corpo, fechando também a porta do meu coração tolo que está escancarada, convidando-o



para entrar.

É mais fácil focar na atração física entre nós do que nessa coisa sem nome que Emir me faz sentir.

— Devore-me quantas vezes quiser. Temos tempo para os passeios que programei, mas agora, preciso de mais um pouco de você.

### **Mais tarde, naquele dia**

Desligo o telefone, sorrindo enquanto estendo a mão para pegar o suco de laranja que um dos empregados da casa acaba de me servir.

O dia está lindo, sem uma nuvem no céu e a quentura do sol no meu corpo me faz sentir cheia de energia.

Falei com minhas amigas através de uma chamada de vídeo para avisá-las de que estou indo para Paris — claro que contei também que estava *conhecendo melhor* meu novo chefe, apesar de não ter dado muitos detalhes.

Elas brincaram, dizendo que não perdi tempo e para ganhar o acordo, aceitarei até mesmo me casar com um senhor de meia idade e ostentando uma barriguinha de chope.

Elas não fazem ideia de que nada poderia estar mais longe da realidade. Emir tem trinta e sete anos, e cada pedaço do corpo musculoso é deliciosamente bem trabalhado através de exercícios físicos, como me contou.

Ele corre diariamente em sua propriedade em Istambul e treina com peso, também.

Eu tento fingir que não é nada demais ver aquele deus turco nu, mas a verdade é que ainda não consegui ficar neutra à sua aparência.

Ele parece um felino: lindo e completamente à vontade com o próprio corpo.

E há um diferencial: o homem adora sexo. E quando digo isso, não estou falando daquele sexo coelho, em que o cara parece

que está disputando uma corrida de curta distância para ver quem alcança a linha de chegada primeiro, e sim, sexo de qualidade.

Emir é um especialista em dar e ensinar como gosta de receber prazer e acho que eu nunca havia experimentado mesmo um sexo bem feito.

Outra coisa que mexe para caramba comigo é que desde a primeira vez em que transamos, ele não deixa de demonstrar o quanto meu corpo o excita.

Não sou perfeita. Como qualquer mulher, tenho um pouquinho de celulite na parte de trás da coxa e uma vez tive até mesmo uma briga feia com um ex, que disse que eu precisava malhar mais para “me livrar daquilo”.

Emir não apenas não parece notar, como também reverencia cada pedaço meu, me fazendo sentir desejada, desinibida, com coragem de dizer em voz alta o que quero.

A tela do meu telefone volta a acender e dessa vez, é uma mensagem de Olívia.

Eu lhe mandei um texto hoje cedo falando que iria para Paris na segunda.

Boba como é, brincou que pelo visto os primos de Guillermo não terão a menor chance, visto que o turco já ganhou meu coração.

Emir está dando uns telefonemas de trabalho e aproveitei para vir nadar um pouco, tentando me acalmar.

Agora, estou no sol, sentindo meus músculos deliciosamente doloridos nos lugares certos e pensando no que a minha prima falou.

Deus, eu preciso manter minha cabeça no lugar. Não posso cair na besteira de me apaixonar por ele.

Essa é uma voz esperançosa dentro da minha cabeça que ainda tenta dizer a mim mesma que estou no controle. A verdade, no entanto, é que talvez já seja tarde demais.

Emir entrou na minha vida de forma avassaladora e eu não sei como me proteger de tudo o que ele me faz sentir.

Não, isso não é verdade.

Eu *não quero* me proteger do que ele me faz sentir.

Por mais que a sensação, o tempo todo em que estamos juntos seja como ficar no alto de um prédio de cem andares,

olhando lá para baixo e tendo certeza de que se eu cair, não sobrar nada de mim, eu não quero recuar.

Demorei vinte e nove anos para encontrar alguém que virou meu mundo do avesso. Eu não desistirei dele por medo de me machucar.



Capítulo 21

### **Dois dias depois**

— Você é o meu furacão — falo, depois que entramos no avião particular e fechamos os cintos de segurança.

Tentei bancar a fina enquanto caminhávamos para o jato de luxo, mas acho que não sou tão boa atriz assim. É difícil conter o espanto com a riqueza dele.

Apesar de gostar do que é bom — e isso geralmente envolve preços salgados — nunca fui do tipo que se impressiona fácil com dinheiro. Para mim, ele é um meio para atingir um fim — felicidade através de compras.

A situação atual, no entanto, é um caso à parte.

Sabe quando vamos à casa de alguém e nossa mãe nos faz mil recomendações para não quebrarmos nada? Pois foi essa a sensação que eu tive quando o comissário de bordo nos encaminhava para nossos assentos.

Agora, o aviso de manter os cintos fechados já foram desligados, e há cerca de cinco minutos, um dos tripulantes veio nos oferecer bebidas.

— Achei que fosse ao contrário — ele finalmente responde.

— Eu? Sou calma como uma enseada, senhor. Não sei do que está falando.

Ele estava sentado à minha frente, mas depois da provocação, se ergue, me pega no colo e torna a se sentar comigo em seus braços.

— Não tenho problemas com furacões, Malu. Na verdade, eles me fascinam.

Eu amo esse jogo que fazemos um com outro, quando o que sentimos é dito através de códigos em que ambos sabemos que há muito mais por trás.

Aperto os olhos por um instante, tentando acalmar minha pulsação.

— Eu não sei como funciona esse tipo de relacionamento como o nosso, Emir, mas não acho que precisa me dizer

essas coisas.

— Tem que parar de criar essas regras dentro da sua cabeça.

Atenha-se a nós dois. Esqueça do resto.

*Eu nunca vou conseguir me esquecer de você ou das coisas que fizemos, penso, me lembrando das últimas quarenta e oito horas que passamos no Rio.*

Cumprindo a promessa de me deixar decidir tudo, tomamos um helicóptero no sábado mesmo para Angra dos Reis e passamos o dia todo em um iate que ele alugou. Ele experimentou caipirinha, enquanto o comandante nos levava para passear em algumas ilhas.



Depois, à noite, já ancorados, Emir dispensou a tripulação e fizemos amor no deque, à luz do luar.

Eu vivi mais nos últimos dias do que em boa parte da minha vida.

— O que está pensando, Malu?

Eu poderia mentir, mas não vou.

— Que eu não quero que isso entre nós dois acabe.

Deito a cabeça em seu ombro, sem esperar resposta. No início, sinto-o tenso, mas depois as mãos passam a acariciar meus cabelos e costas.

— Eu também não — diz, finalmente.

Pode parecer loucura, mas sinto que há um “porém” por trás de suas palavras, entretanto, minha covardia não permite que eu insista.

### **Paris — França**

— Eu não acredito que ela está acesa, me esperando — falo, batendo palmas quando vejo a Torre Eiffel piscar as luzes lindas em todo seu esplendor.

— Ela acende a cada hora certa, à noite.

— Sim, eu sei, mas até hoje só tinha visto pela tv.

— Achei que tinha dito que sua mãe morava na França.

— Mora, sim, mas no sul, em Marselha.

— E quando veio visitá-la, não aproveitou para conhecer Paris?

— Sim, era o que estava programado, mas nós acabamos brigando e eu encurtei a viagem — falo, sem explicar muito mais.

A verdade é que nem eu mesma sei dizer porque nós duas brigamos tanto, simplesmente acontece.

Talvez seja um pouco de intolerância de ambas as partes.

— Pretende avisá-la que está aqui?



— Sim, farei isso assim que chegarmos ao hotel.

Olho para fora da janela querendo encerrar o assunto e ele não insiste. Apesar disso, segura minha mão apertado-a.

### **Horas depois**

Relutei muito em fazer esse telefonema, mas a verdade é que por mais que nos desentendamos quando estamos perto, eu me preocupo com ela e o modo meio cigano de viver.

Mamãe está sempre com alguém, mas ao mesmo tempo, completamente sozinha.

Eu nunca a vi se relacionar com um homem com quem demonstrasse intimidade real.

Às vezes fico pensando em sua vida errante, sem se apegar e meu coração se contrai. Eu gostaria que fôssemos mais próximas,

que nos entendêssemos.

O problema é que não sei como *alcançá-la*. Mamãe se mantém fechada em si mesma, olhando o mundo como uma espectadora indiferente.

Penso na analogia.

É estranho, mas não há outra forma de descrevê-la: alguém que não consegue aproveitar o momento. Ela está sempre voltada para o futuro. A próxima viagem, o próximo namorado, nunca vivendo o presente.

Olhando do lado de fora, o modo de vida dela me angustia.

— *Allo? C'est de la part de [qui\[27\]](#)?* — mamãe pergunta em francês, quem está falando, assim que atende depois de três toques.

— Mamãe?

— *Malu, por que seu número está com código de área da França?*

— Estou em Paris... a trabalho. Comprei um *chip* novo para o tempo em que ficarei aqui: três dias.

— *Oh, tão pouco? Pensei que viria me ver.*

— Eu estava pretendendo mesmo — minto, porque não planejei aquilo. Agora, no entanto, bateu uma saudade inexplicável, uma sensação de que o relógio da vida não está do nosso lado.

Esse mergulho que tenho feito em Emir nos últimos dias está me deixando mais corajosa ou talvez, corajosa o suficiente para enfrentar as coisas que me incomodam ou machucam, como meu relacionamento com a minha mãe, por exemplo.

— *Quando? É só me dizer.*

Há ansiedade em sua voz e a culpa me atinge forte. Quanto de esforço já fiz para realmente me dar bem com a minha mãe? Eu simplesmente a julgo como alguém muito diferente de mim, mas olhando para trás, não fiz uma tentativa real para nos aproximarmos.

— Vou para Istambul a trabalho e...

— *Istambul? Por que Istambul, Maria Luíza?*

Franzo a testa, estranhando.

*Maria Luíza?*

Desde sempre, minha mãe só me chama assim quando quer falar muito sério comigo.

Eu pretendia lhe contar sobre Emir, mas agora resolvo manter segredo.

Até porque, se tudo tomar o rumo natural, em pouco tempo nossa relação chegará ao fim. Ele deixou escapar, entre algumas conversas em que fiz perguntas “disfarçadas”, que não tem relacionamentos a longo prazo. Aliás, nem ele ou qualquer dos irmãos.

— Eu vou a trabalho, mamãe. Talvez fique lá por um tempo ou viaje para outros países da Europa. Dependerá do meu empregador.

Essa foi uma questão que eu não entendi.

Emir disse que precisava de mim em suas viagens, mas se ele vai ficar por aqui pela Europa, para que eu sirvo?

Talvez tenha sido uma maneira de passar mais tempo comigo sem precisar se comprometer fazendo uma proposta pessoal, pondero.

Não. Ele me disse que queria que viajássemos juntos ainda naquele primeiro dia, onde nossa relação era mesmo de cliente e contratada.

Por que será que quis me trazer, então?

— *Eu não sabia que tinha clientes em Istambul.*

Sua voz soa tensa.

*Você não sabe muita coisa sobre mim, mãe.*

— Tenho sim. Já trabalhei com outros clientes turcos. — Paro um instante, me lembrando de algo. — Mãe, por que sempre me estimulou a estudar essa língua? Quero dizer, não estou reclamando. É um diferencial na minha carreira e já ganhei um bom dinheiro por conta disso, mas é um idioma muito incomum.

— *Eu tive meus motivos.*

Agora um sinal de alerta se liga definitivamente em meu cérebro.

— E vai me contar quais são?

Ela suspira.

— *Sim. Já passou mesmo da hora. Quando você quiser vir me ver, avise-me. Passe uns dias comigo. Precisamos conversar, filha.*

*Filha.*

Definitivamente tem algo acontecendo. Minha mãe sempre foi muito vaidosa e reclamava quando eu a chamava de algo que não fosse “Renata”, seu nome.

— Eu vou. Prometo. Assim que o trabalho chegar ao fim, me programarei para ir visitá-la.



Capítulo 22

### **Na véspera da viagem para Istambul**

— Então, Paris está correspondendo às suas expectativas?

— pergunto, enquanto a observo levar a taça de vinhos aos lábios.

É a nossa última noite em Paris e eu a trouxe para jantar no *Alain Ducasse au Plaza Athénée*, um dos meus restaurantes favoritos no mundo, mas Malu não demonstra a vivacidade costumeira. Está estranhamente calada.

Depois do que pergunto, ela balança a cabeça, concordando.

Quando chegamos ao hotel, ela pediu licença para dar um telefonema e quando voltou, parecia triste.

Eu não sei muito sobre ela ainda, então joguei na única parte em que nos conhecemos bem: na cama.

Posso dizer sem medo de errar que apesar do pouco tempo juntos, eu nunca conheci o corpo de uma mulher como conheço o dela. Também não tenho por hábito passar a noite inteira com minha parceira, mas depois desses dias dormindo com ela em meus braços, talvez tenha entrado em um caminho sem volta.

Gosto do cheiro do cabelo dela, mesmo quando faz cócegas no meu nariz. Ela se mexe muito durante o sono, lembrando um polvo e eu me divirto tentando acomodá-la junto ao meu corpo.

— Eu liguei para minha mãe.

— Por isso está triste? Ela disse algo que a magoou?

— Não, na verdade, acho que estou com remorso.

— Remorso de quê?

— Quer mesmo ouvir sobre isso? Não quero estragar nosso jantar.

— Quero, sim.

— Eu cresci sem pai. — Ela começa e eu aperto meus punhos embaixo da mesa.

— Onde ele estava? — pergunto, tentando manter a voz neutra.

— Eu não sei. Minha mãe nunca falou dele para mim.

— Não tinha curiosidade?

— Muita, mas ela sempre cortava o assunto e vi que ficava aborrecida quando eu perguntava algo. Por fim, desisti. Acho que isso foi o que contribuiu para nos afastarmos. Eu parei de dizer o que sentia ou queria para não desagradá-la, mas acabei me fechando, em contrapartida.

— Poderia tê-lo procurado depois de adulta.

— Eu não tinha ideia de por onde começar porque ele não me registrou. Mas não era só isso.

— O que mais?

— Eu tinha medo da rejeição. De que se um dia o encontrasse, ele me dissesse que nunca quis filhos.

— Sua mãe se casou alguma vez?

— Formalmente, não. Ela teve diversos *namoridos*. Homens por quem se apaixonava, mas logo descartava. Os legais, ela mandava embora, os cretinos, se apaixonava loucamente.

— Nunca se deram bem?

— Não. Para ser franca, acho que nenhuma de nós se esforçou para isso. Eu me cansei de tentar uma aproximação ou, ao menos, era isso que pensava até hoje.

— O que a fez mudar de ideia?

— Se eu contar, talvez você fique assustado.

— Não se preocupe, não me assusto fácil.

— Você me fez mudar de ideia. Além disso que está acontecendo entre nós dois, eu o ouvi no telefone com sua mãe.

Parece adorá-la.

— Adoro, mesmo. Todos nós cinco, aliás. Ela é nossa rainha.

Ela dá um sorriso triste.

— Eu gostaria de aprender a me aproximar da minha mãe.

Pode me ensinar?

— Talvez não valha a pena — falo, tentando manter a voz neutra.

— Mas não acha que tenho ao menos que tentar?

— E se ela não for quem você pensa?

— Por que está dizendo isso? — pergunta, parecendo subitamente desconfiada.

Pego sua mão por cima da mesa.

— Porque não quero que se machuque.

*Não mais do que provavelmente já vai sofrer quando eu lhe contar toda a verdade.*

— Emir, parece que está falando através de códigos.

Aconteceu alguma coisa?

*Conte* — a mesma voz que vem insistindo comigo há dias, avisa, mas eu sei que não posso. Dei minha palavra à minha mãe que a esperaria para revelar tudo.

Como se o universo estivesse conspirando a meu favor, o garçom se aproxima.

— Estão satisfeitos, senhores?



Olho para Malu, que ainda me encara, parecendo confusa.

— E então? — pergunto a ela. — Sobremesa?

Tenta sorrir, mas falha e acaba só por acenar com a cabeça, fazendo que sim.

— Sim, vamos querer.

Depois que ele se afasta, pego sua mão e levo à boca.

— O que está havendo? — pergunta.

— Em breve, vou te contar tudo, mas por hoje, vamos aproveitar nossa noite.

O momento da verdade está se aproximando.

Conforme meu avião se prepara para pousar em Istambul, observo a mulher adormecida à minha frente.

Esses poucos dias em Paris, enxergando a capital francesa pelos olhos entusiasmados de Malu, foram como visitar a cidade pela primeira vez.

Eu fiz coisas que não fazia desde a adolescência: fui anonimamente a museus, quase enlouquecendo meus guarda-costas, comi crepe em barraquinhas de rua e subi ao último piso da Torre Eiffel.

Eu não gosto de multidões e já conheço todos os museus de Paris dadas as diversas viagens que fiz para a cidade na adolescência, mas compartilhar do entusiasmo dela me fez um bem fodido.

Passo as mãos pelo rosto, tentando imaginar como vou contar o que preciso.

Fiz uma confusão dos diabos, mas em minha defesa, não planejava me envolver com ela.

Um contrato. Era isso que deveríamos ser desde sempre.

Agora, o jogo virou. Eu tenho na minha brasileira algo que nunca encontrei em outra mulher antes: a vontade de mantê-la comigo.

Eu quero mais dela. Dos sorrisos, alegria e gemidos quando estou dentro de seu corpo.

Mas sobretudo, desejo sua confiança, e isso, talvez eu perca para sempre quando contar toda a verdade.



## Capítulo 23

### **Istambul — Turquia**

Tento demonstrar autoconfiança quando me levanto dentro do avião, mas estou tremendo.

Não bastasse a confusão que está rondando minha cabeça quanto a minha mãe, a última conversa com Emir no restaurante francês me deixou muito ansiosa.

— Pode voltar a respirar — ele diz, segurando minha mão e levando aos lábios.

— Estou me sentindo elétrica. Disse-me que vamos direto para a casa da sua mãe, para conhecê-la. Não é um pouco cedo?

— Por quê?

— Eu não sei. Nunca vivi isso de frequentar a família do cara com quem estou.

— Eu também não — fala brincando e eu reviro os olhos.

— Nunca teve uma namorada, senhor. Não a sério, ao menos.

— E você, sim — afirma, com um tom de voz gelado.

Eu me recuso a sentir vergonha daquilo.

— Sabe que sim. Além do mais, tenho vinte e nove anos.

Seu comportamento me irrita porque nunca lhe perguntei quantas parceiras sexuais já teve ao longo da vida.

Eu estava me preparando para sair da aeronave, mas ele me puxa de volta pelo braço.

— Foi apaixonada por algum deles?

Estudo seu rosto sem saber como responder, mas por fim, opto pela verdade. Para que fingir que minha vida era perfeita antes dele?

Eu nunca soube o que era um orgasmo realmente até aquela noite na festa na Quinta da Boa Vista.

— Não. — Respiro fundo e olho dentro dos olhos dele. —

Você é o meu primeiro amor, Emir. O único por quem me apaixonei.

Não espero uma resposta. Solto-me e me dirijo para a porta do avião.

Por fora, sou a imagem da seriedade, por dentro, meu coração parece que vai explodir.

Tirando minhas amigas e Olívia, eu não sou de declarar meu amor, mas a intensidade do que eu sinto por Emir se espalha dentro de mim de maneira incontrolável.

Ao contrário, ao dizer em voz alta o que estou sentindo, mostro todas as minhas cartas. Eu não estou jogando. Não quero jogar. Quero tentar de verdade.

Sei que pertencemos a mundos diferentes e que a chance de que eu me machuque, quando ele apenas seguir em frente, são



grandes, mas mentir não vai me manter mais protegida.

Não tenho vergonha de ter me apaixonado tão rápido.

Eu não me arrependo de nada do que vivemos. Foram os melhores dias da minha vida.

— O que sua mãe pensa sobre mim? — pergunto, quando o motorista estaciona em frente a uma mansão.

Enquanto o carro andava pelas ruas de Istambul, eu fiquei tão fascinada com a paisagem que me esqueci totalmente da nossa conversa no avião, mas agora o nervosismo voltou com força total.

— Ela sabe sobre você — ele responde, de maneira enigmática. — Nós três conversaremos em breve.

— É o esperado quando se visita alguém pela primeira vez

— tento brincar, mas ele não sorri de volta.

Sai do carro sem esperar que o motorista abra a porta e depois, oferece a mão para me ajudar a descer também.

Deus, Emir não facilita minha vida. O homem é perfeito até mesmo em pequenas ações. Lindo, excelente amante e

ainda por cima, um cavalheiro.

Eu nunca mais terei um namorado sem compará-lo ao meu turco.

— Não fique tão nervosa, Malu. Ela está ansiosa para conhecê-la.

— Qual o nome dela?

— Zehra.

— Tem algum significado especial? Li outro dia que o seu quer dizer “chefe ou comandante”. Combina com você.

— O nome da minha mãe significa “beleza” e é o que ela é.

Linda por dentro e por fora.

— Por isso seu pai se apaixonou perdidamente? Precisa de muito amor para se fazer cinco bebês.

— Meu pai morreu quando éramos todos adolescentes. Foi meu padrasto, Halil, junto a minha mãe, quem terminou de nos criar.

— Oh! Eu sinto muito.

— Já faz muito tempo.

— Não quis ser indiscreta.

— Você não foi.

Desvio nossos olhos, sem jeito, mas ele segura meu rosto.

— Você não precisava estar aqui, mas eu a trouxe. Sabe por quê?

— Não. Para ser sincera, até agora não entendi o que vim fazer na Turquia.

— Porque a quero comigo. Não esqueça disso, Maria Luíza.

Aconteça o que acontecer, eu a quero comigo.

Abro a boca para falar, mas antes que possa dizer algo, a porta do casarão se abre e uma mulher de cabelos grisalhos, cujos traços não negam que é mãe dele, se aproxima.

— Sejam bem-vindos — diz, abraçando o filho e depois, parando à minha frente. — Você deve ser Maria Luíza?

— Sim, mas pode me chamar de Malu. E a senhora deve ser Zehra.



Sou fluente em turco, caso contrário, o assistente de Emir nunca teria me contratado, mas nesse instante, sinto como se as palavras arranhassem minha garganta. Estou muito nervosa.

— Gosto do seu sotaque — diz e eu não posso esconder um sorriso.

— E eu achando que era quase uma local — finalmente relaxo.

— Não para os verdadeiros locais. Sua pronúncia é mais sonora, muito bonita.

— Obrigada.

— Sei que já devem ter comido algo no avião, mas por melhor que seja o serviço de bordo de nossas aeronaves privadas, nada se compara à comida de verdade. Entrem. As empregadas prepararam um delicioso café da manhã.

Agora eu entendo o que Emir quis dizer sobre a mãe ser a rainha deles e não tenho como discordar. Zehra é o tipo de pessoa impossível de não se apaixonar.

Depois de me servir vários pratos típicos no café da manhã como ovos mexidos turcos, cinco cortes diferentes de queijo, fatias de corte de carne local, saladinha de tomate e pepinos servidos com o chazinho tradicional turco, a empregada colocou na mesa uma estranha mistura de manteiga e mel que fica uma delícia no pão.

Zehra tratou de me fazer ficar à vontade, falando sobre os mais diversos assuntos.

Por todo o tempo, senti que Emir nos observava e eu via a preocupação estampada em seu rosto. Por quê?

De repente, houve uma troca de olhares entre eles e sem entender a razão, um arrepio percorreu minha coluna.

Zehra abriu a boca para falar, mas antes que dissesse qualquer coisa, uma mulher morena linda, que calculo ter a minha idade, entrou na cozinha.

— Olá! Todos reunidos tão cedo? Como vai, titia?

Ela se abaixa e dá um beijo na bochecha de Zehra e sinto que a mãe de Emir olha para o filho.

Depois, ela fala com o meu namorado:

— Olá, bonito. Eu senti saudade.

Aperto os braços da cadeira quando a vejo quase pular no colo dele. Emir se mantém impassível, mas não se afasta.

— O que veio fazer aqui, Defne? Não me lembro de termos combinado algo. Emir acabou de chegar com a namorada e temos muito o que conversar.

A mulher me encara de cima a baixo.

— Vim visitar, titia. Sou família. Desde quando preciso avisar?

— Malu, essa aqui é Defne. Ela é sobrinha do meu falecido marido, padrasto de Emir.

Ofereço a mão em cumprimento, mas a mulher não faz qualquer menção para aceitá-la.

— Oi, Malu. Soube que ficará uns dias em Istambul. Mal posso esperar para nos conhecermos melhor.

Apesar do que diz, não há nada em sua postura que demonstre que as palavras são sinceras.

O ar está denso, pesado, então mesmo correndo o risco de ser mal-educada, faço a única coisa que me parece uma saída respeitosa.

— Zehra, eu agradeço o café da manhã, mas vou te pedir licença para... oh! Vou ficar em um hotel? — pergunto a Emir, porque só agora me dou conta de que não combinamos nada.

— Não. Vai ficar na minha casa. Vamos.



Capítulo 24

### **Naquela mesma noite**

— Seu irmão Qasim é dono de uma cadeia de restaurantes de luxo, então? Desse aqui, inclusive?

— Os restaurantes são a paixão dele, mas todos nós atuamos em diversas áreas, sendo as siderúrgicas, um negócio de família que já vem sendo passado há gerações.

Ela acena com a cabeça antes de me encarar.

— Estou um pouco nervosa sobre o que vão pensar sobre mim. Você me contratou como intérprete, inicialmente, e de repente, chego aqui como sua namorada. — Ela cora. — Ou ao menos foi desse jeito que sua mãe me apresentou para aquela mulher, Defne, não é?

Novamente, uma sensação de mal-estar fodida me atinge.

— Nós precisamos conversar — digo, apenas.

Ela me olha e franze a testa.

— Sobre o quê? — Parece confusa, mas depois, suas bochechas coram. — Oh! Eu assumi demais, não foi? Tomei por base o que sua mãe disse.

Ela pega o copo de água ao lado do vinho, o bebe de uma vez só e ver seu nervosismo me enche de remorso.

— Não — falo.

— Não, o quê?

— Não assumiu demais. É minha namorada, Malu.

— Mas você hesitou antes de responder. Por quê?

Ela é muito sensível e já intuiu, eu não tenho dúvidas, de que não estou sendo completamente honesto.

Sinto como se uma teia estivesse se formando, nos enredando e ameaçando estrangular-nos.

Chega. Eu não posso mais adiar o inevitável. Eu tentei esperar para contar junto a minha mãe, em respeito ao relacionamento dela com Halil, mas deixar Malu no escuro está me matando.

— Eu não fui ao Brasil somente por conta do contrato com a siderúrgica. — Começo, com cuidado.

— Não?

Balanço a cabeça, negando.

— Minha banca de advocacia tem profissionais qualificados.

Eu jamais precisaria viajar para fechar aquela negociação.

— Não sei se estou entendendo, então.

Antes que eu possa responder, meus quatro irmãos se aproximam.

Eu não preciso encará-los por mais do que poucos segundos para notar que já sabem de toda a verdade. Minha mãe provavelmente os preparou para o que está por vir.

Eles olham de mim para Malu e principalmente Cenk, o mais velho de nós, está com a expressão fechada.

Ela percebe, claro e eu pego sua mão, enlaçando nossos dedos.

— Essa é Maria Luíza, minha namorada.

Qasim é o primeiro a se aproximar, ainda que olhando-a desconfiado.

— Seja bem-vinda à Turquia, Maria Luíza.

— Obrigada.

Reparo que ela não os manda chamarem-na de Malu, o que me diz que não se sente confortável na presença deles.

— Vocês perderam alguma coisa aqui? — pergunto, sem tentar suavizar.

— Quanto tempo pretende ficar em Istambul, Maria Luíza?

Você e Emir já conversaram sobre isso? — Zehab indaga.

— O que está acontecendo, Emir? — ela me pergunta, ignorando-o completamente.



Fico muito orgulhoso de como minha mulher não se deixa intimidar por aqueles cretinos enxeridos.

— Você já acabou de jantar, [güzelim\[28\]](#)?

— Já sim.

— Vamos, então.

— Emir, precisamos conversar — Kahraman me chama.

— O que vocês precisam, é cuidar da própria vida, porra.

Ela não fala nada dentro do carro, mas o tempo todo o corpo está colado ao meu, enquanto o motorista nos leva para minha casa.

Eu sei que precisamos conversar, mas nesse instante, a raiva que estou sentindo dos meus irmãos por se acharem no direito de se meter na minha vida me torna instável. Não é um bom momento para esclarecer tudo.

Chegamos à casa, e sem dar a mínima para o motorista ou segurança, a pego no colo.

— O que está fazendo? — ela pergunta.

— Eu não sou bom com palavras — digo, quando entro para o hall e a desço para o chão.

— Você é um advogado.

— Não nessas horas. Não para te dizer as palavras certas.

Eu já procurei e não consigo encontrá-las porque nada parece o suficiente.

— Não estou entendendo. Tem algo a ver com seus irmãos?

— Não. Esqueça deles, Malu. Foque em mim.

Mexo no celular até encontrar a música que estou procurando.

Quando os acordes de *Can't Help Falling In [Love](#)*<sup>[29]</sup>, começam, eu estico a mão para ela e peço.

— Dança comigo?

Eu me acalmo um pouco assim que a tenho em meus braços.

Enquanto sussurro a letra da música em seu ouvido, a beijo e toco. Sinto minha mulher.

Malu tenta falar, mas as palavras agora são dispensáveis.

No momento, eu que nunca senti medo de nada na vida, as temo.

— Vamos conversar em algum momento, Emir? Porque eu sei que tem algo acontecendo.

— Vamos, sim. Amanhã à noite. Ficarei o dia todo fora. —

Chupo a carne do pescoço dela. — Nesse instante, eu preciso estar em você, quero senti-la me apertando dentro dessa boceta gostosa.

Ela finalmente parece entender que há algo muito sério que teremos que esclarecer.

— Quero você na minha cama — falo.

— Não precisamos de uma. Tome-me aqui. Eu não quero esperar.

É como se também soubesse que tudo o que viemos construindo até agora, o tesão que gradativamente se transformou em paixão, a cumplicidade, essa conexão única, estivesse em risco.

O medo de um, reflexo do outro.

— Aqui, Emir. Eu não me importo com cama, seu dinheiro ou casas luxuosas. Só você. Só nós dois.

Eu a pego no colo e ao mesmo tempo, abro minha calça.

Loucura, fome, temor por uma separação revezam-se dentro de mim.

Ela me puxa pelo pescoço, me beijando com desespero.

— Eu te amo. Pegue o que quiser, como quiser — diz.

Seus olhos brilham de emoção e sei que moverei céu e terra antes de fazê-la sofrer.

Fodam-se meus irmãos e seus prejulgamentos. Não sabem de porra nenhuma.

Encosto-a contra a parede, tateando sua calcinha.

Não há delicadeza na carícia. Não é disso que precisamos.

Nossas bocas se devoram, tentando saciar a fome, enquanto entro nela em uma só arremetida.

Ela sobe e desce no meu pau. Eu seguro sua bunda metendo muito profundo, tomando-a sem pausa, me enterrando em sua boceta apertada.

Necessitada por mais, desce as alças do vestido, se oferecendo e eu pego um peito inteiro entre os lábios.

— Cavalgue-me — ordeno, enquanto a puxo mais e mais forte contra meu eixo grosso.

Ela está febril e estremece enquanto me monta, se acostumando, tentando me acomodar em suas paredes estreitas.

Choraminga meu nome, murmurando seu amor e eu não sei dizer quanto tempo ficamos assim, perdidos, imersos um no outro.

Lambo um peito, saboreando a ponta rosada. Mamando até ouvi-la gemer.

Uma das minhas mãos desce entre nossos corpos, massageando o clitóris e esse é o gatilho para que ela goze em mim.

Aprofundo o beijo e sugo sua língua, martelando duro dentro dela.

Ela não para de me montar, mesmo depois de gozar, me aprisionando dentro de si, convulsionando em volta do meu

pau.

Meto com força, não deixando qualquer espaço entre nossos corpos e sua boceta me aperta, estreitando-se e me levando ao limite.

O prazer se espalha, me deixando tonto, enquanto me derramo dentro dela.

Beijo sua boca e não saio. Eu não quero sair dela nunca mais.

— Você é minha, Malu. Não importa o que aconteça. No momento em que eu te vi, sabia que era minha. Prometa que não vai a lugar algum antes de conversarmos.

— Por que isso agora?

— Quero sua palavra.

— Eu prometo.



## Capítulo 25

— Nossa, finalmente encontrei você sozinha! — Ouço alguém dizer atrás de mim e pouso a mão sobre o coração.

Caramba, se eu queria a confirmação de que não sou cardíaca, essa foi a prova!

Sei que foi uma mulher quem falou comigo, mas não faço ideia de quem se trata.

Quando viro para trás, já com um sorriso no rosto, pensando em fazer uma piada sobre o susto que levei, dou de cara com

Defne, a criatura desagradável que conheci na casa da mãe de Emir.

— Seu primo não está — falo, secamente.

Sim, talvez eu não ganhe qualquer prêmio de boa educação nesse instante, mas esse ser conseguiu a proeza de me fazer odiá-la com poucos minutos de conversa, logo ao sermos apresentadas.

— Eu não vim falar com Emir, vim falar com você. E quanto a ele ser meu primo... — Ela outra vez me olha de cima a baixo, um canto da boca se erguendo. — Não somos parentes, porém, muito mais íntimos do que primos, se é que me entende.

Nunca me considerei uma pessoa ciumenta, mas eu demoro poucos segundos para entender o que ela insinua e meu sangue ferve.

— Sua vida não me diz respeito, senhorita. Há algum propósito de ter vindo me ver? Disse que queria me encontrar sozinha.

— Isso mesmo. Temos muito o que conversar.

— Discordo — respondo, resolvendo jogar qualquer tentativa de civilidade para o inferno. — Eu não simpatizei com você, para

dizer o mínimo e se não se importa, gostaria que fosse embora da casa do meu namorado.

— *Seu* namorado?

— É, acho que podemos chamar assim.

— Não que fosse uma função que ele quisesse, em primeiro lugar. — Ela debocha.

— Você usa drogas? Sério, está começando a me deixar preocupada. Precisa de um médico?

Estou tentando usar do meu senso de humor para não arrancar o sorriso cínico dela na base da unhada.

Emir saiu e me disse para esperá-lo porque à noite nos reuniremos na casa da mãe dele para conversar sobre algo importante, então, aproveitei o dia lindo e vim passear no imenso jardim.

Eu estava curtindo o *momento serenidade*, e agora vem essa doida para desalinhar meu *chakra*.

— Qual é o seu problema comigo? — resolvo agarrar o touro pelos chifres.

— Ainda bem que sabe que temos um problema. O maior deles, é que você atrapalhou a minha vida.

— Olha, agora você conseguiu me preocupar de verdade.

Vou entrar e chamar algum parente seu, porque está claro que você precisa de ajuda, senhora.

Enfatizo o *senhora* para irritar porque estou com vontade de bater nela. Quem essa desequilibrada pensa que é para invadir a casa de Emir e me dizer esse monte de besteira?

Resolvo deixá-la falando sozinha, mas ela vem atrás.

— Não vai me virar as costas antes que eu lhe diga o que preciso.

Paro de andar e olho para ela com as duas mãos na cintura.

— Você tem dois minutos. Fale de uma vez ou eu juro que vou bater a porta na sua cara. E deixe eu te falar uma coisa antes de você começar: tenho vinte e nove anos e não sou um bebê. Sei reconhecer uma mulher ciumenta quando encontro uma e você, amor, está morrendo de ciúmes do Emir. Ou talvez, *despeito* seja uma palavra melhor.

— Sim, estou morrendo de ciúmes porque até você aparecer, eu tinha um plano e nele incluía me casar com Emir e ter muitos bebês.

— Bom... lamento ter destruído seus sonhos.

*Eu não lamento nada, sua nojenta.*

— Eu não terminei ainda — diz, quando eu volto a andar.

— Agora só tem um minuto — falo, fingindo olhar o relógio.

— Como é a sensação de comprar um homem?

— O quê? — Começo a rir. — Linda, faça sua pesquisa antes de falar besteira. Cresci na classe média alta. Não sei se consegue entender o que significa, mas como sou legal, vou te explicar: estou acima da média em termos de posses, ou melhor, minha mãe está, mas muitos degraus abaixo de ser

chamada de rica. Desse modo, como acha que eu poderia comprar um namorado do calibre de Emir?

Balanço a cabeça, quase com pena dela. A que ponto algumas mulheres chegam por causa de um cara, Jesus!

— Ria mesmo. Vamos ver se vai continuar rindo quando eu terminar de falar. O padrasto de Emir era seu pai.

— O quê?

— Ah, eu sabia que não fazia ideia de que era um joguete nas mãos do *meu* homem.

Primeiro, minha mente entra em negação. Alguns segundos depois, no entanto, quando o choque diminui, as peças do quebra-cabeça louco que é a minha vida começam a se juntar.

Minha mãe insistir para que eu escolhesse turco nas opções da [faculdade\[30\]](#), mas principalmente, o pavor em sua voz na última vez que nos falamos e lhe disse que viria para Istambul a trabalho.

— Como soube disso?

— Ouvi uma conversa do meu tio, *seu pai*, no leito de morte.

Ele fez Emir prometer ir ao Rio de Janeiro para se casar com a filha bastarda, há muito tempo perdida.

— Isso não faz o menor sentido. Por que um homem como Emir se envolveria em algo assim?

— Primeiro, porque adorava meu tio, que o criou como se fosse um filho, mas se quer um palpite, o fator financeiro

contou muito.

— Não entendi.

— Os negócios da família de Emir vão mal. Meu tio prometeu a usina do Rio de Janeiro, a mesma que você tolamente ajudou a negociar, como parte do pagamento caso Emir se casasse com você. Então, não se sinta tão especial, Maria Luíza. Você não passa de mercadoria. Uma moeda de troca para acalmar a consciência pesada de um homem que te rejeitou ao nascer.



## Capítulo 26

— Mãe? — pergunto, assim que ela atende, ao mesmo tempo que começo a colocar minhas roupas dentro da mala.

Eu primeiro tentei falar com Emir, mas o celular dele caiu direto na caixa postal, então, decidi esperá-lo antes de ir embora, mas já com a mala pronta.

— *Malu, você está chorando?*

Eu mal consigo respirar e sua pergunta me faz chorar mais ainda.

— Mãe, me fale a verdade sobre meu pai, pelo amor de Deus!

— *Oh, Senhor! Então sua ida à Turquia tinha a ver com aquele canalha, afinal de contas?*

— *Eu achava que não, mas acabo de descobrir que... —*

*Preciso parar e puxar algumas respirações.*

— *Malu, vem para cá, filha. Saia desse lugar. Nada de bom pode vir desse homem.*

— *Ele está morto, mãe. Eu nunca mais lhe perguntei sobre ele, mas agora preciso saber.*

*Conto a ela rapidamente sobre meu relacionamento com Emir e em seguida, o que descobri hoje à tarde.*

— *Eu não entendo. Ele lhe comprou um namorado? Um futuro marido? Por quê?*

— *Não tenho certeza, ainda. Estou esperando Emir chegar, mas agora quero saber de você porque nunca deixou que meu pai se aproximasse de mim.*

— *Para protegê-la, filha. Quando o conheci, eu era uma adolescente. Uma menina boba, deslumbrada e fiquei encantada*

*pelo empresário bilionário que se empenhou em me seduzir. Eu vivia em uma cidade no interior de Minas.*

— *Não em Vale das Solteiras?*

— *Não. Sou registrada lá, mas não foi onde nasci. Na cidade em que eu morava, nem cartório tinha. Um dia seu pai apareceu.*

*Moreno, lindo, poderoso. Ele decidiu que me teria, mas eu fui bem criada e resisti a princípio. Ele não desistiu, se*

*mudou para uma fazenda perto dos meus pais, me fez promessas de amor, de casamento, até que finalmente cedi.*

Percebo que também está chorando e me pergunto se, mesmo depois de tudo, ainda gosta dele.

— Foi ele o motivo pelo qual não fica com alguém por muito tempo? Ainda é apaixonada por ele?

— *Não, mas meu relacionamento com seu pai fez com que eu nunca mais confiasse em um homem.*

— Desculpe-me interrompê-la. Disse que cedeu à sedução dele. Continue, por favor.

— *Sim, cedi, e quando descobri que estava grávida, ele se ofereceu para pagar um aborto.*

— Ele não me queria.

— *Não. Não queria a nenhuma de nós e essa foi a razão pela qual nunca respondi suas perguntas sobre ele. Para que magoá-la?*

— Conte-me o resto. Eu preciso saber de tudo.

— *Pouco antes de você nascer, um advogado me procurou.*

*Seu pai, Halil, havia aberto uma conta poupança em meu nome. Na época, equivaleria a três milhões de dólares.*

— Ele sentiu remorso?

— *Provavelmente, mas eu já não me importava. A paixão que senti por ele se transformou em desprezo. No entanto, eu não tinha nada e não pude me dar ao luxo de recusar. Àquela altura, só éramos eu e minha mãe, que já estava*

*muito doente. Papai foi embora de casa porque se sentiu envergonhado da minha condição.*

*Em uma cidade pequena, uma gravidez fora do casamento equivale a uma sentença de morte social.*

— E o que fez?

*— Cuidei da minha mãe e de mim mesma, enquanto a gestação avançava. Pouco antes de você nascer, cerca de um mês para ser mais exata, sua avó morreu. Eu não tinha mais qualquer*

*peessoa próxima a não ser meu bebê que estava por nascer, então, resolvi começar do nada, me reinventar. Contratei um advogado.*

*Mudei de nome e sobrenome. Pedi sigilo aos parentes mais distantes. Criei você da melhor maneira que pude.*

— E depois? Por que voltou para Vale das Solteiras?

*— Porque estava usando nome e sobrenome diferente. Achei que ele nunca conseguiria me encontrar, mas pelo visto, me enganei.*

— Ele destruiu sua vida.

*— Não. Ele me deu você. Mesmo que eu nunca tenha sabido ser sua mãe, eu não trocaria ter lhe dado à luz por nada nesse mundo.*

— Eu acho que também não soube ser sua filha, mamãe e agora que sei o outro lado da história, gostaria de tentar de verdade.

Antes de pensar no futuro, no entanto, quero que me responda: ele seria capaz de comprar um marido para mim?

— *Eu não posso falar me baseando no caráter do seu namorado, Malu, mas no do seu pai, o qual eu ainda desprezo mesmo depois de morto, sim. Então, minha resposta é: acho que ele seria capaz de qualquer coisa. Talvez na cabeça doentia dele, tenha*

*tido a melhor das intenções. Talvez, no leito de morte, tenha se arrependido das maldades que me fez, da filha que rejeitou. Mas se quer saber minha sincera opinião, ninguém é capaz de uma mudança tão profunda quando a maldade está muito enraizada, filha.*

— Era o que eu precisava ouvir. Não importa quais tenham sido os arrependimentos dele no leito de morte. Ele enganou você e a abandonou à própria sorte quando mais precisou. Nem nessa vida e nem na outra, terá o meu perdão.



## Capítulo 27

Eu mal desligo o telefone, depois de prometer a minha mãe que assim que conversar com Emir, irei para Marselha encontrá-la, quando o aparelho toca outra vez.

— *Malu, você está na casa do meu filho?* — Zehra pergunta.

— Boa tarde. Sim, estou, mas não por muito tempo.

— *Escute-o, por favor.*

— A senhora sabe de toda a verdade?

— *Como poderia não saber? Halil era meu marido.*

— Duvido que ele tenha lhe dito tudo, Zehra. Nenhum homem teria coragem de assumir erros tão vis como os que ele cometeu.

— *Do que está falando?*

Conto a ela tudo o que acabei de conversar com a minha mãe, sem esconder qualquer detalhe. No fim, estou chorando e odeio mais um pouco o homem que era meu pai.

Pai? Não, ele não foi nada. Minha mãe cumpriu os dois papéis. Mesmo de seu jeito ausente, distante, ela sempre cuidou de mim.

É estranho como a vida às vezes nos dá uma rasteira, nos fazendo enxergar situações sob uma nova perspectiva. Agora que sei de tudo pelo que ela passou, eu não posso sentir nada além de tristeza e compartilhar da dor da jovem ingênua que se deixou enganar por um homem sem escrúpulos.

— *Eu não sabia da história toda.*

— E quanto a mim? Sabia do que ele e Emir tramaram?

— *Tramaram? Não acha que está sendo muito dura? Malu, eu poderia justificar meu filho, mas não vou. Ele teve motivos, mas*

*cabe a você lhe perguntar. Eu fico satisfeita que ao menos não foi embora, que esperou-o para conversarem como adultos.*

— Eu fiz uma promessa a seu filho de que nunca partiria sem conversarmos. Não volto atrás com a minha palavra.

— *Eu sinto muito por tudo, Malu. Não vou lhe dizer que odeio meu falecido marido porque isso seria mentira. O que ele fez à sua mãe foi abominável, mas foi um bom homem para mim e ótimo pai para os meus filhos. Se perguntar a qualquer um dos meus meninos, até mesmo Cenk, que é o mais difícil de todos, verá que tem na figura do padrasto uma referência.*

— Eu não sei o que dizer, Zehra, então prefiro me calar. Eu nunca vou conseguir perdoar aquele homem. Eu ainda não entendi meu papel nessa trama toda e por isso, estou esperando por Emir, mas independentemente do que seu filho me diga, eu jamais perdorei o que ele fez à minha mãe.

— *Eu não entendo porque Defne armou toda essa situação.*

— Porque disse que eu entrei no caminho dela e que se não fosse por mim, Emir seria dela.

— *A mulher definitivamente está louca. Meu filho nunca sequer considerou fazê-la esposa.*

— Eu não sei, Zehra. Acho sim que ela é um pouco doida, para ser franca, mas acontece que não falou nada mais do que a verdade. Obrigada por ligar e se não nos virmos mais...

— *Vamos nos ver sim, minha filha. Disso, eu tenho certeza.*

— Como sabe?

— *Porque eu consigo reconhecer o amor verdadeiro* — diz, antes de desligar.

Eu queria ser capaz de chorar, mas me sinto anestesiada, então ao invés de sentir pena de mim mesma, termino de fazer a mala.

Desço as escadas com dificuldade, arrastando minha bagagem sozinha porque não quero chamar a atenção dos funcionários.

Quando chego no meio dos degraus, congelo. Emir está parado, olhando-me e pela primeira vez desde que o conheci, vejo desolação em seu rosto.

— Você vai embora.

Aceno com a cabeça, concordando e vejo seu maxilar enrijecer.

— Por quê? — pergunto, chorando. — Como pôde me enganar assim?

— Não era para ter sido daquele jeito.

— De que jeito? Eu não ser idiota o suficiente para me apaixonar por você? Porque foi isso que fiz. Eu me entreguei de corpo e alma quando para você eu não passava de um negócio. Um contrato, como enfatizou tantas vezes. Agora, eu sei de tudo.

— De tudo, o quê?

— Defne me contou que vocês estão falidos, que precisava daquela siderúrgica no Rio para salvar sua família da ruína.

— Você não quer dizer isso, Maria Luíza. Não pode pensar que eu faria algo assim por dinheiro.

— Como posso saber? Eu não te conheço!

— Você me conhece, porra! Uma omissão não apaga tudo o que vivemos!

— *Omissão*? É assim que você chama essa mentira sórdida?

— Eu nunca menti para você, Malu.

— Está me dizendo que nada do que Defne disse era verdade? Que você não foi ao Rio para se casar comigo a mando do meu pai?

— Eu fui ao Rio para conhecê-la melhor.

— E então?

— Eu me esforçaria para cumprir minha promessa a Halil.

— E que promessa era essa?

— Casar-me com sua única filha. Dar a ela meu sobrenome, garantir um futuro. Não deixá-la desamparada.

Eu não demoro a juntar as peças.

— Um contrato. Por isso repetiu aquilo tantas vezes e eu achei que falava do meu trabalho como intérprete! Deus, como sou idiota.

Eu o encaro com a sensação de que não me disse tudo.

— Tinha ao menos a intenção de me conhecer realmente?

— Não como um homem conhece uma mulher. Eu cumpriria minha promessa, proporia uma transferência para sua conta corrente para garantir sua estabilidade financeira e talvez, um dia, aumentasse esse valor visando que tivéssemos herdeiros.

— Você queria me comprar como ele fez com a minha mãe.

Largou-a grávida, sozinha e com medo e anos depois mandou um representante com um monte de dinheiro para calar a própria consciência. Não é nada diferente dele, Emir.

Ele sobe as escadas e para um degrau abaixo do meu, mas mesmo assim, ficamos da mesma altura.

— Estou deixando que desabafe porque está ferida, mas não nasceu alguém, homem ou mulher, que permitirei que me ofenda desse jeito.

— Não se preocupe com isso. Essa conversa acabou.

— Conversa? Eu não contei tudo, mas você não quer saber a verdade, Malu, quer estar certa. Quer ter um motivo para correr de nós dois. E eu não vou te impedir.

Suas palavras me abalam mais do que eu quero admitir.

Acabou. Ele não vai tentar me convencer ou lutar.

*Nem você lutará* — uma voz avisa, dando parcialmente razão às acusações de Emir.

— Estou indo embora — falo.

— Para onde?

— Isso importa?

— Não me teste, Malu.

— Vou para Marselha, ficar com a minha mãe. Preciso reservar um voo.

— Não, vá no meu avião. Não precisa pegar um voo comercial.

Estou esgotada, cansada de brigar, então só aceno com a cabeça, concordando.



## Capítulo 28

### **Horas antes**

— *Qasim me contou que fechou a compra da siderúrgica no Brasil. Está aí um país que tenho vontade de visitar.* — Meu primo, o Sheik Kamal[31], do emirado de [Sintarah](#)[32], diz ao telefone. —

*Aproveitou o Rio?*

— Aproveitei, sim. Estou namorando uma brasileira, inclusive.

Em breve pretendo abrir meu relacionamento com Malu, colocando tudo às claras para minha família, afastando de uma vez

por todas as sombras do passado, mas por ora, é melhor não entrar em detalhes. Nossa história é muito complexa.

— *Somente namoro?*

— Depois que você se casou com sua Madeline, quer que todos nós caiamos na mesma armadilha — brinco.

— *Tenho fé de que vocês cinco seguirão meu caminho, desde que seja com a mulher certa. Quanto a Irfan e Zarif, estou perdendo as esperanças.*

Conversamos por mais alguns minutos e tão logo desligo, um pedido de chamada de vídeo com meus irmãos aparece.

— Não tenho nada para falar com vocês — digo, quando a tela se abre no meu *notebook*.

— *Em nossa defesa* — Zehab fala —, *não sabíamos da história*

*toda. [Anne\[33\]](#) havia dito apenas sobre a proposta absurda que Halil lhe fez, não que você estava apaixonado por sua brasileira. Só queríamos impedi-lo de cometer uma bobagem.*

Eu nem tento negar. Sei que é o que sinto: um amor louco e inesperado pela mulher que era para ser somente um acordo.

— *Está mesmo apaixonado?* — Qasim ri. — *Isso porque me disse ao telefone há algumas semanas que quando se casasse seria por conveniência.*

Deixo passar o deboche, focando no que me importa.

— Todos vocês se desculparão com ela. Nunca mais tratem Malu daquele jeito. Eu não perderei outra ofensa à minha mulher.

Kahraman sacode a cabeça de um lado para o outro e depois diz:

— *Como pôde concordar com aquilo, Emir? No fim, tudo vai acabar bem porque estão apaixonados, mas por que aceitou que Halil lhe pedisse algo tão ridículo?*

— Ele estava morrendo. Devemos nossa criação ao nosso padrasto. Cometeu um erro enorme no passado e se arrependeu.

Queria repará-lo. Ter uma segunda chance.

— *Sabe da história toda?*

— Não. Apenas que a mãe escondeu a menina para que ele não a encontrasse. Parece que Halil não quis se casar com ela e por vingança, a mulher fugiu com a filha, mudando inclusive nome e sobrenome. Ele só foi descobrir quem Malu era e onde estava quando já era tarde demais.

— *Um viva ao preservativo. O maior engano que um homem pode cometer é fazer um filho na mulher errada* — Qasim diz.

— *Eu não sei. A história está bem esquisita, como um mapa faltando partes* — Cenk fala.

— Partes? — pergunto.

— *Emir, é um ato muito extremo alguém mudar de nome e sobrenome apenas para impedir o pai de ter contato com a filha.*

*Sabe muito bem, como advogado, que ela sendo brasileira e a criança tendo nascido no Brasil, juiz nenhum daria a guarda a Halil para levar a menina para fora do país. Assim, não havia porquê a mãe de Maria Luíza chegar a esse ponto.*

Eu nunca havia enxergado por esse ângulo. Acreditei no que meu padrasto disse: que teve um caso com uma mulher, que por puro despeito, o impediu de ver a menina. Agora, entretanto, que Cenk levantou a questão, quero ouvir o outro lado da história. O que a tal mulher, Renata, mãe de Malu, tem a dizer.

*— De qualquer modo, irmão, ainda assim o acordo era absurdo.*

— Eu pretendia contar a verdade a Malu. Quando fui ao Brasil, tinha a intenção de conhecê-la melhor e então lhe revelar tudo sobre o pai e meu papel nessa história.

*— E o que deu errado? —* Kahraman pergunta.

— Desde o primeiro segundo, ela fez meu sangue ferver. As coisas tomaram o rumo natural com a velocidade de um trem desgovernado.



— *Foda-me! Fale em destino! Parece ficção. Você vai ao Brasil visando se comprometer por conveniência para cumprir uma promessa e se apaixona pela sua prometida.*

— *Putá merda, Zehab ! Prometida? Sério, cara? Em que século você vive?* — Qasim debocha.

Uma chamada no meu celular, avisa que minha mãe quer falar comigo.

— Eu preciso ir. *Anne* está ligando — digo e fecho o *notebook*

— Mãe?

— *Emir, meu filho. Vá para casa. Defne esteve com Malu. Ela contou tudo sobre o acordo que você fez com Halil.*

— Você vai embora — falo, quando a vejo na escada, com a mala pronta.

Quando me telefonou, minha mãe contou por alto o que havia acontecido e eu vim para casa o mais rápido que pude. Sabia que a situação era grave, mas achei que poderíamos conversar, ainda.

Não esperava encontrá-la pronta para partir.

Ela acena com a cabeça, confirmando e eu preciso trabalhar toda a minha força de vontade para me impedir de ir até onde está.

— Por quê? — pergunta, chorando e aquilo quase me divide em dois porque sei que, de alguma forma, sou o causador de seu sofrimento. — Como pôde me enganar assim?

— Não era para ter sido daquele jeito.

— De que jeito? Eu não ser idiota o suficiente para me apaixonar por você? Porque foi isso que fiz. Eu me entreguei de corpo e alma quando para você eu não passava de um negócio. Um contrato, como enfatizou tantas vezes. Agora, eu sei de tudo.

— De tudo, o quê?

— Defne me contou que vocês estão falidos, que precisava daquela siderúrgica no Rio para salvar sua família da ruína.

— Você não quer dizer isso, Maria Luíza. Não pode pensar que eu faria algo assim por dinheiro.

— Como posso saber? Eu não te conheço!

— Você me conhece, porra! Uma omissão não apaga tudo o que vivemos!

— *Omissão?* É assim que você chama essa mentira sórdida?

— Eu nunca menti para você, Malu.

— Está me dizendo que nada do que Defne disse era verdade?

Que você não foi ao Rio para se casar comigo a mando do meu pai?

— Eu fui ao Rio para conhecê-la melhor.

— E então?

— Eu me esforçaria para cumprir minha promessa a Halil.

— E que promessa era essa?

— Casar-me com sua única filha. Dar meu sobrenome, garantir um futuro. Não deixá-la desamparada.

— Um contrato. Por isso repetiu aquilo tantas vezes e eu achei que falava do meu trabalho como intérprete! Deus, como sou idiota.

Tinha ao menos a intenção de me conhecer realmente?

— Não como um homem conhece uma mulher. Eu cumpriria minha promessa, proporia uma transferência para sua conta corrente para garantir sua estabilidade financeira e talvez, um dia, aumentasse esse valor visando que tivéssemos herdeiros.

— Você queria me comprar como ele fez com a minha mãe.

Largou-a grávida, sozinha e com medo e anos depois mandou um representante com um monte de dinheiro para calar a própria consciência. Não é nada diferente dele, Emir.

Subo as escadas, mal conseguindo conter a fúria.

— Estou deixando que desabafe porque está ferida, mas não nasceu alguém, homem ou mulher, que permitirei que me ofenda desse jeito.

— Não se preocupe com isso. Essa conversa acabou.

— Conversa? Eu não contei tudo, mas você não quer saber a verdade, Malu, quer estar certa. Quer ter um motivo para fugir de nós dois. E eu não vou te impedir.

*Não vou mantê-la em Istambul contra a vontade, mas não há maneira de que eu vá desistir de você. Corra o quanto quiser, eu vou te alcançar porque você é minha.*

— Estou indo embora — diz, irredutível.

— Para onde?

— Isso importa?

— Não me teste, Malu.

— Vou para Marselha, ficar com a minha mãe. Preciso reservar um voo.

— Não, vá no meu avião. Não precisa pegar um voo comercial.

Ela concorda, mas acho que não sabe do resto dos meus planos ou não cederia tão fácil.



## Capítulo 29

— Quando me disse que mandaria seu avião me levar para Marselha, não imaginei que viria junto — falo, furiosa, abrindo o cinto de segurança assim que o aviso de mantê-los fechados é apagado.

Ando de um lado para o outro, agitada.

— Nós não terminamos nossa conversa, Malu. Está com raiva de mim, e eu vou aceitar sua mágoa, mas se pensa

que vai

virar as costas e partir, se acha por um segundo que vou te deixar apenas sair da minha vida, não sabe nada de mim.

— Você não pode...

Antes que eu consiga terminar a frase, o avião balança. Tudo acontece tão rápido que parece não ter se passado uma fração de segundo.

Em um momento, eu estava de pé, no outro, Emir estava sobre mim quando eu caí.

Eu me debati, sem saber o que estava acontecendo e então ouvimos um estrondo.

Ele conseguiu me levar de volta à poltrona, colocou meu colete salva-vidas e a máscara de oxigênio.

Estou em pânico, tremendo.

— Abra os olhos — ele pede quando começo a ficar enjoada.

— Aconteça o que acontecer, não morra. Eu te amo. Eu vou te amar para sempre, Malu. Você é a mulher da minha vida.

Ele volta ao próprio assento, põe colete e máscara também.

O piloto fala sem cessar, mas a essa altura não consigo prestar atenção em nada.

Emir não desvia nossos olhos e mesmo naquela situação de pânico, tenta me transmitir calma.

Deus, o que eu fiz? Talvez esses sejam nossos últimos segundos e vamos morrer sem que ele saiba o quanto o amo.

Nada mais importa. Segredos ou mentiras.

Eu só quero mais uma chance com ele. Outra oportunidade para nós dois.

A aeronave continua perdendo altitude, não em uma queda profunda, de bico, mas como um pássaro sem forças, que flutua no ar.

A descida parece não ter fim, mas finalmente sentimos o baque do avião e como não é tão forte, presumo que tenhamos caído no mar.

Suspiro, aliviada, olhando para o homem que eu amo, chorando, agradecendo a Deus, quando de repente, o teto do avião se parte e eu assisto, horrorizada, um pedaço se desprender e acertá-lo na cabeça.

Eu grito e grito até perder as forças, mas ele não acorda. Ele não abre os olhos e então, eu me entrego à escuridão, também.



— Pode-se dizer que ambos nasceram outra vez. — Ouço uma voz de homem afirmar.

Tento abrir os olhos, mas é difícil.

— Ela está acordando.

*Minha mãe está aqui?*

— Mãe?

— Oh, meu Deus, Malu! Filha, eu nunca senti tanto medo na minha vida — ela diz, me abraçando.

Deixo que me segure, sentindo as lágrimas caírem pelas bochechas, enquanto a mão dela acaricia meu cabelo.

— O que aconteceu?

— A aeronave teve uma pane, mas mesmo assim o piloto foi hábil o bastante para pousar na água, do jeito que conseguiu.

— Alguém... — começo, mas sem ter coragem de completar a frase.

— Não. Estão todos vivos, mas Emir...

— O quê? Onde ele está?

— Ele sofreu uma pancada na cabeça e precisou ser colocado em coma induzido.

— O que isso significa?

Um médico se aproxima.

— O coma induzido é uma sedação profunda, feita para ajudar a recuperação do paciente, senhorita Barcellos — diz em inglês, mas seu sotaque turco me mostra que estamos no país de Emir. — O senhor Aydin sofreu um trauma na cabeça.

Abro a boca, ansiosa por mais informações e ele parece entender meu desespero, porque diz:

— Fizemos todos os tipos de exames que seriam necessários. Não houve dano ao cérebro. Já diminuimos a medicação e ele está despertando. Vocês dois devem ter uma ligação muito forte para voltarem da sedação com uma diferença de horas apenas, como se tivessem combinado.

— Há quanto tempo estamos aqui?

— Três dias — minha mãe é quem responde. — Os piores da minha vida.

Eu seguro a mão dela e aperto, imaginando como deve ter ficado preocupada.

— Puseram-me em coma, também?

— Não, nós a sedamos, mas não tão profundamente como no caso do senhor Aydin.

Alguém bate na porta e em seguida, ela se abre.

— A enfermeira nos avisou que você havia acordado, minha filha — Zehra diz.

Fico tensa quando vejo a mãe de Emir na entrada porque não sei qual será a reação da minha mãe. Com Zehra e a família dela, Halil foi tudo o que não foi para nós: marido, pai dos filhos dela, protetor.

E então, algo me alcança: ela falou em inglês e só pode ter sido em consideração a minha mãe.

— Você é transparente, Malu — mamãe diz. — Eu e Zehra conversamos por horas enquanto esperávamos e

rezávamos juntas pelos nossos filhos. Não há mágoas entre nós. Amamos o mesmo

homem. Para uma, ele foi um príncipe, para a outra, um ser desprezível, mas isso não tem nada a ver com você e Emir. Para nós, mães, só a felicidade de vocês importa.

Estou tão chocada que não consigo falar nada.

Segundos depois, um por um os irmãos de Emir entram no quarto.

— Queremos nos desculpar pelo modo como a tratamos no restaurante — o mais velho deles, que sei se chamar Cenk, rosna.

Jesus, até se desculpando o homem parece que vai me morder.

— Emir exigiu isso, mas não é a razão de estamos aqui, e sim porque você o faz feliz, Maria Luíza. — Qasim, que segundo Emir é o mais debochado, continua.

— Ele não é perfeito e não cabe a mim entrar nos assuntos de vocês dois, eu só quero que saiba que Emir nos disse que se apaixonou por você à primeira vista. Não importa o que o levou ao Brasil, ele a ama. — o outro, que não tenho certeza se é Kahraman ou Zehab, fala.

— Estava escrito que eram o destino um do outro. — O último finaliza.

Olho um por um.

— Vocês ensaiaram isso?

Eu nunca pensei que podia ver quatro marmanjos corarem, mas é o que acontece.

— Na verdade, sim. É a primeira vez na vida que nos desculpamos — Cenk diz e todos riem.

Uma enfermeira entra.

— Senhorita Barcellos, o senhor Aydin quer vê-la.



## Capítulo 30

Minha cabeça dói e a equipe médica disse que está dentro do esperado, já que me puseram em coma induzido por dias.

Acordei há poucas horas [apenas\[34\]](#), mas os médicos, antes de liberarem visitas, me examinaram e puseram em observação.

Eu ainda não entendi muito bem o que aconteceu. Ninguém me trouxe respostas.

Sei que o meu avião caiu porque eu nunca vou me esquecer do medo que senti quando vi Malu de pé no momento em que os avisos do comandante tiveram início.

Eu sabia que precisava protegê-la, mas eu não queria só isso, e sim, uma segunda chance para fazer tudo direito dessa vez. Há poucos minutos, uma enfermeira veio me avisar que Malu despertou da sedação e eu pedi para vê-la. Estou ansioso para atestar com meus próprios olhos, que minha mulher está bem.

A porta do quarto se abre.

— Eu prometi que não ia chorar — o amor da minha vida diz, pálida, vestida em uma camisola de hospital, mas para mim, linda como sempre, assim que uma enfermeira a traz para perto da cama

—, mas eu não consigo impedir as lágrimas porque ainda estou apavorada. Eu não posso perder você.

— Malu...

Ela se levanta da cadeira de rodas e se senta na beirada da cama, depois deita a cabeça no meu peito.

— Apenas me ouça, Emir. Eu preciso desabafar. Eu sei que você errou e não vou mentir e dizer que vamos passar uma borracha sobre isso. Precisamos conversar porque algo assim pode nos separar para sempre. Agora que eu já reclamei — ela funga —, eu preciso dos seus braços à minha volta.

Eu a seguro com um só, já que o outro ainda está preso à medicação.

— Shhh... nós estamos bem, amor. Sobrevivemos e vamos ter muitos anos pela frente.

— Eu me lembro de tudo o que falou quando estava cuidando de mim no avião. Não consigo recordar uma única

palavra do piloto, mas lembro-me de você jurando seu amor. Dizendo que me amaria para sempre.

— Olhe para mim — peço e ela ergue a cabeça. — Eu te amo.

Eu errei e por isso, peço perdão. Mesmo que tudo o que Halil me contou fosse verdade, eu não tinha o direito de, junto a ele, decidir sua vida, como se fosse uma peça de um tabuleiro que eu pudesse mexer a meu bel-prazer. Em minha defesa, porém, posso te dizer que fui punido pela minha arrogância quase que imediatamente.

— *Punido?*

— Eu nem vi o que tinha me acertado, Malu. Bastou respirar o mesmo ar que você e eu já estava rendido.

— Eu te amo, Emir. Eu não quero te perder, então não vou mais fugir quando estiver chateada e sim, sentar e conversar.

— Até porque eu te perseguiria. Tenho uma veia homem das cavernas, se não notou ainda, Malu. Eu não desisto ou abro mão do que eu quero.

— E o que quer sou eu?

— Não duvide disso. Não somos temporários. Não vá mais embora. Nem da Turquia e nem da minha vida.

— Quer que eu venha morar em Istambul?

— Quero que venha morar na minha casa ou compraremos outra se você preferir. Eu não me importo, desde que aceite ser minha esposa, a mãe dos meus filhos.

— Por amor? Quer se casar comigo porque me ama?

Pego sua mão e beijo a palma, depois coloco-a sobre meu peito.

— Por amor, Malu. Nada de contratos mais, a não ser o que assinaremos na frente do juiz. Vamos esquecer o passado. A história de seus pais não é nossa. Case-se comigo.

Ela esconde o rosto nas mãos, chorando.

— Assim não, minha linda. Mostre-me tudo. Não se envergonhe por sentir. Eu sinto tanto e é tudo seu.

— Eu te amo. Vou me casar com você. Não me importo como começamos. Eu quero o *depois*. Eu quero o *para sempre*.



Capítulo 31

### **Um mês e meio depois**

— Só digo uma coisa: me livrei do pagamento da viagem. Estou noiva. Beijos para vocês. Me liguem. — Despeço-me das minhas três meninas, no Zoom, às gargalhadas.

Elas ficaram desesperadas quando souberam, através da minha mãe, da queda do avião. Fiz uma chamada de vídeo

de dentro do hospital mesmo, logo após sair do quarto de Emir no dia em que ambos despertamos da sedação.

Agora que o tempo passou, o medo voltou com força total. Tenho certeza de que vou custar a entrar em um avião tranquilamente como no passado.

— *Minha vez!* — Olívia surge na tela. Atrás dela, estão as três filhas e também Isabel.

Elas passam sorrindo e depois me mandam adeus e beijos.

Gaby, que puxou o jeito bem-humorado de Olívia, faz um coraçãozinho com as mãos.

— Oi, prima! — falo.

— *Oi, Malu. Sei que já disse outra vezes, mas eu agradeço a Deus todos os dias por você e seu amor terem sobrevivido. Já sabem o que causou a queda? Eu morro de medo porque toda a família aqui tem aviões privados.*

— Ainda não. Vão analisar a caixa-preta, mas pode levar meses até que descubram. Deve ter sido problema com a aeronave porque o comandante provou que é muito competente.

— *O que importa, é que o pesadelo acabou* — diz.

Logo após eu ter recebido alta do hospital, atualizei, tanto minhas amigas quanto Olívia em relação a descoberta de quem era meu pai, o acordo de Halil com Emir e nossa quase separação.

No fim, tudo correu bem, mas por que precisamos nos machucar tanto antes das coisas funcionarem?

Apesar da revolta pela prepotência de Halil, no entanto, se não fosse o plano absurdo dele, eu e Emir não teríamos nos conhecido e apaixonado.

Aos poucos, as coisas em minha vida estão se encaixando.

Cada peça ocupando o devido lugar.

A minha relação com a minha mãe mudou muito em um espaço de semanas, acho que principalmente por ela ter me aberto toda a história com meu pai. A dor nos aproximou.

Para mim, o mais impactante, porém, o verdadeiro divisor de águas, foi a queda do avião.

A experiência de quase morte abriu meus olhos. Se Emir tivesse morrido, nossa última conversa teria sido uma briga. Eu não estou isentando-o de culpa. Ele errou por acreditar na história de Halil sem pesquisar mais a fundo e também por, em seu egoísmo, no início, achar que eu poderia estar interessada em um relacionamento baseado em dinheiro.

Há algo, entretanto, que eu aprendi quando vi aquela barra de avião atingi-lo: quando você ama e é amado de verdade, quase tudo pode ser perdoado.

Tenho minhas exceções, claro. Eu jamais perdoaria uma traição.

— *Você está viajando em uma realidade paralela* — Olívia brinca quando percebe que me distraí.

— Eu estava pensando. Acho que amadureci mais nessas últimas semanas do que na vida inteira.

— *Não era imatura. Só um pouco medrosa, o que é natural.*

— Eu tinha medo de me machucar.

— *Amor também machuca, Malu. Ele não pode machucar sempre, porque senão, se torna tóxico, mas em qualquer relacionamento existem dias de sol e também os nublados.*

— Eu quero um meio-termo. Me contento com um mormaço.

— *Com seu temperamento e o de Emir? Okay. Vai sonhando.*

*Mas vamos falar o que interessa: está certa mesmo sobre o casamento? Se a decisão estiver de pé, Guillermo vai fechar vários andares do hotel para nossa família.*

— Estou, sim. Quero me casar em Vegas. Depois, claro, teremos que fazer outra cerimônia na Turquia porque eles têm muitos parentes, mas por ora, vamos para a cidade do pecado.

— *E quanto a mudança para Istambul?*

— Em relação a isso não há muita escolha, Olívia. A vida de Emir é na Turquia. Além do mais, fica mais perto de Paris do que o

Brasil. Vou poder visitar minha mãe com frequência.

— *Fico tão feliz que você e Renata estejam se entendendo, Malu. Custou, mas aconteceu.*

— Sim, não estamos curadas. Existem mágoas do passado, mas evoluímos a cada dia.

— *Mudando de assunto, nem preciso dizer que seu bolo de casamento e as sobremesas eu que vou fazer, né?*

— Jura? Estava pensando em contratar outra chefe doceira...

— *Abusada!* — Ela diz, dando risada. — *Tenho que ir. O dever me chama. Beijo nessa sua família enorme.*

— Na sua também.

Pela minha visão periférica, vejo alguém parado na porta.

— Por que esse sorriso? — meu noivo pergunta.

Gente, pausa para dizer que eu gosto muito dessas palavras: tanto “noivo” quanto “meu”. Juntas, então, ficam lindas.

— Talvez eu tenha adivinhado que você estava chegando.

Ele vem para perto, me ergue, em seguida senta-me na mesa e ocupa a cadeira que eu estava antes, encaixando-se no meio das minhas pernas.

— Tentando me seduzir, [canim\[35\]](#)?

Eu o puxo pela gola da camisa para beijá-lo.

— Com esse vocabulário sexy, Emir, é você quem me seduz.

— Eu não disse nada além da verdade, minha noiva. Você é minha alma, minha vida.

— E você, a minha Emir. Eu agradeço todos os dias a Deus por ter recebido essa nova chance.

— Nada pode nos separar, Malu. Nem a morte. Eu vou continuar te amando para sempre.



## Epílogo 1

### **Las Vegas**

— Jesus, só você para querer se casar em Las Vegas, sob as bênçãos de Elvis Presley! — Olívia diz, rindo, uma hora depois que nossa cerimônia é finalizada.

— Eu tive meus motivos — falo, enquanto observo meu marido conversando com Guillermo Oviedo. — Emir é louco pelo rei do rock e cantou para mim, enquanto dançamos em uma noite em Istambul. Depois que quase o perdi, passei a valorizar coisas que antes eu não dava atenção.

— Estou brincando, prima. Ainda que não houvesse alguma razão por trás de sua decisão, quem se importa? O amor não precisa de justificativas.

Aceno com a cabeça, concordando, enquanto passo os olhos pelo salão do hotel Oviedo Tower, em Las Vegas.

Guillermo mandou fechar cinco andares especialmente para nossos convidados que, claro, incluem os Caldwell-Oviedo, a família de Emir, minha mãe e minhas inseparáveis amigas.

As três estão radiantes, mas Liz e Ramona, principalmente.

Assim como eu, estão apaixonadas.

Independentemente do acordo que fizemos, fico muito feliz que minhas amigas tenham encontrado um amor verdadeiro. Agora só falta Stela.

— Não, o amor não precisa de justificativas — finalmente respondo o comentário. — Agora eu vejo que passei a vida inteira me protegendo, o que foi uma boa coisa se levar em conta o tanto de embuste que me deparei até conhecer meu marido. Com ele, não quero ser assim, quero amar sem medida.

— Bom plano, minha linda — ela diz, me dando um beijo na bochecha.

— E então — Ramona se aproxima rindo, com Stela e Liz

—, prontas para ficarem cheias de dores amanhã? Porque pretendo dançar a noite inteira. Eu juro que quase entrei em coma depois daquela madrugada em claro no casamento da Cibele.

— Ah, mas nossa vida mudou. Agora temos feito bastante exercício físico — brinco, movendo a cabeça em direção às nossas caras-metades.

Todas gargalham, mas depois Stela diz:

— Estou muito feliz por vocês, amigas. Pegaram o safado do cupido de jeito.

— Não tenho como discordar — falo. — O querubim pelado foi super parceiro nos enviando nossos amores. Comigo foi muito generoso, porque ganhei meu turco lindo.

Elas, assim como Olívia, acreditam que houve a interferência do destino na minha história com Emir.

Tudo poderia ter dado muito errado, e no entanto, aqui estamos nós.

— Lindo, mesmo — concordam no exato momento em que a banda começa a tocar os primeiros acordes de, adivinhem só, uma música de Elvis Presley.



— Senhoras, posso roubar minha esposa? Quero que tenhamos nossa primeira dança, *hayatim*[\[36\]](#). Não vamos ficar muito tempo na festa — diz, me dando uma piscadinha com cara de safado, aparentemente sem se importar com as risadas das minhas amigas.

Já estamos saindo quando Liz pergunta:

— Espera, do que ele te chamou?

Levo a mão do meu marido aos lábios e a beijo.

— De “minha vida”. Esse homem, meninas, é um sedutor.

— Eu sou? — ele pergunta, quando começa a girar comigo em seus braços.

— Meu sedutor, meu amor. Todo meu.

— Não duvide disso, mulher.

## **Horas mais tarde**

Sinto as mãos tremerem quando alcanço minhas costas para despir-me do vestido de noiva. Emir queria fazer isso, mas se

eu permitisse, não conseguiria vestir a minha roupa sexy que escolhi especialmente para a noite de núpcias — e que me custou parte do meu fígado, diga-se de passagem.

Entre tirar tudo e me vestir novamente com o espartilho branco, rendado, meias sete oitavos com cinta-liga e um sapato altíssimo vermelho que descobri ser um dos fetiches do meu marido, não levei mais do que dez minutos, e agora, com a mão na maçaneta da porta, meu coração dispara em um corrida louca.

Pode parecer bobagem, mas por ser a primeira vez que vamos fazer amor depois de casados, me sinto incrivelmente ansiosa.

Entro no quarto e como sempre acontece quando estou frente a frente com o homem que é o dono do meu coração, a beleza dele me faz congelar.

Eu ainda não consigo acreditar que aquela delícia morena é toda minha.

Ele está sentado na cama, sem camisa, cada gomo do abdômen sarado pedindo pela minha boca e dentes.

Levanta-se e espera que eu me aproxime, embora seus olhos estejam emitindo uma ordem.

*Venha, sabe que é minha, Malu.* — Eu quase posso ouvir sua voz dizer.

Eu me aproximo e ele faz menção de me tocar, mas eu balanço a cabeça fazendo que não.

— É a minha vez, senhor.

Seus olhos se estreitam. Eu fiz de propósito. Sei o quanto o excita quando o chamo do mesmo modo que fazia quando era meu empregador.

— O que tem em mente, menina?

— Enlouquecer você, meu marido — falo, ajoelhando-me à sua frente.

Ele acaricia meu cabelo e um canto da boca se ergue.

— Faça o que quiser, Malu, aproveite-se de mim. Dite as regras, por ora, porque quando for a minha vez, eu não vou parar.



Epílogo 2

**Sete meses depois**

**Nascimento de Zoltan**

— Ele é o menino mais bonito da Turquia — minha mãe diz, debruçada no berço do nosso filho.

— Não, ele é o bebê mais bonito do mundo inteiro —  
Renata, minha sogra, fala.

Eu e Malu trocamos um olhar cúmplice enquanto saímos do quarto, deixando as duas avós babando em cima do primeiro neto.

Nós ainda não sabíamos, mas quando nos casamos, ela já estava grávida.

— Deus me ajude, se elas continuarem a bajular Zoltan desse jeito. Ele vai crescer com um ego maior do que o seu e de seus irmãos juntos.

— Amor demais não prejudica, Malu. Basta que se dê limites.

Nossa mãe nos amou incondicionalmente, mas quando chegava a hora do puxão de orelha, fazia direitinho, também.

— E ele? — pergunta e sei que se refere ao pai, meu padrasto.

Já há um tempo, de vez em quando, ela o menciona casualmente. Não me pergunta como fez agora, mas dá evasivas e sei que fica curiosa com a personalidade do homem que ajudou em sua concepção.

— Ele era um bom pai para nós. Nunca nos tratou como enteados, e sim como filhos, mesmo.

— Se tinha esse jeito com crianças, por que ele me rejeitou?

— Eu não quero que se ofenda com o que vou dizer porque eu jamais faria algo assim com um filho meu, mas o que eu

acho é que ele não queria sua mãe, e estendeu a rejeição para você também.

— Eu nunca vou perdoá-lo pelo que Halil fez para ela. Hoje, eu vejo como minha mãe é forte. Eu a prejudicava, em minha ignorância,

mas agora percebo que as pessoas demonstram força de maneiras diferentes. A dela foi me criar e proteger. Eu sou contra alienar o filho do pai, Emir, mas se por um segundo eu achasse que você pudesse machucar meu bebê, mesmo te amando, eu iria embora sem pensar duas vezes.

— Eu também enxergo de um outro modo agora. Sua mãe é forte, sim. Mas o que quero que tenha em mente, e isso não é por Halil, mas você mesma, é que nem sempre um bom marido é um bom pai e vice-versa.

— Ele foi para sua mãe e vocês.

— Não tenho como explicar isso, minha esposa. Talvez para algumas mulheres, eu seja um canalha e no entanto, para você, sou um príncipe encantado.

— Senhor, que ego!

Ela dá risada e era isso mesmo o que eu queria. De vez em quando Malu fica melancólica, se culpando por desprezar o pai, mas de onde eu vejo, tem todo o direito. Preciso confessar que mesmo amando-o ainda, não gosto da pessoa que meu padrasto foi.

Renata era muito jovem, dezessete anos incompletos quando ele a seduziu, e foi corajosa por não se deixar intimidar e levar a gravidez adiante.

*Fim!*

— E por falar em príncipe, a princesa aqui tem uma surpresa para quando o médico nos liberar para o sexo.

Ela captura minha atenção na hora.

— Mesmo? Que tipo de surpresa?

— Digamos que o *prazer sobre rodas* agora não vai ser somente o nome de um bar. Comprei um uniforme muito parecido com o que eu usava lá e vou ficar muito feliz em satisfazê-lo, senhor.

Eu a encosto na parede e me abaixo para morder seu pescoço.

— Quantos dias ainda faltam?

— Para o prazer total, dez, mas estou pronta para lhe servir um aperitivo, marido.

Não deixe de ler nas próximas páginas um bônus de uma nova série com esses irmãos turcos super sexies.



Cenk Yavuz Aydin

—Tem certeza disso? — pergunto, olhando o relatório.

— Não acho que sobrou muito espaço para dúvidas, senhor Cenk. Eu não acredito em coincidências. Há o desfalque do dinheiro, a queda do avião que era para ter sido usado pelo senhor naquela tarde e em seguida, o desaparecimento de sua... eu não sei que termo usar. Secretária? Namorada?

Sinto gosto de ácido na boca enquanto penso no falso sorriso doce da mulher que mantive ao meu lado.

— Funcionária, apenas. Ophelia não é nada além de uma funcionária e se estiver mesmo envolvida nisso, será punida de forma exemplar.

PAPO COM A AUTORA

Espero que tenham curtido acompanhar a história de amor de Emir e sua Malu.

Como devem ter notado, além de ser uma novela que faz parte de uma série com mais três autores, a presente obra será também a porta de entrada para uma série turca com os quatro irmãos de Emir: Qasim, Kahraman, Cenk e Zehab.

Um grande beijo e até a próxima aventura.

D. A. Lemoyne

Interaja com a autora através de suas redes sociais

[GRUPO DE LEITORES NO FACEBOOK](#)

[FACEBOOK](#)

[INSTAGRAM](#)

[PÁGINA COM TODOS OS LIVROS DA AUTORA](#)

Obras da autora

***Seduzida - Muito Além da Luxúria (Livro 1 da Série Corações Intensos)***

***Cativo - Segunda Chance (Livro 2 da Série Corações Intensos)***

***Apaixonada - Meu Para Sempre (Livro 3 da Série Corações***

***Intensos)***

***Fora dos Limites (Livro 1 da Duologia Seduza-me)***

***Sedução no Natal - Conto (Spin-off de Seduzida e Cativo)***

***Imperfeita - O Segredo de Isabela (Livro 4 da Série Corações Intensos)***

***Isolados - Depois que Eu Acordei (Livro 5 da Série Corações Intensos)***

**[Nascido Para Ser Seu \(Livro Único\)](#)**

**[168 Horas Para Amar Você \(Livro Único\)](#)**

**[Sobre Amor e Vingança \(Livro 2 da Duologia Primos Lykaios\)](#)**

**[168 Horas Para o Natal \(Conto de Natal - Spin-off de 168](#)**

**[Horas Para Amar Você\)](#)**

**[Uma Mãe para a Filha do CEO \(Livro 1 da Série Irmãos Oviedo\)](#)**

**[A Protegida do Mafioso](#)**

**[O Dono do Texas \(Livro 1 da Série Alma de Cowboy\)](#)**

**[Um Bebê Por Contrato \(Livro 2 da Série Irmãos Oviedo\)](#)**

**[A Obsessão do Mafioso \(Livro 1 da Série Alfas da Máfia\)](#)**

**[Uma Família Para o Cowboy \(Livro 2 da Série Alma de Cowboy\)](#)**

**[A Esposa Contratada do Sheik \(Livro 1 da Quadrilogia Casamentos de Conveniência\)](#)**

**[Como Domar um Mulherengo \(Livro 3 da Série Irmãos Oviedo\)](#)**

**Um Anjo Para o Mafioso ( Livro 2 da série Alfas da Máfia).**

**O Herdeiro do Cowboy (Livro 3 da Série Alma de Cowboy).**

**Um Bebê Para o Italiano (Livro 1 da Série Bebês Inesperados)**

**Sob a Proteção do Bilionário(Livro 2 da Duologia Seduza-**

**me).**

**Bastardo Apaixonado (Livro 4 dos Irmãos Oviedo).**

**Proibida Para o Cowboy (Livro 4 da Série Alma de Cowboy).**

**A Eleita do Grego (Livro 1 da Duologia Primos Lykaios).**

**Destinada ao CEO (Spin-off Irmãos Oviedo - A História de**

**Isabel e Stewart).**

**A Princesa Seduzida pelo Magnata (Livro 3 da Quadrilogia**

**Casamentos de Conveniência).**

**A Esposa Inocente do Mafioso (Livro 3 - Série Alfas da**

**Máfia).**

**[A Mãe da Minha Menina \(Irmãos Oviedo - Livro 5\)](#)**

**[Seduzida Por Contrato \(Irmãos Kostanidis - Livro 1\)](#)**

**[Sob o Domínio do Mafioso \(Série Honra Irlandesa - Livro 1\)](#)**

**[Deliciosa Armadilha \(Livro 1 da série Feitiço Italiano](#)**

**[Como Encantar seu Príncipe \(Livro 3 da série Bebês](#)**

**[Inesperados\)](#)**

***Um Herdeiro para o Sheik (Spin-off de A Eleita do Grego)***

***O Devasso e a Viúva Virgem (Livro spin-off da série Alma***

***de Cowboy)***

***Senador Gray - Meu Cowboy Protetor(Livro 5 da série Alma***

***de Cowboy)***

***Tentadora Confusão (Série Acordo com o Cupido - Livro 1)***

**SOBRE A AUTORA**

D. A. Lemoyne iniciou como escritora em agosto de 2019

com o livro Seduzida, o primeiro da saga Corações Intensos. De lá para cá, foram várias séries de sucesso como Alma de Cowboy, Irmãos Oviedo, Irmãos Kostanidis entre outros.

Sua paixão por livros começou aos oito anos de idade quando a avó, que morava em outra cidade, a levou para conhecer sua “biblioteca” particular, que ficava em um quarto dos fundos do seu apartamento. Ao ver o amor instantâneo da neta pelos livros, a senhora, que era professora de Letras, presenteou-a com seu acervo.

Brasileira, mas vivendo atualmente na Carolina do Norte, EUA, a escritora adora um bom papo e cozinhar para os amigos.

Seus romances são intensos, e os heróis apaixonados. As heroínas surpreendem pela força.

Acredita no amor, e ler e escrever são suas maiores paixões.

Contato: [dalemoynewriter@gmail.com](mailto:dalemoynewriter@gmail.com)

[1] Protagonista de Uma Mãe para a Filha do CEO. A mãe adotiva de Olívia era brasileira.

[2] Cidade fictícia criada para a série.

[3] Cidade fictícia em Minas Gerais, criada especialmente para o livro.

[4] Protagonista do livro 2, “Inesperado Irresistível”.

[5] Protagonista do livro 3, “Perdição de Vizinho”.

[6] Protagonista do livro 4, “Adorável Cretino”.

[7] Cidade turca, cuja diferença de fuso horário para o Brasil são seis horas.

[8] Esse personagem aparece em Um Herdeiro para o Sheik. Ele, assim como Emir e os outros irmãos que surgirão ao longo da história, é primo do Sheik Kamal.

[9] Protagonista do livro 1 da série Irmãos Oviedo, Uma Mãe para a Filha do CEO.

[10] Protagonista de Destinada ao CEO, spin-off da série Irmãos Oviedo.

[11] Personagem que aparece em todos os livros da saga Irmãos Oviedo e que

terá seu próprio livro no futuro, Valentina ou princesa Nina, como a família a chama, é filha do primeiro casamento de Guillermo Oviedo.

[12] Marido de Isabel Oviedo e protagonista de Destinada ao CEO.

[13] Profissional responsável por receber os clientes em restaurantes e

encaminhá-los para a mesa.

[14] Bairro do Rio de Janeiro.

[15] Gíria regional, significando que fala muito.

[16] Bairro nobre do Rio de Janeiro.

[17] Esse personagem terá seu próprio livro no futuro.

[18] Protagonista de Uma Mãe Para a Filha do CEO, livro 1 da série Irmãos

Oviedo.

[19] “Você é tão bonita.”

[20] Esse personagem será protagonista de um dos livros da série turca.

[21] “Mãe” em turco.

[22] Outro bairro do Rio de Janeiro.

[23] “Meu mel”.

[24] “Minha linda.”

[25] “Minha linda.”

[26] “Minha rosa.”

[27] “Alô? Quem está falando?”

[28] “Minha linda.”

[29] Música de Elvis Presley.

[30] Usei de licença literária, já que dificilmente haveria uma faculdade no

Brasil que desse como opção de língua o turco.

[31] Protagonista do livro Um Herdeiro para o Sheik.

[32] Emirado fictício e criado para o livro Um Herdeiro para o Sheik.

[33] “ Mãe”.

[34] Aqui usei de licença literária para encurtar o período de recuperação do coma induzido.

[35] “Minha vida” ou “Minha alma”.

[36] “Minha vida”.

# Document Outline

- [Copyright © 2022](#)
- [NOTA DA AUTORA:](#)
- [Prólogo](#)
- [Capítulo 1](#)
- [Capítulo 2](#)
- [Capítulo 3](#)
- [Capítulo 4](#)
- [Capítulo 5](#)
- [Capítulo 6](#)
- [Capítulo 7](#)
- [Capítulo 8](#)
- [Capítulo 9](#)
- [Capítulo 10](#)
- [Capítulo 11](#)
- [Capítulo 12](#)
- [Capítulo 13](#)
- [Capítulo 14](#)
- [Capítulo 15](#)
- [Capítulo 16](#)
- [Capítulo 17](#)
- [Capítulo 18](#)
- [Capítulo 19](#)
- [Capítulo 20](#)
- [Capítulo 21](#)
- [Capítulo 22](#)
- [Capítulo 23](#)
- [Capítulo 24](#)
- [Capítulo 25](#)
- [Capítulo 26](#)
- [Capítulo 27](#)
- [Capítulo 28](#)
- [Capítulo 29](#)

- [Capítulo 30](#)
- [Capítulo 31](#)
- [Epílogo 1](#)
- [Epílogo 2](#)
- [Cenk Yavuz Aydin](#)
- [PAPO COM A AUTORA](#)
- [Obras da autora](#)
- [SOBRE A AUTORA](#)